



LETÍCIA FERNANDES GARCIA WAGATSUMA GRANADO

**IDENTIFICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO
SIMULTÂNEA INTRAMODAL – SINAIS INTERNACIONAIS
PARA LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGET/UFSC), como pré-requisito para defesa de dissertação de Mestrado.

Orientador: Prof. Markus J. Weininger
Co-orientadora: Profa. Flaviane Reis

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Granado, Leticia Fernandes Garcia Wagatsuma
Identificação de Estratégias de Interpretação
Simultânea Intramodal - Sinais Internacionais para
Libras / Leticia Fernandes Garcia Wagatsuma Granado
; orientador, Markus Johannes Weininger,
coorientadora, Flaviane Reis, 2019.
173 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos da
Interpretação. 3. Interpretação Simultânea Intramodal.
4. Intérprete Surdo. 5. Interpretação de Sinais
Internacionais-Libras . I. Weininger, Markus
Johannes. II. Reis, Flaviane. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução. IV. Título.

Letícia Fernandes Garcia Wagatsuma Granado

**IDENTIFICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO
SIMULTÂNEA INTRAMODAL – SINAIS INTERNACIONAIS
PARA LIBRAS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal da Santa Catarina.

Florianópolis, 30 de janeiro de 2019.

Prof.^a Dr.^a Dirce Waltrick do Amarante
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Markus Johannes Weininger
Orientador e presidente
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/PPGET

Prof.^a Dr.^a Flaviane Reis
Co-orientadora
Universidade Federal de Uberlândia – UFU/FACED

Prof.^a Dr.^a Ana Regina e Souza Campello
Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES

Prof.^a Dr.^a Débora Campos Wanderley
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/DLSB

Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/PPGLin

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado força para concluir todo esse trabalho. Batalhei muito para chegar aqui e sei o quanto valeu a pena, porque Ele estava guardando o melhor para mim.

Aos meus pais, André e Luciana por terem me dado uma chance de crescimento única e sou muito grata por ter conquistado tudo o que tenho.

Aos meus avôs, Lena e Divino, por terem me dado todo apoio e amor.

Ao meu noivo, Jarkko Keränen, por ser a melhor pessoa que eu poderia ter ao meu lado em alguns momentos, mesmo estando em outro canto do mundo, por me incentivar e motivar esse trabalho, por acolher minhas dificuldades, tentando sempre contribuir para a superação destas.

Ao meu orientador, Markus Weininger, pela orientação, paciência, dedicação e atenção em todas as etapas deste trabalho.

À minha co-orientadora, Flaviane Reis, por ter me dado uma oportunidade de trabalhar com você. Espero continuar aprendendo sempre contigo!

Às minhas amigas, Edinata, Gabriela e Luana, por compartilharem os momentos de alegria e tristeza, pelas sugestões, conversas, almoços e jantares.

Aos professores, André Reichert e Rachel Sutton-Spence, pelas contribuições na leitura do texto na banca de qualificação, pelas sugestões para melhorar esse trabalho.

Às professoras convidadas, Ana Regina, Débora Wanderley e Marianne Stumpf, por terem aceitado o convite para a banca de defesa. Tenho certeza de que tudo o que vou aprender vou levar por toda a minha vida. Toda a minha gratidão e carinho.

À minha amiga muito querida, Mairla Pires, que revisou a minha dissertação cuidadosamente e carinhosamente.

A CAPES, pelo apoio financeiro ao *8th Deaf Academics and Researchers Conference* em Copenhagen, Dinamarca.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela oportunidade de realizar esta pesquisa com bolsa de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

RESUMO

As pesquisas sobre os intérpretes surdos no Brasil são ainda escassas, existem mais pesquisas internacionais sobre o assunto e estas pesquisas têm sido desenvolvidas no mundo afora pelos pesquisadores e intérpretes experientes na área de interpretação de língua de sinais. O surdo pode atuar como um intérprete profissional tanto quanto os ouvintes. No Brasil, os intérpretes surdos passaram a ser reconhecidos na comunidade surda a partir de 1993, onde iniciaram nas conferências (CAMPELLO, 2014) mas, geralmente, além de ter um certificado de proficiência – ProLibras, ainda não há formação profissional de interpretação para os mesmos. Recentemente, os intérpretes surdos são encontrados nas conferências brasileiras e têm interpretado simultaneamente em Sinais Internacionais (SI) para Língua de Sinais Brasileira (Libras) e vice-versa. SI não é considerado uma língua oficialmente, pois ele não tem uma comunidade de origem definida. Mesmo assim, serve como uma espécie de língua franca equidistante em encontros internacionais de surdos. Alguns autores como Adam et al (2014), Bienvenu e Colonomos (1991), Boudreault (2005), Moody (2002;2008), Stone (2009) são citados como base nesta pesquisa e destacam a importância da formação para os intérpretes surdos. Esta pesquisa tem como objetivo analisar exemplos de interpretação intramodal de conferência simultânea de SI para Libras e vice-versa para verificar se há estratégias específicas na interpretação intramodal simultânea entre SI e Libras na configuração da interpretação com espelhamento, onde cada um tem o seu trabalho diferente: intérprete interlingual, intérprete intralingual e intérprete de apoio. Foram encontradas através dos resultados da análise três categorias de estratégias: 1) estratégias linguísticas; 2) estratégias de colaboração; e 3) estratégias de preparação. Os resultados da pesquisa podem contribuir para 1) tornar a interpretação intramodal por intérpretes surdos mais evidente; 2) discutir possibilidades de formação, preparação e segurança do profissional para desenvolver as suas habilidades práticas; 3) colaborar com as futuras pesquisas na área dos Estudos da Interpretação para os Surdos; e 4) incluir os intérpretes surdos no campo de tradução e interpretação de Língua de Sinais.

Palavras-chave: Sinais Internacionais. Intérprete Surdo. Interpretação intramodal simultânea. Interpretação de Sinais Internacionais-Libras.

ABSTRACT

Researches on Deaf interpreters in Brazil are still scarce, there are many international researches about this topic and these researches have been developed around the world by researchers and interpreters experienced in the area of sign language interpretation. Deaf persons can act as a professional interpreter as much as the hearing. In Brazil, Deaf interpreters began to be recognized in the Brazilian deaf community beginning in 1993, where they started to work at international conferences (CAMPELLO, 2014), but in general, besides having a certificate of proficiency – *ProLibras*, there is still no specific training for them. Recently, Deaf interpreters are found at Brazilian conferences and they have simultaneously interpreted from International Sign (IS) to Brazilian Sign Language (Libras) and vice versa. International Sign (IS) is not officially considered a language, as it does not have a defined community of origin. Even so, it serves as a sort of equidistant lingua franca in international deaf meetings. Some authors such as Adam et al. (2014), Bienvenu and Colonomos (1991), Boudreault (2005), Moody (2002;2008), Stone (2009) are cited as base of this research and they highlight the importance of training for Deaf interpreters. This research aims to analyse examples of intramodal interpretation of simultaneous conference of IS to Libras and vice versa if there are specific strategies in the simultaneous intramodal interpretation between IS and Libras in the setting of the interpretation with mirroring, where each one has its different work: interlingual interpreter, intralingual interpreter and co-interpreter. Three categories of strategies were found trough the results of the analysis: 1) linguistic strategies; 2) collaboration strategies; 3) preparation strategies. The results of the research may contribute to 1) making intramodal interpretation by Deaf interpreters more evident; 2) discussing possibilities of training, preparation and safety of the professional to develop their practical skills; 3) collaborating with future researches on Interpretation Studies in the field of Sign Language Interpretation and Translation; and 4) including Deaf Interpreters in the field of Sign Language Translation and Interpretation

Keywords: International Sign. Deaf Interpreter. Intramodal Simultaneous Interpretation. International Sign-Libras Interpretation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Intérpretes surdos na configuração da interpretação com espelhamento.....	48
Figura 2: Interpretação presencial.....	50
Figura 3: Interpretação via televisão.....	51
Figura 4: Interpretação de cabine.....	52
Figura 5: Modelo adaptado da Interpretação <i>Relay</i> de Bienvenu e Colonomos.....	53
Figura 6: Interpretação <i>Relay</i>	54
Figura 7: Interpretação com espelhamento.....	55
Figura 8: Processo da interpretação.....	59
Figura 9: Gravação para coleta dos dados.....	75
Figura 10: Trilhas no <i>software</i> ELAN.....	77
Figura 11: Análise I – Palestra sobre Pedagogia surda.....	81
Figura 12: Análise II – Palestra sobre Literatura Surda.....	81
Figura 13: Hierarquia de estratégias linguísticas.....	84
Figura 14: Relação entre o palestrante e o intérprete interlingual.....	85
Figura 15: Intersecção de conjuntos.....	91
Figura 16: Mapa de El Salvador.....	92
Figura 17: Relação entre o palestrante e os intérpretes interlingual e intralingual.....	94
Figura 18: Lag time na interpretação simultânea intramodal.....	98
Figura 19: Relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual.....	101
Figura 20: Apontamento.....	108
Figura 21: Relação entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual.....	110
Figura 22: Relação entre o intérprete de apoio e o intérprete intralingual.....	113
Figura 23: Relação entre os intérpretes de apoio e o intérprete intralingual.....	117
Figura 24: Hierarquia de Estratégias de Colaboração.....	119
Figura 25: Hierarquia de Estratégias de Preparação.....	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Reconhecimento dos intérpretes surdos como profissionais	44
Quadro 2: Estratégias da Interpretação Intermodal: Inglês-SI	67
Quadro 3: Trilhas do <i>software</i> ELAN	77
Quadro 4: O uso do <i>mouthng</i> na interpretação intramodal	86
Quadro 5: Subtipos do <i>lag time</i>	96
Quadro 6: Relação e tempo do <i>lag time</i>	100
Quadro 7: Tipos de <i>feedback</i> e resumo conceitual	126
Quadro 8: Estratégias Semelhantes à interpretação intramodal voz-voz	142
Quadro 9: Estratégias intramodais semelhantes à interpretação intermodal	145
Quadro 10: Estratégias específicas da Interpretação de SI	149
Quadro 11: Estratégias específicas intramodais visuais	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i>
DI	<i>Deaf Interpreter</i>
EFSLI	<i>European Forum of Sign Language Interpreters</i>
ELAN	<i>EUDICO Linguistic Annotator</i>
EN	<i>English</i>
EUMASLI	<i>European Master in Sign Language Interpreting</i>
FEBRAPILS	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IS	<i>International Sign</i>
LIBRAS	Língua de Sinais Brasileira
LA	Língua-alvo
LF	Língua-fonte
LO	Língua Oral
LS	Língua de Sinais
PT	Português
SI	Sinais Internacionais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
WASLI	<i>World Association of Sign Language Interpreters</i>
WFD	<i>World Federation of the Deaf</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 JUSTIFICATIVA	23
1.2 OBJETIVOS	26
2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA EM SINAIS INTERNACIONAIS	29
2.1 AS PERSPECTIVAS DO TERMO: <i>INTERNATIONAL SIGN</i>	29
2.2 INTÉRPRETES SURDOS	34
2.3 AS PERSPECTIVAS SOBRE INTÉRPRETE SURDO NO CAMPO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO	36
2.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS INTÉRPRETES SURDOS NO MUNDO	43
2.5 INTÉRPRETES DE SINAIS INTERNACIONAIS	46
2.5.1 Interpretação direta	49
2.5.1.1 Interpretação presencial	49
2.5.1.2 Interpretação via televisão	50
2.5.1.3 Interpretação de Cabine	51
2.5.2 Interpretação indireta	52
2.5.2.1 Interpretação <i>relay</i>	52
2.5.2.2 Interpretação com espelhamento	54
2.6 FORMAÇÃO PARA INTÉRPRETES DE SINAIS INTERNACIONAIS	59
2.7 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO: INGLÊS – SINAIS INTERNACIONAIS	66
3 METODOLOGIA	71
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	71
3.2 A SELEÇÃO DE DADOS DA PESQUISA	72
3.3 INTÉRPRETES SURDOS PARTICIPANTES	74
3.4 O <i>SOFTWARE</i> ELAN – EUDICO LINGUISTIC ANNOTATOR .	76
3.5 PRÉ-ANÁLISE DOS VÍDEOS.....	80
4 RESULTADOS DA ANÁLISE	83
4.1 ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS.....	83
4.1.1 Palestrante ↔ intérprete interlingual	84
4.1.1.1 <i>Mouthing</i> (EN-PT).....	85
4.1.1.2 Correção de erros do palestrante	87
4.1.1.3 Complemento.....	89
4.1.1.4 Descrições imagéticas	90

4.1.2 Palestrante → Intérprete interlingual → Intérprete intralingual	93
4.1.2.1. <i>Lag Time</i>	94
4.1.3 Intérprete interlingual ↔ Intérprete intralingual	101
4.1.3.1 Pistas de prosódia visual	101
4.1.3.2 Ampliação do espaço de sinalização	103
4.1.3.3 Marcadores discursivos	105
4.1.3.4 Apontamento	108
4.1.4 Intérprete de apoio ↔ intérprete interlingual	110
4.1.4.1 Complemento	111
4.1.5 Intérprete de apoio ↔ intérprete intralingual	113
4.1.5.1 Correção	114
4.1.5.2 Complemento	116
4.2 ESTRATÉGIAS DE COLABORAÇÃO	118
4.2.1 Palestrante ↔ Intérprete interlingual	119
4.2.1.1 Solicitação do sinal pelo palestrante	120
4.2.1.2 Soletração enfatizada	121
4.2.1.3 Solicitação do intérprete	123
4.2.1.4 Confirmação	125
4.2.2 Intérprete interlingual ↔ Intérprete intralingual	126
4.2.2.1 <i>Feedback</i>	126
4.2.2.2 Aviso	129
4.2.2.3 Transmitir segurança	130
4.2.3 Intérprete de apoio ↔ Intérprete interlingual	132
4.2.3.1 <i>Feedback</i>	132
4.2.4 Intérprete de apoio ↔ Intérprete intralingual	133
4.2.4.1 Aviso	133
4.3 ESTRATÉGIAS DE PREPARAÇÃO	134
4.3.1 Estratégias prévias de longo prazo	135
4.3.2 Pré-evento	136
4.3.3 No momento do evento	138
4.3.4 Pós-evento	138
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	141
5.1 ESTRATÉGIAS SEMELHANTES À INTERPRETAÇÃO INTRAMODAL VOZ-VOZ	142
5.2 ESTRATÉGIAS SEMELHANTES À INTERPRETAÇÃO INTERMODAL VOZ-SINAL	145
5.3 ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS DA INTERPRETAÇÃO DE SI	149

5.4 ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS DA INTERPRETAÇÃO INTRAMODAL VISUAL	150
5.5 RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS PARA A FORMAÇÃO DE INTÉRPRETES SURDOS INTRAMODAIS	153
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS	161
ANEXOS	173

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais, uma língua reconhecida pela lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto n. 5626/2005, está cada vez mais conhecida pela sociedade brasileira, e de acordo com a pesquisa feita pelo IBGE em 2015, há aproximadamente 9,7 milhões de surdos e deficientes auditivos no país e, dentre destes, há uma comunidade minoritária que usa esta língua – Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nem todos são usuários de Libras, pode haver diversos graus de surdez em cada pessoa. Esta lei tem ajudado a valorizar e preservar a necessidade de uso de Libras, permanecendo garantido o seu uso na comunidade surda e em contatos oficiais com órgãos do governo. Depois da aprovação desta Lei e do Decreto que “incentivara as conquistas dos surdos na Educação Superior e na formação de professores surdos em cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado” (REIS, 2015, p. 49), também teve incentivo aos ouvintes que desejam aprender Libras e ser intérpretes/tradutores com formação profissional.

Desde 2006, com o surgimento do curso de Letras Libras (Ensino à Distância) em licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pelo apoio do Ministério da Educação (MEC), tem sido incentivado que os surdos se formem como professores na educação básica e superior. Dois anos depois, surgiu uma outra modalidade, bacharelado, no curso de Letras Libras, que oportuniza os intérpretes e/ou tradutores a terem formação profissional. Esse curso, oferecido pela UFSC, inicialmente surgiu através do Ensino à Distância (EaD) em 15 polos nos estados do Brasil para 450 alunos (CERNY; VILHALVA, 2014). Atualmente, existem sete cursos presenciais e um curso EaD de Letras Libras em bacharelado nas universidades federais (RODRIGUES, 2018). Rodrigues e Beer (2015) demonstram o crescimento da tradução de Língua de Sinais (LS), que começou a manifestar-se no contexto universitário. Desde então, passou a ser exigido a acessibilidade para os alunos surdos. Rodrigues e Beer apresentam as quatro oportunidades de trabalho que são importantes:

- (i) campo de atuação profissional; (ii) como curso de graduação e, por sua vez, como conteúdo de ensino; (iii) como temática de pesquisa, e também, (iv) como possibilidade de extensão” (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 32).

No Brasil, existe também a Lei nº 12.319/2010, que rege a profissão de tradutor e intérprete de Libras. Para serem intérpretes profissionais, necessitam de formação e exige fluência, ética profissional e compreensão linguística e cultural para interpretar e/ou traduzir de Libras para português e/ou vice-versa, na forma consecutiva ou simultânea. Assim, Campello afirma, “a formação de um intérprete/tradutor de língua de sinais profissional, acadêmico e reconhecido é necessária na área de tradução” (CAMPELLO, 2014, p. 163).

A principal questão desta pesquisa é: Existem estratégias próprias da interpretação simultânea intramodal – SI para Libras – na configuração de interpretação com espelhamento?

Nesta pesquisa, espera-se encontrar elementos para contribuir à discussão científica da interpretação intramodal LS-LS no Brasil. Um dos problemas é que não há teoria básica sobre a interpretação simultânea intramodal, sendo língua de sinais para outra língua de sinais. Outro problema é que a interpretação intramodal – de SI-Libras e de Libras-SI – ainda é pouco estruturada e carece de formação e o que pode influenciar o processo da interpretação é a falta da habilidade prática do intérprete surdo. Para contribuir com o desenvolvimento dessa área, é importante esclarecer o trabalho da interpretação intramodal e conscientizar para a necessidade de melhorar a qualidade do processo da interpretação simultânea.

A interpretação intramodal se apresenta como uma situação de interpretação específica com exigências diferentes, as estratégias podem ser encontradas para evitar problemas e melhorar a qualidade e o profissionalismo desse trabalho. As estratégias são aqueles métodos para alcançar os resultados. No caso da interpretação, as estratégias podem ser usadas como métodos para que transmitir a mensagem com sucesso. Segundo Bartholamei e Vasconcellos (2008, p. 30), definem o conceito ‘estratégia’:

[...] podemos, então, dizer que uma estratégia consiste em um conjunto de planos potencialmente conscientes para solucionar o que, para um indivíduo, se apresenta como um problema de tradução/interpretação.

Na interpretação simultânea existem as estratégias de interpretação, o que o intérprete utiliza para atingir as metas e produzir uma interpretação bem-sucedida. Pagano (2014, p. 20) diz que “geralmente, faz-se uma observação daquelas estratégias utilizadas pelos

usuários mais bem-sucedidos e experientes, procedendo-se ao registro delas, para assim poder instruir os aprendizes menos experientes”. O intérprete surdo deve conhecer sim as estratégias da interpretação intramodal – sendo língua de sinais para outra língua de sinais – na modalidade espaço-visual simultaneamente, para evitar os futuros problemas. Pagano (2014) justifica que a estratégia, no caso do tradutor, é necessária para ser utilizada para sua formação e melhoria na qualidade da profissão e que os tradutores utilizem as estratégias de resolução de problemas eficientes, para garantir o seu sucesso.

No capítulo 2, esse trabalho apresentará: 1) as perspectivas do termo: Sinais Internacionais; 2) intérpretes surdos; 3) as perspectivas sobre intérpretes surdos no campo de tradução e interpretação; 4) Formação profissional dos intérpretes surdos no mundo; 5) intérpretes surdos de Sinais Internacionais; 6) Formação para intérpretes de Sinais Internacionais; 7) Estratégias de interpretação: inglês-SI.

No capítulo 3, apresentaremos os tipos de metodologia que possibilita analisar e identificar as estratégias da interpretação simultânea intramodal – Sinais Internacionais (SI) para Libras – de conferência durante o processo da interpretação.

No capítulo 4, apresentaremos as três categorias das estratégias linguísticas, das estratégias de colaboração durante o processo da interpretação simultânea intramodal SI-Libras, entre o palestrante e os intérpretes interlinguais, intralingual e apoio e, também, quando percebemos a falta de algo, apresentaremos as estratégias de preparação.

No capítulo 5, discutiremos geralmente sobre as estratégias da interpretação intramodal, com o objetivo de contextualizar os resultados mostrados no capítulo anterior, interpretar a sua significação e mostrar a relevância no sentido da proposta desse trabalho.

Nesta dissertação, todas as citações apresentadas em inglês foram traduzidas por nós, a fim de passar as informações para a comunidade surda, e espera-se a enriquecer as novas futuras pesquisas nos estudos da interpretação de Língua de sinais no Brasil.

1.1 JUSTIFICATIVA

As pesquisas sobre intérpretes surdos no Brasil são ainda escassas; existem mais pesquisas internacionais sobre o assunto, e estas pesquisas têm sido desenvolvidas no mundo afora, pelos pesquisadores e intérpretes experientes na área de tradução e/ou interpretação de língua de sinais. No Brasil, temos poucos intérpretes surdos, que são

experientes e atuam como profissionais há anos, mas estes em geral não têm formação profissional comprovada oficialmente e reconhecida como intérprete profissional e efetivo. No quarto capítulo, que apresenta informações sobre o Decreto n. 5626 de 2005, mostra sobre a formação do tradutor e intérprete de Libras. Nota-se que, não são só os intérpretes que ouvem necessitam de formação, os intérpretes surdos também necessitam de formação superior:

Profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de língua de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos (BRASIL, 2005).

O curso de Letras Libras em bacharelado inicialmente foi criado exclusivamente para os ouvintes que querem tornar-se intérprete profissional, como profissão oficialmente reconhecida com formação superior. Depois, Letras Libras em bacharelado foi abrindo aos poucos para os candidatos surdos, com algumas limitações por causa de algumas disciplinas que são específicas na prática com a interpretação sinal-oral e vice-versa e poucos se inscreveram nesse curso.

Apesar de muitos intérpretes surdos não possuírem ainda uma formação superior na área de tradução/interpretação de Libras, eles podiam ter um certificado provisório (validação) que é chamado de ProLibras, que é um exame de proficiência para comprovar a fluência em Libras para 1) ensino de Libras; e 2) interpretação e tradução de Libras. Por meio da aprovação em um teste de ProLibras, os intérpretes recebiam o certificado provisório que vale por 10 anos. Porém, esse período de transição acabou e ainda não foram discutidas novas formas de preparação dos profissionais surdos para a atividade da interpretação intramodal.

O curso de Letras Libras em bacharelado precisa incluir as novas disciplinas para que os intérpretes surdos possam praticar por um tempo determinado. Assim, eles terão oportunidade de aprender e praticar junto com os profissionais, adquirindo os novos conhecimentos e ganhando novas experiências nesta área. Precisamos demonstrar a importância da inclusão dos intérpretes surdos no campo de tradução e/ou interpretação de Libras, que “sejam reconhecidos como intérprete profissional quanto aos intérpretes ouvintes de Língua de Sinais Brasileira” (REIS, 2013, p. 160).

Um marco histórico aconteceu quando uma intérprete surda, Flaviane Reis, foi vista academicamente pela primeira vez no 1º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras

& Língua Portuguesa, em 2008, em Florianópolis, interpretando a apresentação do palestrante surdo estrangeiro, o vice-presidente (na época), Juan Druetta, que apresentou em Sinais Internacionais sobre o Intérprete Surdo. O tópico da sua apresentação e a atuação do intérprete surdo presente no momento da apresentação surpreendeu o público. Desde então, o tema foi discutido pela comunidade surda no Brasil. Recentemente surgiram pesquisas feitas pelos intérpretes surdos no mundo todo e isso ajudou a destacar a importância dos intérpretes surdos, para serem reconhecidos como profissionais, como os intérpretes ouvintes. Acreditamos que surgirão mais pesquisas sobre o tema no Brasil, para reconhecer a profissão dos intérpretes surdos daqui para frente.

Espera-se que esta dissertação ajude nisso; surdos que desejam podem tornar-se intérpretes profissionais e, também, a oportunidade de adquirir os conhecimentos sobre esta nova perspectiva para os intérpretes surdos na comunidade surda. Os intérpretes surdos serão cada vez mais reconhecidos e valorizados, desse modo as novas pesquisas estimularão os surdos a terem motivação para atuar como intérprete.

Moody (2008) relata que, desde 1979, a *World Federation of the Deaf*¹ (WFD) tem equipe oficial de intérpretes de Sinais Internacionais² (SI), e a qualidade da comunicação e interpretação em SI tem progredido consideravelmente nos últimos trinta anos. Este autor não definiu se o intérprete de SI é surdo ou ouvinte, é referenciado como intérpretes que usam SI.

Na Europa, há o projeto “*Developing Deaf Interpreting*”³, apoiado por um programa Erasmus+⁴, que é cooperado por cinco parceiros – universidades (dentro da Europa) e ONGs⁵. O objetivo deste projeto é desenvolver interpretação para os surdos na Europa, eles realizarão vários estudos de interpretação de surdos, estes devem criar mais conhecimentos e compreensão da profissão, e irão desenvolver um

¹ Federação Mundial de Surdos (FMS), em português.

² Em inglês *International Sign*. O termo “Sinais Internacionais” foi traduzido e convencionalizado automaticamente pela comunidade surda.

³ “*Desenvolvimento da Interpretação de Surdos*”, em português. Site do projeto: <http://www.deafinterpreters.eu/>.

⁴ ERASMUS é um programa apoiado aos estudos e atividades europeias de ensino superior, promovendo a mobilidade e o intercâmbio de estudantes, professores e funcionários das instituições de ensino superior. Fonte: <http://erasmusmais.eu/o-programa#seccao-objetivo-geral>

⁵ Organizações não governamentais.

conjunto de recomendações para um currículo para a formação de intérpretes surdos.

No Brasil, os intérpretes surdos passaram a ser reconhecidos, desde “a inclusão de candidatos Surdos para a realização do Exame ProLibras na qualidade de tradutores/intérpretes de línguas de sinais, a partir de 2009” (CAMPELLO, 2014, p. 147). Os intérpretes surdos têm sido encontrados recentemente, podem ser os intérpretes de ASL⁶, SI e outra língua de sinais, os guia-intérpretes para surdos-cegos, intérpretes-facilitadores e outros, sabemos que eles não têm alguma formação superior na área de interpretação/tradução, alguns deles ao menos possuem um certificado provisório de ProLibras para trabalharem como intérpretes, e outros possivelmente podem trabalhar, com ou sem certificado provisório.

Há pouquíssimos intérpretes surdos que são experientes e trabalham há muitos anos, eles conhecem as estratégias da interpretação simultânea para transmitir as informações ao público, para que este compreenda bem. Eles são os exemplos para os intérpretes novatos, ensinam que a interpretação simultânea é imediata, que precisamos ser conscientes e responsáveis na interpretação, repassando as informações para o público.

Nesta pesquisa, identificaremos as estratégias da interpretação simultânea intramodal, sendo Sinais Internacionais (SI) como língua-fonte para Libras como uma língua-alvo, para contribuir aos esforços de melhorar a qualidade do seu trabalho.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo principal é encontrar estratégias de interpretação simultânea intramodal, ou seja, de uma língua de sinais para outra língua de sinais, em uma mesma modalidade espaço-visual, nesse caso, Sinais Internacionais para Libras.

Os objetivos específicos são:

- Analisar os dados reais da interpretação simultânea intramodal, de Sinais Internacionais (SI) como uma língua-fonte para Libras como uma língua-alvo na interpretação;
- Identificar estratégias linguísticas, estratégias de colaboração durante o processo da interpretação e estratégias de preparação.

⁶ Língua de Sinais Americana

- Apresentar os resultados para documentar a importância de incluir os intérpretes surdos no campo de tradução e interpretação de Língua de Sinais mediante uma formação específica.

Para alcançar esses objetivos, a principal questão de pesquisa deste trabalho é: Quais são boas práticas para a interpretação simultânea intramodal na configuração de interpretação com espelhamento na conferência?

Investigaremos essa questão de pesquisa para mostrar a realidade existente da interpretação Sinais Internacionais – Libras no Brasil e estimular uma reflexão sobre a preparação para este trabalho e sobre uma futura formação para os intérpretes surdos, sugerindo elementos para refinar alguns aspectos da interpretação simultânea intramodal de conferência no Brasil.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA EM SINAIS INTERNACIONAIS

Este capítulo apresenta as bases teóricas em diversas perspectivas dos autores sobre o termo *International Sign*; intérpretes surdos e as perspectivas sobre eles no campo de tradução e interpretação; e a sua formação profissional no mundo e no Brasil; intérpretes de Sinais Internacionais; e a formação para os mesmos; e por último, estratégias de interpretação intermodal. Este capítulo também apresentará os resultados iniciais na investigação de algumas questões básicas:

- O que é *International Sign*? É uma língua?
- Os surdos podem tornar-se intérpretes? E o que eles podem fazer?
- Como os intérpretes surdos trabalham em congressos?
- Quais seriam recomendações para uma formação profissional de interpretação para os surdos?

Relacionando-se às questões em cima, as bases teóricas dos autores e pesquisadores dos estudos da interpretação de surdos serão apresentadas.

2.1 AS PERSPECTIVAS DO TERMO: *INTERNATIONAL SIGN*

International Sign? É uma língua? Campello (2014) define o termo Língua de Sinais Internacionais é como “um sistema de sinais internacionais com o objetivo de melhor entendimento o uso de várias línguas de sinais, para criar uma língua fácil de aprender e de se comunicar”. Mas este termo ‘Língua de Sinais Internacionais’ não é usado mais, a *World Federation of the Deaf* (WFD) não votou em uma proposta para reconhecer Sinais Internacionais como uma língua, isso aconteceu provavelmente porque os pesquisadores em linguística e usuários de Sinais Internacionais não aprovaram essa ideia (MOODY, 2008). Mesch (2010, p. 4, tradução nossa⁷) também acrescenta que “atualmente o termo ‘*International Sign*’ é preferido, porque SI pode variar dependendo do contexto linguístico dos sinalizadores que o

⁷ *International Sign (IS) is preferred because IS varies depending on the language background of the signers who use it.*

utilizam” Esse contexto pode variar de língua, cultura, história dos sinais de seu país de origem. “O uso do termo *International Sign*, ao invés de *International Sign Language*, enfatiza que *International Sign* não é reconhecido como um status linguístico completo” (ADAM, 2012, p. 853, tradução nossa⁸). No Brasil, adotamos o termo “Sinais Internacionais”, em português, amplamente utilizado pela comunidade surda. Sinais Internacionais não é considerado com uma língua oficialmente, pois não tem uma comunidade de origem definida. Mesmo assim, serve como uma espécie de língua franca equidistante em eventos e encontros internacionais de surdos e é convencional pelos membros da *World Federation of the Deaf* (WFD). Ele “passou a ser usado sistematicamente” (CAMPELLO, 2014, p. 147) não só por ser convencional, mas também por ser uma “comunicação visual entre pessoas surdas de países diferentes que não têm uma língua de sinais para compartilhar” (CRASBORN; HIDDINGA, 2011, p. 492, tradução nossa⁹). Assim, quando um surdo de um país se encontra com um surdo estrangeiro, eles se comunicam expressando-se espontaneamente em SI. Mesch (2010) distingue as duas diferenças em uso de SI na comunicação: SI convencionalizado e comunicação informal entre os usuários das línguas de sinais nacionais. Sinais Internacionais convencionalizado é mais usado nos eventos e reuniões internacionais, enquanto o SI informal tem sido usado durante encontros informais de pessoas surdas nas viagens. Quando um surdo encontra um surdo de outro país, ambos não sabem SI. Como se comunicam? Quando os usuários de língua de sinais nunca tiveram contato em SI antes, isso pode ser chamado de *cross-signing*¹⁰ (ZEHSAN, 2015), quando, pela primeira vez espontaneamente surge a comunicação entre eles. Os usuários surdos de língua de sinais de países diferentes que não compartilham uma língua comum, sendo sinalizada ou escrita, são facilmente capazes de se engajar em conversas, por exemplo, durante eventos internacionais ou quando viajam (BYUN et al., 2017).

⁸ *Use of the term International Sign, rather than International Sign Language, emphasises that IS is not recognised as having full linguistic status.*

⁹ *We use the term INTERNATIONAL SIGN for the visual communication between deaf people from different countries who do not have a shared sign language.*

¹⁰ Sinalização cruzada, em tradução livre.

Moody (2008, p. 20, tradução nossa¹¹) evidencia que “SI tem sido usado pelos surdos europeus há 250 anos no mínimo, mas a comunicação com os surdos que vieram de outros países estava tendo sucesso nos encontros europeus vários séculos antes disso”. Adam (2012) relata que SI é um modo eficaz de comunicação para muitas pessoas surdas em contextos transnacionais e tem sido utilizado como uma língua franca em eventos como a *Deaflympics*¹² desde o seu início, com os primeiros “Jogos Silenciosos” em 1924, em que nove países europeus participaram. No ano de 1950, a WFD “considerou desejável alguma padronização de ‘gestos internacionais’ e foi formado um comitê de “Unificação de Sinais” (MOODY, 2008, p. 24, tradução nossa¹³) para selecionar os “sinais mais naturais, espontâneos e fáceis de uso comum por surdos de diferentes países” (BDA, 1975, tradução nossa¹⁴). Em 1975, a Associação de Surdos de Britânico publicou o livro “*Gestuno: International Sign Language of the Deaf*”, que tem mais de 1.500 vocábulos de ‘sinais internacionais’, na Inglaterra, mas “os surdos começaram a reclamar que os sinais no *Gestuno* não eram suficientemente icônicos para serem facilmente compreendidos” (MOODY, 2008, p. 24, tradução nossa¹⁵).

Rosenstock e Napier (2016, p. 4, tradução nossa¹⁶) definem o conceito ‘*Gestuno*’ como se referindo “[...] aos gestos e ao senso de unidade”. Em 1976, o *Gestuno* foi usado pela primeira vez no Congresso da WFD na Bulgária, e era incompreensível para os participantes surdos (Moody, 2008). Baker-Shenk e Cokely (1981) afirmam que o *Gestuno* é como o Esperanto, que não pode ser considerado uma língua por várias razões: 1) não possui gramática própria; 2) não existem usuários nativos do *Gestuno*; 3) pouquíssimas

¹¹ *IS has been in use by European Deaf people for at least 250 years, but Deaf people from different countries in Europe were certainly meeting and successfully communicating with each other for a few hundred years before that.*

¹² Surdolimpíadas, conhecida como Olimpíadas para Surdos, é um evento multidesportivo internacional.

¹³ *By the 1950s, the WFD felt that some standardization of ‘international gestures’ was desirable, and a committee on the ‘unification of signs’.*

¹⁴ *Naturally spontaneous and easy signs in common use by deaf people of different countries were selected.* Disponível em: <http://brettzmir.me/gestuno/?chapter=Introductory>. Acesso em: 12 mar. 2018.

¹⁵ *Deaf people soon began complaining that the signs in the Gestuno lexicon were not iconic enough to be readily understood.*

¹⁶ *The name Gestuno was chosen, referencing to gesture and a sense of oneness.*

pessoas são fluentes em *Gestuno*, somente quando há oportunidade de usar ou praticar. Moody relata sobre a interpretação formal em uso do *Gestuno* em 1979:

Lembro-me da primeira conferência da WFD, em 1979, que proporcionou a interpretação formal do *GESTUNO* em Copenhague. Percebemos que os sinais no livro não seriam facilmente compreendidos pelos participantes, então mudamos para usar SI que aprendemos com pessoas surdas em nossas viagens. (MOODY, 2008, p. 25, tradução nossa¹⁷)

Desde que distinguiram que o uso do *Gestuno* na comunicação e na interpretação não obteve nenhum sucesso, este termo “ficou fora de uso, e o livro também ficou mal-visto” (ROSENSTOCK; NAPIER, 2016, p. 4, tradução nossa¹⁸). A tentativa de aplicar o *Gestuno* resultou em um desastre comunicativo porque os intérpretes não fizeram o uso do espaço, ação construída ou expressão facial (HANSEN, 2016). Por essa razão esta modalidade ficou escassa e caiu em desuso. Lembrando, mesmo que seja usado para comunicação entre os limites de línguas de sinais diferentes e tendo empréstimo de várias línguas de sinais, SI não pode se comparar com o Esperanto porque não é uma língua planejada, com um léxico estabelecido e um conjunto fixo de regras gramaticais (ADAM, 2012). O termo “Sinais Internacionais” ainda é discutido em poucos estudos (publicados): Sinais Internacionais “também pode ser a língua franca para quebrar as barreiras linguísticas” (HANSEN, 2016, p. 21, tradução nossa¹⁹) em uso nas conferências internacionais. Hansen (2016, tradução nossa²⁰) complementa que SI não é o tipo da língua universal “entendida da mesma maneira e na mesma medida por sinalizadores em todo o mundo”. Para Moody (2002), Supalla e Webb (1995) e McKee e Napier (2002), Sinais Internacionais se define como

¹⁷ *I remember the first WFD conference which provided formal GESTUNO interpreting in 1979 in Copenhagen. We realized that the signs in the book would not be readily understood by the participants, so we shifted to using the IS signs which we learned from Deaf people in our travels.*

¹⁸ *The term Gestuno fell out of use, and so the book also fell out of favor.*

¹⁹ *IS can be termed as kind of lingua franca used to overcome linguistic barriers.*

²⁰ *IS is surely not a kind of universal language understood in the same way and to the same extent by signers all over the world.*

pidgin. Moody (2008) considera *pidgin* como uma língua de contato, com uma mistura de duas ou mais línguas em contato, em situações específicas. (Moody, 2002). Ele considera o termo SI como *pidgin* em razão de ser uma língua de contato que evoluiu entre as línguas de sinais. Supalla e Webb (1995) também definem este termo como *pidgin* típico, em uso de contato com grupos de línguas diferentes em algumas ocasiões específicas. Contudo, a partir dos resultados das suas pesquisas, eles descrevem outro tipo de *pidgin* em uso de Sinais Internacionais que é chamado de *koine*, o qual “se desenvolve entre as línguas faladas, onde as línguas em contato são extremamente semelhantes” (HOLM, 1988; ROMAINE, 1988 apud SUPALLA; WEBB, 1995, p. 349, tradução nossa²¹). O termo *pidgin* não se aplica muito bem ao SI. De acordo com Hansen (2016), cada *pidgin* pode diferir estruturalmente de acordo com os fatores linguísticos, sociais e históricos.

Os estudos sobre o *pidgin* desenvolveram-se fortemente nas línguas europeias em contextos (pós-)coloniais durante as duas últimas décadas. Whynot (2016, p. 35, tradução nossa²²) descreve que este termo da seguinte forma: “SI é uma área não suficientemente pesquisada, o contato de línguas de sinais que serve como uma língua franca de fato para a globalização de comunidades surdas”. Para Crasborn e Hiddinga (2011), o termo SI refere-se às formas de contato espontâneo em vez de formas mais convencionalizadas. Para lembrarmos, com o uso de diferentes elementos icônicos não convencionais, SI é bastante diferente das línguas de sinais nacionais que possuem um léxico padronizado e gramática fixa (HANSEN, 2016), não sendo uma língua universal. Hansen explica o motivo do SI não se enquadrar no conceito:

Não é uma língua nativa de uma comunidade surda, transmitida dos pais para crianças e de colegas para colegas. É usado somente em momentos específicos e em posições variadas, quando os usuários de diferentes línguas de sinais

²¹ *Koines develop between spoken language where the languages in contact are extremely similar.*

²² *International Sign (IS) is an underresearched form of sign language contact that serves as a de facto lingua franca for globalizing deaf communities.*

se reúnem (HANSEN, 2016, p. 17, tradução nossa²³).

Resumindo, referente às distintas perspectivas dos autores mencionados sobre o termo “Sinais Internacionais”, os conceitos e os argumentos embasados, pode ser considerado basicamente uma língua franca, com uma mistura de diversas línguas de sinais nacionais. Em consequência disso, é convencionado *ad-hoc*, por exemplo, em eventos, e expressado espontaneamente pelos surdos em encontros e conferências internacionais.

2.2 INTÉRPRETES SURDOS

Mesmo que pareça não ser conhecido amplamente, os intérpretes surdos surgiram há muitos anos e nós não percebemos. Reis (2013) elucida a história dos intérpretes surdos: eles já existiam muitos anos atrás, antes do Congresso de Milão em 1880, com suas diversas experiências de tradução (tradução de sinais caseiros; gestos e tradução de escrita para língua de sinais). Embora não houvésemos percebido, os intérpretes surdos sempre estiveram ali para ajudar outros surdos. Boudreault (2005, p. 324, tradução nossa²⁴) afirma que

[h]á muitas possibilidades de interpretação informal dentro da comunidade surda, onde alguns membros da comunidade possuem numerosas habilidades para atuar como facilitadores de comunicação. O contexto pode ser dentro de uma escola de surdos, no local de trabalho ou, ao se encontrar com pessoas ouvintes profissionais como advogados, médicos, etc. Este processo dos intérpretes surdos pode envolver em

²³ *It is not the native language of a Deaf community, transmitted from parents to children and peers to peers. It is used only in specific moments and in varying locations, when Deaf people with different native sign languages gather*

²⁴ *There are many possibilities for informal interpreting within Deaf community where some members of the community possess numerous skills to act as communication facilitators. The context can be within a Deaf school, the workplace or when meeting professional hearing people such as lawyers, doctors, etc. This DI process can involve voicing, gesturing, writing, or using other sign languages.*

expressar, gesticular, escrever ou usar outras línguas de sinais.

Considerando que a maioria dos intérpretes surdos possui a experiência de traduzir e/ou interpretar desde cedo, as suas experiências podem depender das situações: 1) ajudar os colegas surdos na sala de aula, interpretando de uma forma mais clara, para facilitar o entendimento do conteúdo; 2) interpretar para os surdos não-oralizados, acompanhando-os nas consultas médicas, bancos e outros; 3) interpretar para os surdos estrangeiros, na forma consecutiva ou simultânea, de Libras para Sinais Internacionais, dependendo da situação e, também pode ocorrer a vice-versa, no caso, para os surdos brasileiros que não conhecem SI; e outras experiências pessoais, em diversas situações.

A primeira situação é “[...] muito comum em uma sala de aula em escola para surdos ou mesmo em um contexto de ensino superior em que os professores ouvintes não se comunicam ou transmitem suas ideias claramente” (BOUDREAULT, 2005, p. 324, tradução nossa²⁵).

Já a segunda situação, estes surdos podem ser bilíngues, aqueles “que são culturalmente surdos, mas têm alguma capacidade residual para ouvir ou falar” (BOUDREAULT, 2005, p. 325, tradução nossa²⁶). O autor afirma que estes surdos bilíngues são frequentemente chamados para facilitar a comunicação entre audiência e pessoas surdas, com o processo natural da interpretação consecutiva em geral.

A última situação, é o que mais acontece recentemente, os surdos que interpretam de Libras → SI ou vice-versa, em qualquer evento, encontro e passeio, para comunicar com os surdos, facilitando a comunicação visual entre surdo-surdo.

Atualmente é usual encontrar surdos traduzirem e/ou interpretarem para outros surdos, ajudando-os a compreender melhor. Por essa razão, eles são possibilitados de se tornarem intérpretes e/ou tradutores profissionais. Dessa forma, encontramos poucos intérpretes surdos, sendo experientes e/ou novatos, e estes em geral não possuem a formação superior na área de interpretação e tradução. É importante salientar à nossa comunidade surda a importância da inclusão dos intérpretes surdos no campo de tradução e/ou interpretação de Libras,

²⁵ *A very common situation in a classroom at a school for the Deaf or even in a higher education context is that the hearing teachers do not communicate or transmit their ideas clearly.*

²⁶ *[...] who are culturally Deaf but have some residual ability to hear or to speak.*

que “sejam reconhecidos como intérprete profissional quanto aos intérpretes ouvintes de Língua de Sinais Brasileira” (REIS, 2013, p. 160).

2.3 AS PERSPECTIVAS SOBRE INTÉRPRETE SURDO NO CAMPO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Hoje em dia, os intérpretes ouvintes são encontrados em contexto escolar, acadêmico e religioso, esses têm certificação de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras (ProLibras²⁷), e eles também possuem conhecimento na área de interpretação e tradução, onde adquiriram no curso de Letras Libras em bacharelado. Segundo Rodrigues e Beer (2015, p. 31), “os primeiros intérpretes de língua de sinais de que se têm registro eram práticos, sem nenhuma formação acadêmica. Na maioria dos casos, eram familiares e amigos dos surdos ou religiosos preocupados em oferecer assistência ou evangeliza-los”. Atualmente, os intérpretes de Libras que trabalham são encontrados nas universidades, escolas, igrejas, prefeituras e outros lugares. Os intérpretes também podem trabalhar autonomamente. Os surdos podem solicitar os intérpretes particulares para acompanhá-los nas consultas médicas, reuniões do trabalho, na justiça e nas outras situações.

Mas o surdo pode atuar como um intérprete? Boudreault (2005, p. 323, tradução nossa²⁸) coloca a questão no seu capítulo: “Como uma pessoa surda pode ser um intérprete de língua de sinais na sua própria comunidade surda? Isso não pode ser. Você é surdo!”. Afinal, o que é o “Intérprete Surdo”? Apresenta-se a definição deste conceito no site *Deaf Interpreter Institute*²⁹:

Um Intérprete para surdos é um especialista que presta serviços de interpretação, tradução e transliteração na Língua de Sinais Americana e outras formas de comunicação visuais e táteis usadas por pessoas que são surdas, deficientes auditivas e surdocegas (Tradução nossa)³⁰.

²⁷ ProLibras é um exame de proficiência para comprovar a fluência em Libras.

²⁸ *How can a Deaf person be a signed language interpreter in your own Deaf community? It can't be. You're Deaf!*

²⁹ Instituto de Intérpretes Surdos. Disponível em: <http://www.diinstitute.org/>. Acesso em: 17 mar.2017.

³⁰ *A Deaf Interpreter is a specialist who provides interpreting, translation, and transliteration services in American Sign Language and other visual and tactual*

Essa questão tem sido considerada por surdos e ouvintes. É muito comum encontrar intérpretes que ouvem na comunidade surda. Estes trabalham com a interpretação consecutiva e, na maioria das situações, com a interpretação simultânea de Libras para Português ou vice-versa. Por isso, os intérpretes surdos podem ser confundidos com os intérpretes ouvintes. O intérprete surdo é praticamente um assunto novo para a comunidade surda. “O uso profissional de intérpretes surdos está aumentando em vários países e em diversos contextos” (STONE; RUSSELL, 2011, p. 100, tradução nossa³¹). Essa nova tendência tem surgido naturalmente na comunidade surda, surgem novas pesquisas sobre o intérprete surdo no mundo todo e o desenvolvimento da atuação dos intérpretes surdos brasileiros ainda está crescendo. No Brasil, os intérpretes surdos da modalidade interlingual passaram a ser reconhecidos a partir de 1993 (CAMPELLO, 2014). quando iniciaram sua atuação no espaço acadêmico.

Mas até hoje, a questão “surdo pode atuar como intérprete?” permanece entre as pessoas na comunidade surda. A atuação do intérprete surdo ainda está se desenvolvendo no campo de interpretação e tradução no Brasil. Boudreault (2005, p. 324) afirma que o processo do intérprete surdo pode envolver várias ações tais como expressar, gesticular, escrever, ou usar outras línguas de sinais. Esses processos da interpretação são vários, e cada intérprete surdo tem a própria experiência na prática; depende da situação em que ele pode se sentir seguro para trabalhar.

Essa diferença entre intérprete surdo e intérprete ouvinte ainda pode ser discutida no campo profissional. Essa nova perspectiva pode ser formulada nos seguintes termos: “como Intérpretes/Tradutores Surdos definiram o trabalho, e como eles se definiram como intérprete” (STONE, 2009, p. 80, tradução nossa³²). Com essa reflexão, o autor também argumenta que “estas diferenças podem identificar se o intérprete/tradutor surdo empreende o mesmo trabalho, um trabalho diferente, ou define o papel de um Intérprete ‘Surdo’ como diferente dos

communication forms used by individuals who are Deaf, hard-of-hearing, and Deaf-Blind. Disponível em: <http://www.diinstitute.org/what-is-the-deaf-interpreter/>. Acesso em: 17 mar. 2017.

³¹ *The professional use of Deaf Interpreters is increasing in several countries and across several contexts.*

³² *How Deaf T/Is defined the job and how they defined an interpreter.*

intérpretes ‘ouvintes’” (STONE, 2009, p. 80, tradução nossa³³). Existem alguns aspectos que diferenciam a forma de interpretação no campo profissional entre intérpretes ouvintes e intérpretes surdos, por eles possuírem diferentes relações com a cultura surda. Segundo Adam et al. (2014), os intérpretes ouvintes têm uma melhor compreensão e eficiência em língua falada, enquanto os intérpretes surdos têm em língua de sinais. Os ouvintes, por possuírem a melhor compreensão e eficiência em língua falada, eles “usam a audição como funcionamento auditivo pela habilidade nos atos do ouvir e do falar” (CAMPELLO, 2014, p. 148). Quanto aos surdos, Campello compara a diferença deles com os ouvintes que “acontece o mesmo com as pessoas surdas que usam as mãos como funcionamento visual pela habilidade nos atos do ver e do sinalizar” (CAMPELLO, 2014, p. 148). Portanto, os surdos se expressam melhor usando a língua de sinais, isso é, “envolvendo o corpo todo, no ato da comunicação” (CAMPELLO, 2014, p. 148). Ela também acrescenta que a “sua comunicação é do viso-gestual e produz inúmeras formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual”. Perlin e Miranda (2003, p. 218) assim definem a cultura surda:

[...] experiência visual significa usar a visão [...] como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

Por essa razão, alguns surdos exprimem possibilidade de atuarem como intérpretes por terem uma experiência visual e por conseguirem se expressar melhor usando a língua de sinais na comunicação com outros surdos. No caso da proficiência interpretativa, vale ressaltar que, além de serem nativos na língua de sinais, nas primeiras atuações de surdos como intérpretes, os surdos podem cometer os mesmos erros de intérpretes ouvintes iniciantes. Conformem os autores Adam et al. (2014), podemos apresentar algumas diferenças que eles incluem sobre os códigos de conduta na interpretação entre os intérpretes surdos e os intérpretes ouvintes:

³³ *These differences can identify whether the Deaf T/Is undertake the same job, a different job, or define the role of a ‘Deaf’ interpreter as different from that of a ‘hearing’ interpreter.*

- 1) Intérpretes surdos e ouvintes estão situados de forma diferente em relação aos seus hábitos (BOURDIEU, 1991) (ex.: onde os intérpretes surdos e ouvintes estão culturalmente colocados dentro de uma comunidade de uma língua minoritária);
- 2) Intérpretes surdos e ouvintes interpretam diferentes nuances da língua de forma diferente. (ex.: intérpretes de surdos têm uma melhor compreensão das nuances de língua de sinais, e intérpretes ouvintes têm uma melhor compreensão das nuances de língua oral);
- 3) A fala não é sempre uma parte central do trabalho do intérprete surdo (ADAM et al., 2014, p. 7, tradução nossa³⁴).

Complementando as diferenças entre eles, Morgan e Adam (2012 apud ADAM et al. 2014, p. 7, tradução nossa³⁵), afirmam que a “aceitação e reconhecimento do inventário de língua do intérprete, conjunto de habilidades, qualificações e experiência também diferem entre intérpretes surdos e intérpretes ouvintes”. Stone (2009, p. 80, tradução nossa³⁶) apresenta que uma das principais diferenças é o nível de relevância para o público construído, “o INTÉRPRETE tende a representar aos intérpretes ouvintes e a VISÃO DO SURDO [*deaf in-vision*’ em tradução livre] representa aos tradutores/intérpretes surdos”. Os intérpretes ouvintes e os intérpretes surdos têm diferentes focos no processo de interpretação (FLORESTAL et al, 2012), os intérpretes ouvintes concentram-se em assegurar que os consumidores ouvintes estão seguindo o processo, enquanto os intérpretes surdos se concentram, nos consumidores surdos.

³⁴ (1) *Deaf and hearing interpreters are situated differently with respect to their habitus (Bourdieu, 1991) (i.e., where Deaf and hearing interpreters are culturally placed within a minority language community); (2) DIs and hearing interpreters treat nuances of language differently (e.g., DIS have a better understanding of sign language nuances, and hearing interpreters have a better understanding of spoken language nuances); (3) speech is not always a central part of a DI's work.*

³⁵ *Acceptance and recognition of the interpreter's language inventory, skills set, qualifications, and experience also differ between DI and hearing interpreters.*

³⁶ *INTERPRETER tends to represent hearing interpreters and DEAF IN-VISION represents Deaf T/Is.*

Consequentemente, é importante distinguir as diferenças do trabalho entre os intérpretes surdos e os intérpretes ouvintes e, também, incluir o intérprete surdo no campo de tradução e interpretação de Libras para reconhecer a sua competência profissional. Os intérpretes surdos devem-se juntar aos intérpretes ouvintes no trabalho em equipe, no caso de conferências grandes. Na Polônia, um país europeu central, teve um curso de treinamento sob demanda no *EFSLI (European Forum of Sign Language Interpreters*³⁷) em 2011, que reuniu os intérpretes surdos e os intérpretes ouvintes no curso de formação:

Pensamos que todos aprenderam muitas informações novas relacionadas às boas práticas em termos de cooperação entre os intérpretes ouvintes e os intérpretes surdos. Eles, os formandos, tiveram uma oportunidade de adquirir este conhecimento não só com a base em apresentações teóricas, mas também em uma disciplina das atividades práticas (HUMMEL; KALATA-ZAWLOCKA, 2014, p. 15, tradução nossa³⁸).

O intérprete surdo pode trabalhar com a interpretação interlingual (que interpreta de uma língua de sinais para outra língua de sinais), sendo duas línguas diferentes de mesma modalidade espaço-visual ou seja, intramodal, por exemplo, ASL, SI, BSL³⁹ ou outra língua de sinais nacional, em que é traduzida para a língua de sinais brasileira, a Libras para o emissor brasileiro. Esse tipo de interpretação intramodal é aquela em que se traduz entre duas línguas da mesma modalidade. No caso da interpretação oral, seria inglês para português, que é da modalidade oral-auditiva. Já a interpretação intermodal, que pode ser deslocado entre duas modalidades diferentes, (de uma modalidade oral-auditiva para outra modalidade espaço-visual), que se traduz de uma língua oral para a língua de sinais. Por exemplo, de português para Libras. Nesse caso, são os intérpretes ouvintes que interpretam.

Ao invés da interpretação interlingual, de uma língua de sinais para outra língua de sinais, há uma outra forma de interpretação que

³⁷ Fórum Europeu de Intérpretes de Língua de Sinais

³⁸ *We think that everyone learnt a lot of new information related to good practices in terms of cooperation between a hearing and a Deaf interpreter. The trainees had a chance to gain this knowledge not only on the basis of theoretical presentations, but also in the course of practical activities.*

³⁹ Língua de Sinais Britânica

interpreta dentro de uma língua de sinais, o intérprete surdo pode atuar como intérprete intralingual, que é “uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua” (JAKOBSON, 1992 apud CAMPELLO, 2014, p. 154). Baseando-se em Pizzuto et al. (2006), Cuxac (1996) e Luchi (2013, p. 41), os autores escrevem que, “nas línguas de sinais há duas formas de produção de significado, uma pelas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) e a outra pelo léxico padrão e apontamentos manuais”, por exemplo, uma sentença em Libras que esteja estruturada na norma culta da língua, pode ser traduzida para Libras, em que a produção utiliza-se da descrição imagética. Pereira (2008) descreve um intérprete surdo:

No caso em que uma pessoa surda não é falante competente da Libras e um ILS não consegue estabelecer um entendimento com ela, pode ser chamada outra pessoa surda que por meio gestual consiga uma comunicação primária, mas satisfatória e não se trata de uma interpretação interlíngua e sim de uma comunicação gestual ou mímica (PEREIRA, 2008, p. 143).

A guia-interpretação também é um outro tipo da interpretação intralingual, na modalidade espaço-visual (intramodal), que é uma interpretação específica para os destinatários surdocegos ou surdos com uma visão limitada. Para McInnes e Treffru (1988) apud Almeida e Souza (2017), “a pessoa surdocega não é um surdo que não pode ver, nem um cego que não pode ouvir. É uma pessoa singular, única, com características próprias”. Surdocegos necessitam de guia-interpretação com as estratégias específicas, por exemplo, a descrição visual, para interagir com a sociedade. Almeida e Souza (2017) classifica os graus de perda para os surdocegos, que identificam o desenvolvimento da comunicação:

- a) Baixo nível: indivíduos surdocegos que tenham sua comunicação limitada à aspectos básicos;
- b) Nível médio: indivíduos surdocegos capazes de generalizar estratégias para a resolução de alguns problemas da vida cotidiana e de levar uma vida menos dependente;
- c) Alto nível: indivíduos surdocegos que desenvolvam estratégias de resolução de problemas e interesses. São capazes de levar

uma vida ativa e ter aprendizagem regular em relação às suas necessidades naturais. (ALMEIDA; SOUZA, 2017, p. 72)

Nesse caso, não é só intérprete surdo que trabalha com a guia-interpretação, pois encontramos também os intérpretes ouvintes que trabalham para os surdocegos. O guia-intérprete deve apresentar, segundo Almeida e Souza (2017, p. 79), “algumas habilidades essenciais para que consiga transmitir todas as informações de modo fidedigno e compreensível à pessoa surdocega”. Esse tipo de interpretação precisa ser ampliado e pesquisado por ser um assunto importante para a comunidade surda e surdocegueira.

Os intérpretes surdos são qualificados no trabalho interlingual e são geralmente capazes de fazer a interpretação intralingual e vice-versa (ADAM et al., 2014) desde que seja em uma única modalidade, a espaço-visual. Assim, os intérpretes surdos podem trabalhar na interpretação numa mesma língua, isto é, intralingual, ou com duas línguas (interlingual) na interpretação intramodal. Reis e Machado (2016) levantam a discussão sobre a função dos intérpretes surdos juntamente aos intérpretes interlingual:

[...] reconhece que, no processo de interpretação simultânea, o espaço cultural que ocupa o intérprete surdo no momento da interpretação intralingual e na interpretação entre línguas de sinais na situação da interpretação interlingual.⁴⁰

Os intérpretes surdos estão sendo cada vez mais reconhecidos na comunidade surda, revelando a grande importância de incluí-los no campo de tradução e interpretação de Língua de Sinais. Stone e Russell (2011) afirmam que veem as grandes oportunidades de trabalho para os intérpretes surdos que fornecem a interpretação de plataforma em conferências internacionais, ou fornecem a interpretação em transmissões de notícia na televisão.

⁴⁰ Pôster acadêmico apresentado no 5º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3456.pdf>.

2.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS INTÉRPRETES SURDOS NO MUNDO

A formação profissional em área de interpretação exige as atividades teóricas e/ou práticas de conhecimento, habilidades, éticas, atitudes para o exercício das funções próprias desta profissão. Nos Estados Unidos, o Registro de Intérprete para os Surdos (RID), que é uma organização nacional de intérpretes para os surdos, foi fundado em 1964, estabelecendo alguns requisitos para a atuação do intérprete (QUADROS, 2004).

Em 1972, o RID começou a selecionar os intérpretes oferecendo um registro após avaliação (QUADROS, 2004, p. 14), com o objetivo de ter uma formação qualificada, com um conhecimento geral em diversas áreas. Neste mesmo ano, “o status profissional de Intérpretes Surdos começou quando o RID [...] reconheceu formalmente o papel do Intérprete de Surdos estabelecendo o ‘*Reverse Skills Certificate*’ em 1972” (BOUDREAU, 2005, p. 325, tradução nossa⁴¹), mas estes certificados são oferecidos para os deficientes auditivos que trabalham com a interpretação / transliteração é prestada em ASL, inglês em modo oral e um código sinalizado para inglês ou inglês escrito e o RID teve que alterar o nome desta certificação algumas vezes. Finalmente, em 1998, o RID oferece o CDI (Certificado dos Intérpretes Surdos) para os surdos como intérpretes qualificados com registro oficial de formação (BOUDREAU, 2005).

Na Europa, teve o projeto “*Developing Deaf Interpreting*”, com apoio do programa Erasmus+, as suas pesquisas ocorreram na primavera em 2016 e o relatório foi finalizado em dezembro de 2016, o relatório do seu projeto é fornecer uma visão geral da situação atual da profissão de intérprete surdo na Europa, referenciando aos 1) números dos intérpretes surdos em cada país; 2) oportunidade de formação para os intérpretes surdos em cada país; 3) o trabalho realizado por intérpretes surdos; 4) o acesso dos intérpretes surdos às Associações Nacionais dos Intérpretes de Língua de Sinais; e 5) reconhecimento da profissão de Intérpretes Surdos.

De acordo com a pesquisa feita por este projeto, a maioria dos países na Europa, tem uma ou mais formas de reconhecimento dos Intérpretes Surdos como profissionais, este reconhecimento varia de país

⁴¹ *The professional status of DIs began when the Registry of Interpreters for the Deaf (RID), [...], formally recognized the role of the DI by establishing the Reverse Skills Certificate (RSC) in 1972.*

para país e as três normas seguintes parecem ter um forte impacto no nível de reconhecimento e consciência da interpretação de surdos como uma profissão: 1) uma educação formal, com intérpretes públicos, para os estudantes surdos; 2) um sistema público de registro ou autorização de intérpretes surdos; e 3) financiamento público da interpretação de surdos. Este projeto coletou dados de diversos países, resultando em seis: Áustria, Estônia, Finlândia, França, Alemanha e Reino Unido, sendo que todos tem as três normas do sistema da interpretação para os surdos. Apresenta-se o quadro dos níveis de reconhecimento à profissão dos intérpretes surdos:

Quadro 1: Reconhecimento dos intérpretes surdos como profissionais

Sem reconhecimento	Grau baixo de reconhecimento	Reconhecimento bom (ponto certo)	Alto grau de reconhecimento
Não há/pouquíssimo financiamento destinado à interpretação de surdos, sem formação, sem registro	Os países desta categoria dispõem de algum financiamento destinado à interpretação de surdo e/ou registro de intérpretes surdos	Os países desta categoria têm: financiamento público de interpretação de surdos, têm/tinham oportunidades de formação para os intérpretes surdos; e/ou registro de intérpretes surdos.	Os países desta categoria têm: financiamento público de interpretação de surdos, oportunidades de formação estabelecidas para intérpretes surdos e registro de intérpretes surdos.
Grécia Hungria Itália Croácia Letônia ? ⁴² Rússia ? Malta Geórgia	Sérvia Bélgica Holanda República Checa Polônia România Espanha Eslovênia Suíça	Dinamarca Noruega França Islândia Suécia Irlanda Portugal	Áustria Finlândia Alemanha Reino Unido Lituânia Estônia

⁴² A autora informa no documento o desconhecimento sobre a Letônia e a Rússia tem alguma forma de reconhecimento de interpretação surda.

Fonte: Lindsay (2016).

Segundo a pesquisa feita neste projeto, coletou-se os resultados dos números dos intérpretes nos 28 países europeus. Há, no mínimo 190 e, no máximo 310 intérpretes surdos que estão trabalhando recentemente. Os três principais países (Alemanha, França e Reino Unido) tem maiores números de intérpretes surdos, com mais de 16 intérpretes surdos. Nos Estados Unidos, Brück e Schaumberger (2014) afirmam que a equipe dos intérpretes surdos do *National Consortium of Interpreter Education Centers*⁴³ (NCIEC) recolheu a quantidade dos intérpretes surdos em 2007, em diversas áreas de interpretação – totalizando 197 intérpretes surdos. No Canadá, os intérpretes surdos são reconhecidos em uma interpretação entre duas línguas (ASL – *American Sign Language*⁴⁴ e LSQ – *Langue de Signes Québécoise*⁴⁵) (STONE; RUSSELL, 2011).

A WASLI também reconhece os intérpretes surdos como profissionais e são certificados com reconhecimento à profissão. Um dos objetivos da WASLI é promover a profissão de interpretação de língua de sinais em todo o mundo, e também apoiar as pessoas surdas a terem possibilidade de treinar e atuar como intérpretes.

No Brasil, como havíamos mencionado anteriormente na introdução, sobre o curso de Letras Libras – bacharelado, que objetiva em formar os intérpretes de Libras para a interpretação intermodal – português para Libras e vice-versa, acreditamos que é possível alterar o currículo do curso, incluindo as disciplinas que podem ser relacionadas aos estudos de tradução/interpretação intramodal para que os estudantes surdos possam adquirir os conhecimentos e as experiências com a prática durante o curso todo.

Pereira (2008) elabora uma classificação detalhada sobre a formação para os intérpretes interlinguais de português para Libras ou vice-versa, introduzindo a seguinte nomenclatura:

- naturais ou empíricos: pessoas bilíngues em Português e Libras que “atuam” como intérpretes,

⁴³ NCIEC – uma organização de intérpretes que objetiva em expandir e aumentar a eficiência de interpretação através de serviços de educação e desenvolvimento profissional e recursos oferecidos regionalmente e nacionalmente. Disponível em: <http://www.interpretereducation.org/>.

⁴⁴ Língua de Sinais Americana.

⁴⁵ Língua de Sinais Quebecense.

porém sem nenhuma instrução formal para a profissão;

- validados: pessoas que atuam como intérpretes naturais e recebem, por meio da aprovação em um teste, um certificado provisório (validação) para trabalharem como ILS ou
- certificados: aqueles que cursaram algum tipo de formação mais elaborada, normalmente, promovida em parceria com a Feneis (PEREIRA, 2008, p. 145)

Relacionando essa classificação aos intérpretes surdos, podem ser descritos nos três aspectos de Pereira (2008), sendo naturais, validados ou certificados. Quanto à quantidade de intérpretes surdos no Brasil, a doutoranda Kátia Pinheiro está levantando dados mais exatos sobre os intérpretes surdos no Brasil no momento da redação deste trabalho.

2.5 INTÉRPRETES DE SINAIS INTERNACIONAIS

Sinais Internacionais – SI – como um meio de comunicação equidistante, está cada vez mais conhecido na comunidade surda, no mundo todo e no Brasil. Eis a questão: se a pessoa é fluente em SI, ela pode tornar-se um Intérprete? Para se tornar um intérprete de SI, é necessário ser fluente, principalmente em língua de sinais do seu país, mas é preferível conhecer duas a quatro línguas de sinais nacionais (MOODY, 2008).

Para tornar-se um intérprete de SI, é preciso saber conscientemente as diferenças em uso de SI na comunicação informal e na interpretação, e sobre os tipos de diferença em uso de SI na comunicação: SI convencionalizado e a comunicação informal (MESCH, 2010). Devemos lembrar que a complexidade do processo da interpretação intramodal é maior, portanto, necessita-se das práticas elaboradas para desenvolver a qualificação profissional neste campo de trabalho. Moody disse, na época em que a WASLI estava começando, que ainda não havia formação acadêmica formal em SI ou interpretação de SI, isso “porque SI está evoluindo tão rápido, seria muito difícil desenvolver um currículo para a instrução” (MOODY, 2008, p. 27, tradução nossa⁴⁶). Ele afirma isso devido às experiências da atuação

⁴⁶ *Because IS is evolving so fast, it would be very difficult to develop a curriculum for instruction.*

com os intérpretes profissionais no campo, os “intérpretes que têm trabalhado em SI há 30 anos aprenderam ‘no trabalho’ ou viajando e encontrando pessoas surdas de tantos países quanto possível” (MOODY, 2008, p. 27, tradução nossa⁴⁷). Além de conhecer SI, os intérpretes devem saber a importância de saber o inglês, uma das línguas mais importantes em dia de hoje, de acordo com o autor.

[...] inglês se tornou a língua franca de conferências internacionais, o intérprete também deve ser capaz de entender inglês ou, no caso dos intérpretes surdos, deve acompanhar com um parceiro fluente em inglês na fala e escrita. (MOODY, 2008, p. 28, tradução nossa⁴⁸)

Todo intérprete de língua de sinais, tanto ouvinte quanto surdo, pode ser intérprete de Sinais Internacionais, desde que seja fluente em Sinais Internacionais e que saiba inglês. No Brasil, a maioria dos intérpretes que trabalham com Sinais Internacionais são surdos, e também existem alguns que interpretam ASL, BSL e outra língua de sinais, porém nesta pesquisa, especificaremos mais sobre os intérpretes surdos de Sinais Internacionais e recentemente atuam nas conferências internacionais em nosso país, ou seja, nas conferências nacionais, quando a programação tem palestras dos surdos estrangeiros.

Os intérpretes surdos podem trabalhar com SI como língua-fonte e Libras como língua-alvo, e o contrário, caso surdos estrangeiros estiverem presentes no momento de apresentações em Libras. Os intérpretes surdos podem interpretar consecutivamente ou simultaneamente, dependendo da situação, porém, recentemente, a interpretação simultânea tem sido mais praticada pelos intérpretes surdos nas conferências em quais ocorrem todo ano em qualquer instituição brasileira. A interpretação consecutiva é quando os intérpretes transmitem a mensagem para o auditório depois da pausa na fala/sinalização do palestrante, e isso acontece em algumas vezes inclusivamente nas reuniões, debates e, pode também ocorrer até nos

⁴⁷ *Interpreters who have been working in IS for the past 30 years have learned ‘on the job’ or by travelling and meeting Deaf people from as many different countries as possible.*

⁴⁸ [...] *English has become the lingua franca of international conferences, the interpreter must also be able to understand English, or, in the case of the Deaf interpreter, have a ‘feed’ team partner who is fluent in spoken and written English.*

workshops, isso “era desgastante tanto para os intérpretes e palestrantes como para o público, pois se exigia bem mais tempo nessa modalidade” (MASUTTI; SANTOS, 2008, p. 155) A interpretação simultânea é um serviço em que os intérpretes transmitem as mensagens na hora de receber as mensagens no tempo real, e é encontrada principalmente nas conferências. Essa interpretação simultânea é imediata, não possibilitando ter uma pausa no processo da interpretação. Segundo Nogueira, no caso da interpretação de Libras – Português:

Para conseguir realizar esse processo, o intérprete utiliza sua memória de curto prazo, o que exige dele também habilidade de processamento cognitivo, para que faça rápidas tomadas de decisões e escolhas interpretativas. Necessitando ainda uma concentração absoluta e grande esforço mental, além de atenção visual e atenção ao contexto (NOGUEIRA, 2016, p. 77).

Esse caso é o tipo da interpretação intermodal, de uma modalidade oral-auditiva para modalidade espaço-visual. Observa-se na figura 1 em baixo, que mostra como funciona a interpretação intramodal, que é processada simultaneamente pelos intérpretes surdos no 5º Congresso Nacional de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, na Universidade Federal de Santa Catarina, realizado em novembro de 2016. A palestrante é irlandesa e apresenta o seu trabalho em SI, o primeiro intérprete que está sentado, interpreta para Libras e o segundo intérprete, que está ao lado da palestrante no palco, copia o que o primeiro intérprete sinaliza, para o público que os assiste.

Figura 1: Intérpretes surdos na configuração da interpretação com espelhamento.



Fonte: Markus Weininger (2016).

O processo da interpretação simultânea entre as duas línguas de sinais, ou seja, interpretação intramodal, como imaginamos, parece ser complexa por interpretar as mensagens na hora de recebê-las, e “a tradução numa mesma modalidade parece ser mais difícil” (PADDEN, 2000 apud RODRIGUES, 2013, p. 268) por ter um maior esforço visual e concentração na sinalização do palestrante.

No entanto, Boudreault (2005) apresenta vários modelos de posicionamento e estruturação dos intérpretes surdos de 1) ASL-LSQ⁴⁹, 2) Espelhamento; 3) Sinais Internacionais; para facilitar o processo da interpretação intramodal simultaneamente ou consecutivamente dependendo das situações; 4) intérprete surdo-facilitador; e 5) texto escrito para língua de sinais. Aqui apresentamos os tipos de possíveis posições da interpretação simultânea intramodal direta e indireta:

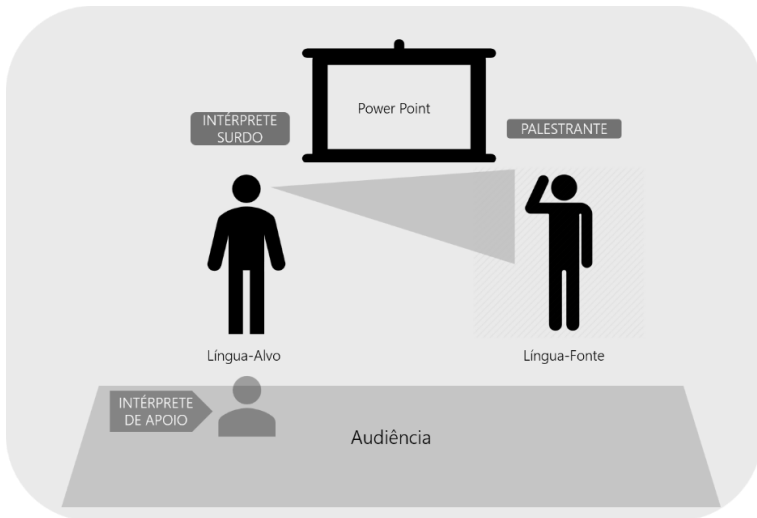
2.5.1 Interpretação direta

Essa interpretação ocorre quando é transmitida de uma língua para uma outra língua como uma forma direta. Aqui apresentaremos alguns tipos da interpretação direta:

2.5.1.1 Interpretação presencial

É aquela interpretação direta, lado a lado, quando o intérprete surdo consegue ver diretamente o palestrante e interpreta simultaneamente o que ele estiver sinalizando (figura 2). Essa situação é raramente encontrada na conferência, mas pode acontecer também em reuniões, *workshops*, ou outro lugar onde se forma o pequeno grupo.

⁴⁹ ASL – American Sign Language; LSQ – Langue de Signes Québécoise

Figura 2: Interpretação presencial

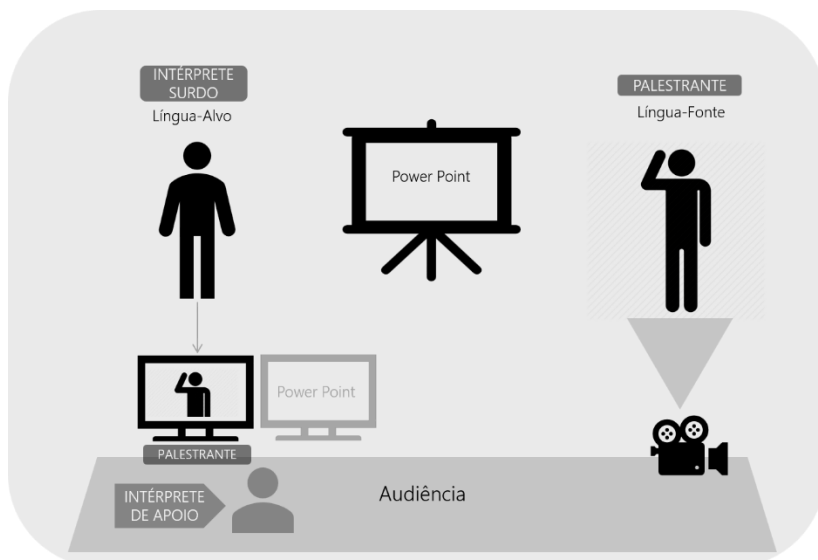
Fonte: Elaboração própria (2018).

Acontece que, às vezes, não tem um intérprete de apoio para ajudar o intérprete que está em ação da interpretação. A função do intérprete de apoio é acompanhar o processo da interpretação, corrigir caso o intérprete surdo erre as configurações dos sinais, soletração da palavra ou do número, complementar mais alguma coisa na mensagem da língua-alvo, gerenciar o tempo e fazer um revezamento em cada 20-30 minutos, dependendo de acordo entre eles.

2.5.1.2 Interpretação via televisão

A interpretação simultânea também pode ser feita através de uma televisão (figura 3), quando existe alguma condição tecnológica, também pode ter mais uma televisão para mostrar os slides do palestrante. Pode haver um intérprete de apoio.

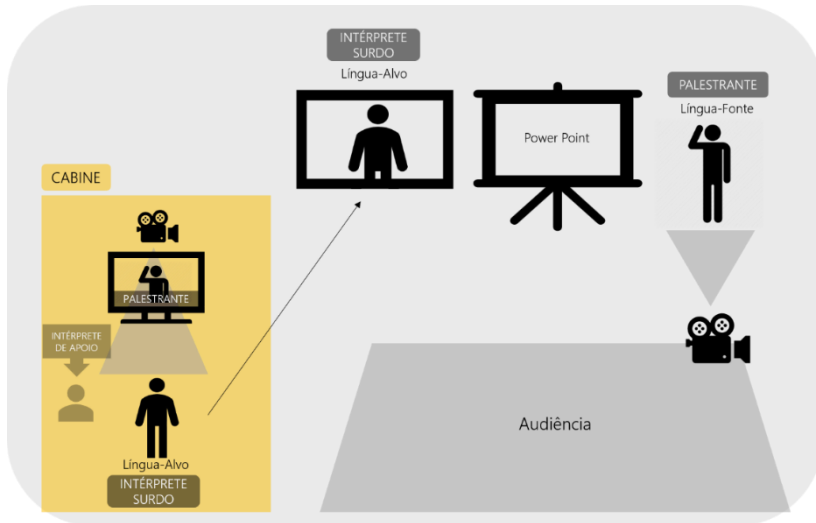
Figura 3: Interpretação via televisão



Fonte: Elaboração própria (2018).

2.5.1.3 Interpretação de Cabine

É comum encontrarmos esse tipo de interpretação nas conferências quando a interpretação é intramodal voz-voz e intermodal Libras-voz (NOGUEIRA, 2016). No caso da interpretação intramodal sinal-sinal, quando a conferência possui uma alta condição tecnológica, pode acontecer dentro da cabine. O intérprete surdo traduz assistindo a palestrante na televisão dentro da cabine e, durante o processo da interpretação, aparece o intérprete na tela maior onde se tem no palco para que a audiência assista (figura 4). Dentro da cabine, sempre há (e deve sempre ter) um intérprete de apoio.

Figura 4: Interpretação de cabine

Fonte: Elaboração própria (2018).

2.5.2 Interpretação indireta

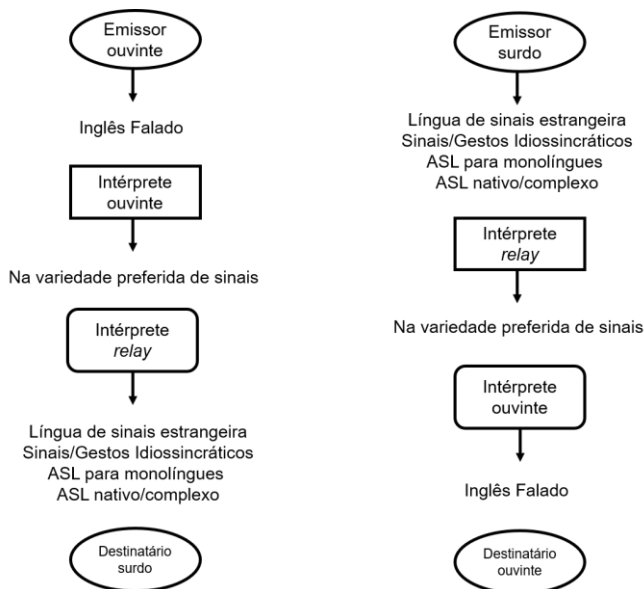
A interpretação indireta ocorre quando há mais um (ou mais) intérprete(s) na ação, transmitindo de uma língua para uma outra língua de uma forma indireta. Apresentaremos a seguir dois tipos de interpretação indireta.

2.5.2.1 Interpretação *relay*

Neste caso de atuação em língua de sinais na interpretação é chamado de *interpretação relay*, sendo uma interpretação indireta, para produzir simultaneamente. É a interpretação indireta através de uma terceira língua, que relaciona o desempenho de dois (ou mais) intérpretes, com uma produção de um intérprete servindo de fonte para o outro (Pöchhacker, 2004). No caso da interpretação oral, “existe entre línguas vocais, mas é distintiva no caso em que, por exemplo, uma palestra em Inglês seja interpretada diretamente para a Libras e só então para a língua portuguesa” (PEREIRA, 2008, p. 142).

Na figura 5 apresentamos o modelo da interpretação *relay* de Bienvenu e Colonomos (1991):

Figura 5: Modelo adaptado da Interpretação *Relay* de Bienvenu e Colonomos

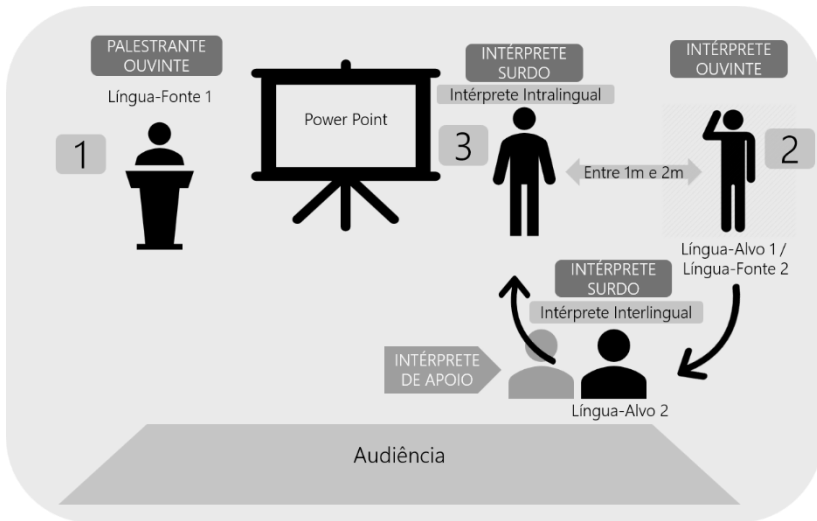


Fonte: Bienvenu e Colonomos (1991).

Na interpretação *relay*, de acordo com autores, se o emissor for ouvinte que apresentar a língua falada, a função do intérprete ouvinte é interpretar para uma língua nacional de sinais e o intérprete *relay* pode ter várias funções de interpretar, dependendo do contexto e dos destinatários surdos no local.

- Interpretação *relay* em três línguas

Na interpretação simultânea intramodal, conforme demonstrada a figura 6, geralmente quando se tem um palestrante ouvinte, que utiliza a voz, por exemplo, português como língua-fonte (1), e o intérprete ouvinte interpreta para Libras como a língua-alvo (1) e como a língua-fonte (2), e o intérprete interlingual surdo, que interpreta para Sinais Internacionais como língua-alvo (2) e, em seguida, o intérprete intralingual surdo faz a replicação da mensagem-alvo, transmitida pelo intérprete interlingual:

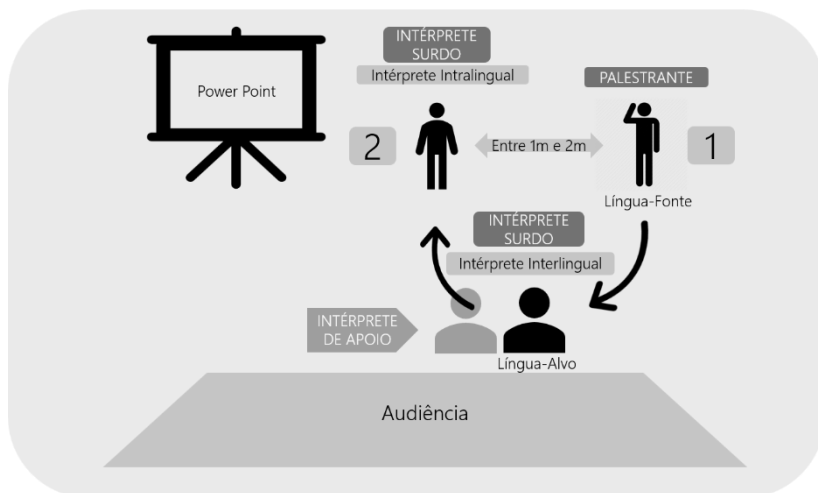
Figura 6: Interpretação Relay

Fonte: Elaboração própria (2018).

2.5.2.2 Interpretação com espelhamento

A interpretação com espelhamento é uma configuração mais usada pela equipe dos intérpretes surdos, para facilitar o trabalho de todos. O intérprete interlingual (1) faz a recodificação semântica básica na língua-alvo, e o intérprete intralingual (2) faz a finalização com prosódia, e sempre (deve sempre ter) há um intérprete de apoio.

Figura 7: Interpretação com espelhamento



Fonte: Elaboração própria (2018).

Na figura 7, encontra-se o palestrante estrangeiro que sinaliza em SI, o intérprete interlingual, o intérprete intralingual e o intérprete de apoio. A função do intérprete interlingual (sentado) é interpretar a mensagem de língua-fonte para a língua-alvo; a função do intérprete intralingual (em pé) é replicar a mensagem-alvo, copiando a mensagem do que o intérprete interlingual interpreta e; a função do intérprete de apoio é acompanhar a interpretação, gerenciar, corrigir e complementar. Essa posição da interpretação simultânea de conferência é muito utilizada recentemente pelos intérpretes surdos para facilitar o processo da interpretação simultânea na variante intramodal.

Nesta pesquisa, será mais especificamente nesta interpretação, em duas línguas, na modalidade espaço-visual, intramodal. Nesta interpretação, há o intérprete interlingual, o intérprete intralingual e o intérprete de apoio, que serão definidos em seguida:

- **Intérprete interlingual:** é aquela interpretação que transmite sem verter à língua-alvo da plateia. O intérprete interlingual reproduz a apresentação em uma língua sinalizada em uma outra língua de sinais para que o intérprete surdo possa continuar a traduzir esta informação para a audiência (ADAM et al., 2014). Por exemplo, o intérprete faz a sua função de interpretar Sinais Internacionais para Libras, como no caso desta pesquisa. Pode haver algumas intervenções no sentido de clarificar e facilitar para o segundo intérprete (o intérprete intralingual

que será definido em seguida). Conforme figura em cima, o intérprete interlingual geralmente senta na primeira fileira da audiência, que não consegue vê-lo.

• **Intérprete intralingual:** considerado como segundo intérprete, a função dele é trabalhar dentro de uma mesma língua de sinais, por exemplo, copiador, facilitador, guia-intérprete (para surdocegos ou surdos com visão limitada). Copiador é aquele que repete a mensagem transmitida pelo emissor, por exemplo, quando o destinatário surdo não consegue ver o emissor sinalizar, o intérprete copia a mensagem transmitida para que esse destinatário consiga acompanhar. Facilitador é aquele que o intérprete faz esclarecer a mensagem-alvo para o destinatário surdo entender o contexto desta mensagem, quando um emissor é acadêmico, faz uma apresentação em Libras utilizando léxico da esfera acadêmica e o público surdo não é participante desse contexto, assim o intérprete intralingual faz a função de traduzir usando as descrições imagéticas (CAMPELLO, 2014) para que a mensagem esteja mais adequada ao público-alvo, transformando o texto acadêmico para um texto mais acessível. A função do guia-intérprete é replicar a mensagem transmitida pelo emissor para o destinatário surdocego ou com visão limitada com estratégias específicas para esse tipo de interpretação. No caso da interpretação intramodal simultânea de conferência, o intérprete faz a replicação da mensagem-alvo interpretada pelo intérprete interlingual, essa ação é chamada de espelhamento, nesse caso, o intérprete intralingual geralmente está em posição visível para o público, ao lado do palestrante.

• **Espelhamento:** é a interpretação intralingual, a sua função é replicar a mensagem da língua-alvo. Em geral, ao invés de interpretar, o intérprete surdo copia a interpretação transmitida pelo intérprete interlingual simultaneamente. Isso ocorre quando o intérprete surdo, ao invés de interpretar, faz replicação em cada característica gramatical da mensagem transmitida pelo apresentador, alguém na plateia, ou mesmo, por intérprete surdo de ASL-LSQ ou intérprete ouvinte (BOUDREAULT, 2005) Responsável de transmitir a mensagem para a audiência onde se tem os participantes surdos. Este conceito às vezes pode ser chamado também como “*shadowing*” (seguir igual uma sombra) ou “*shadow interpreting*” (acompanhamento de interpretação) (Boudreault, 2005), mas o “espelhamento” é mais usual e visível ao público. Por isso, a sua função não é apenas copiar, mas também produzir com uma prosódia melhor e dar um aperfeiçoamento na mensagem-alvo.

• **Intérprete de apoio:** pode ser chamado também como “co-intérprete”. No caso da interpretação intramodal SI ↔ Libras, que auxilia o intérprete surdo sem ser visto ao público. Eles são encontrados, em algumas vezes, nas conferências, os intérpretes devem trabalhar em dupla, de acordo com Albres e Santiago, no caso da interpretação intermodal (língua oral para língua de sinais):

Enquanto um desenvolve a função de intérprete da vez o outro deve sentar-se à frente e trabalhar como intérprete de apoio. Fica observando a interpretação e caso o intérprete da vez tenha alguma dificuldade pode sinalizar indicando um sinal ou ideia para que o intérprete da vez possa retomar a interpretação (ALBRES; SANTIAGO, 2012, p. 52).

A interpretação de SI é frequentemente muito visível, que significa que todos estão vendo, diferente de icônico, que usa mais elementos que são acessíveis a uma compreensão sem interpretação. Ser visível é mais importante para que os participantes da audiência compreendam o máximo de informação possível (MOODY, 2008). Por isso, o intérprete interlingual, por vezes, deve se concentrar na tradução, evitando a perda das informações na mensagem transmitidas pelo palestrante:

Os intérpretes devem trabalhar colaborativamente com outros intérpretes que são responsáveis por *relaying* a informação, porque a primeira interpretação influencia o que é prestado no que o segue [...] a primeira interpretação deve ser gramaticalmente e semanticamente clara (WIT, 2010 apud SHENEMAN; COLLINS, 2016, p. 175, tradução nossa⁵⁰).

No Brasil, isso pode também ocorrer na interpretação simultânea de Libras – SI e vice-versa. Isso, em dia de hoje, é muito visto nas conferências. Notamos que ultimamente, nas conferências, alguns intérpretes não se sentem à vontade ou mostram dificuldade de

⁵⁰ *Interpreters must collaboratively work with other interpreters that are responsible for relaying the information because the first interpretation influences what is rendered in the one following it [...] the first interpretation must be grammatically and semantically clear.*

interpretar simultaneamente de uma língua de sinais para outra língua de sinais por ser uma interpretação intramodal e o processo da interpretação é imediata. Segundo Catford apud Pires e Nobre (2004, p. 163)

o intérprete necessita de reações rápidas, pois recebe, armazena e reproduz as informações quase que concomitantemente, sua capacidade de memória é facilmente esgotada se ele não tiver muito treino e conhecimento das línguas envolvidas e do assunto a ser interpretado.

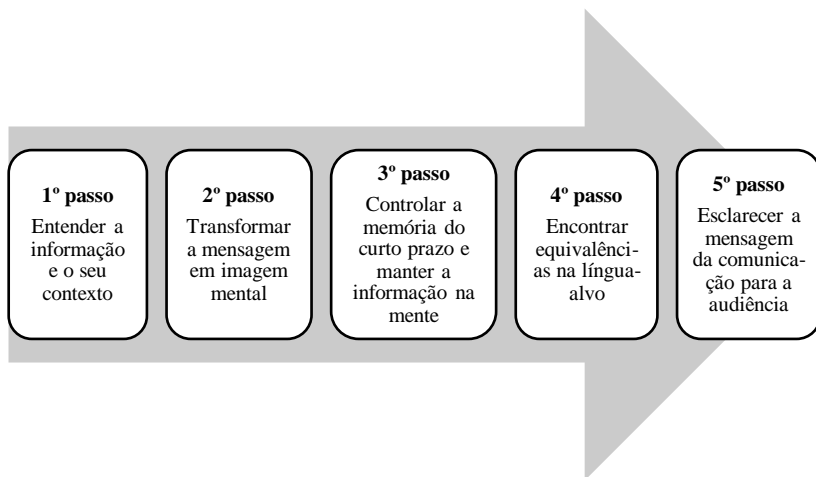
Dessa forma, os intérpretes surdos devem conhecer as posições da interpretação simultânea para que a tradução esteja transmitida claramente, evitando a perda das informações. De acordo com Ginezi (2015, p. 29), “o segundo intérprete poderá cometer erros, omitir informações, acrescentar dados, etc. Por outro lado, isso pode ocorrer em qualquer caso, seja na interpretação por *relay interpreting* ou não”.

Para permanecer as informações durante a interpretação simultânea, de acordo com Nicoloso (2010, p. 73):

O intérprete precisa ter competências referenciais; domínio linguístico; conhecimento situacional, contextual e cultural; assim como técnicas e estratégias de interpretação para ambas as línguas, tudo em um pequeno intervalo de tempo para fazer o processamento cognitivo e transmitir os discursos enunciados.

Para Moody (2008), o intérprete deve seguir os passos do processo da interpretação em ordem, conforme apresentada na figura 8:

Figura 8: Processo da interpretação



Fonte: Moody (2008).

Apesar desta tarefa não ser tão fácil, o intérprete precisa primeiramente entender o contexto das informações ditas pelo palestrante, para que possa transmitir a mensagem original e traduzida para a audiência. Assim sendo, o essencial para a interpretação simultânea em tempo real é que o intérprete deve ser fluente em SI, para interpretar de forma eficaz e produtiva.

Em razão de suas experiências, os intérpretes surdos têm melhor nuance em compreensão e fluência em SI, possuindo os conhecimentos sobre a interpretação e em uso das posições e das estratégias na interpretação simultânea em uso da intramodal. De acordo com a WFD, a língua nacional de sinais é a prioritária língua para o uso na interpretação, “a WFD tem esclarecido desde a sua concepção de que respeito pelas línguas nacionais de sinais é prioridade absoluta” (MOODY, 2008, p. 29, tradução nossa⁵¹).

2.6 FORMAÇÃO PARA INTÉRPRETES DE SINAIS INTERNACIONAIS

⁵¹ *The WFD has been very clear from its inception that respect for national SLs is top priority.*

A formação profissional em uma área específica da interpretação em *International Sign* ainda não existe por não ser uma língua oficial, mas é “amplamente utilizado em reuniões internacionais onde os participantes não compartilham uma língua de sinais em comum” (EUD, 2012 apud WIT; SLUIS, 2016, p. 108, tradução nossa⁵²). Essas autoras dizem que o status linguístico do SI é vigorosamente debatido. Devido à falta de uma formação profissional, os intérpretes de SI não são oficialmente registrados e não possuem algum reconhecimento oficial como profissional (WIT; SLUIS, 2016, p. 110). Mesmo assim, as associações internacionais com apoio em todo o mundo, tais como o EFSLI (*European Forum of Sign Language Interpreters*⁵³), a EUD (*European Union of the Deaf*⁵⁴), a WASLI (*World Association of Sign Language Interpreters*⁵⁵) e a WFD (*World Federation of the Deaf*) incentivaram-se a realização do reconhecimento formal, criando um registro para os intérpretes de Sinais Internacionais (WIT; SLUIS, 2016, p. 110).

Na Europa, existe um curso de pós-graduação internacional que visa em contribuir para o desenvolvimento do campo profissional de interpretação entre pessoas surdas e ouvintes, chamada de EUMASLI (*European Master in Sign Language Interpreting*⁵⁶). Esse programa é uma colaboração entre três universidades: 1) *Magdeburg-Stendal University of Applied Science* (Alemanha); 2) *Humak University of Applied Sciences* (Helsinque e Kuopio, Finlândia); e (3) *Heriot-Watt University* (Edimburgo, Escócia). O programa tem sido oferecido para um grupo internacional dos intérpretes de língua de sinais desde 2009 (HESSMANN, et al., 2011). Esse programa de pós-graduação apresenta as três principais áreas de estudos que formam os conteúdos no currículo de formação:

- 1) **Habilidades internacionais:** oferece oportunidades para aplicar e fortalecer as competências linguísticas e tradutórias. Este aspecto tem consciência de língua como um tema

⁵² *International Sign is not an official language but is widely used at international meetings where participants do not share one common sign language.*

⁵³ Fórum Europeu de Intérpretes de Língua de Sinais.

⁵⁴ União Europeia dos Surdos.

⁵⁵ Associação Mundial dos Intérpretes de Língua de Sinais.

⁵⁶ Mestrado Europeu em Interpretação de Língua de Sinais.

dominante e também oferece um lugar especial para Sinais Internacionais.

- 2) **Desenvolvimento da profissão:** preocupa-se com os aspectos individuais, sociais e políticos do trabalho como intérprete profissional e fornece o acesso aos discursos dos estudos da interpretação e tradução.
- 3) **Desenvolvimento da pesquisa:** é o principal aspecto do programa que prepara os alunos para fazer investigação através de uma reflexão crítica sobre os métodos, resultados e aplicabilidade do trabalho de pesquisa anterior no campo.

Nessa pós-graduação, há cinco semestres com disciplinas para os estudos de interpretação e tradução. No seu currículo, possui algumas disciplinas relacionadas ao Sinais Internacionais: 1) SI: Introdução aos Sinais Internacionais; 2) Tradução entre Inglês e Sinais Internacionais; 3) Interpretação entre Inglês e Sinais Internacionais⁵⁷ e outras disciplinas. Neste programa, a possibilidade do conhecimento na interpretação e tradução de SI é maior, por esta razão, é importante incluir estas disciplinas nos Estudos de Interpretação e Tradução do curso Letras Libras (bacharelado) para os intérpretes surdos ou intérpretes interessados em conhecer SI.

Mesmo que ainda não tem uma formação reconhecida em interpretação em SI, ainda é possível sugerir algumas recomendações gerais para quem quer adquirir um conhecimento básico nesta área, para desenvolver a competência linguística, conhecimento situacional, cultural para a interpretação intramodal – Libras para SI, por exemplo.

Moody (2008) apresenta os três requisitos básicos para aprender Sinais Internacionais antes de tornar-se um intérprete de SI: 1) para se tornar fluente em SI, o intérprete deve ser fluente em pelo menos uma língua de sinais nacional, mas é preferível conhecer duas a quatro línguas de sinais nacionais. Quanto mais conhecimento em línguas de sinais, maior flexibilidade ele terá para se adaptar ao vocabulário em uso de locais e contextos diferentes; 2) ter experiência de comunicação com pessoas surdas em diferentes países, ampliando o conhecimento da cultura, política, família, religião, educação, trabalho e diversão durante as viagens extensivas. Assim, ele pode selecionar os sinais mais icônicos para criar as imagens visuais, que será mais compreensível para a maior variedade de pessoas surdas; 3) é preciso ter uma mente aberta e

⁵⁷ 1) *IS: Introducing International Sign*; 2) *Translating between English and International Sign*; 3) *Interpreting between English and International Sign*.

flexível, bem com o desejo e a capacidade de cultivar a criatividade na expressão.

Além de conhecer várias línguas de sinais nacionais e culturas adicionais, “o intérprete precisa ter uma variedade de estratégias de interpretação flexíveis para responder às exigências únicas em um ambiente multilíngue e multicultural” (SHENEMAN; COLLINS, 2016, p. 171, tradução nossa⁵⁸), e a competência intercultural é uma habilidade essencial para um intérprete que trabalha num ambiente multilíngue e multicultural (WIT, 2010 apud SHENEMAN; COLLINS, 2016). Em seguida, Wit (2010) apresenta as três razões pelas quais a interpretação em contextos internacionais multilíngues é ainda mais desafiadora:

Primeiro, como mencionado anteriormente, intérpretes geralmente são treinados em duas línguas e culturas. Trabalhar em contextos internacionais expõe os diferentes níveis de fluências em várias línguas usadas no evento [...]. Em seguida, as complexidades adicionais afetam a capacidade de processamento cognitivo do intérprete. Terceiro, o intérprete é encarregado de trabalhar com os usuários não-nativos de ambos os idiomas em que está treinado (WIT, 2010 apud SHENEMAN; COLLINS, 2016, p. 172, tradução nossa⁵⁹)

O intérprete, apesar de adquirir as experiências em contexto de conferência internacional, precisa conhecer as estratégias para usar a flexibilidade e a criatividade na interpretação de SI para um público de diversas línguas de sinais nacionais e diversas culturas. A esse respeito, McKee e Napier (2002) escrevem:

Em um cenário internacional com uma audiência surda diversa, muito disso tem que ser assumido como aproximadamente em comum, mesmo que

⁵⁸ *The interpreter needs to have a variety of flexible interpreting strategies to respond to the unique demands in a multilingual and multicultural setting.*

⁵⁹ *First, as mentioned before, interpreters are usually trained in two languages and cultures. Working in international settings exposes interpreters to different levels of fluency in the various languages used at the event, [...] Next, additional complexities impact the interpreter’s cognitive processing capacity as more effort is required. Third, the interpreter is tasked with working with non-native users of both languages that she is trained in.*

na realidade haja uma ampla variedade dos elementos comuns centrais. Esse tipo de conhecimento em intérpretes de língua de sinais faz parte do que Taylor (1993) descreve como habilidades "ricas em conhecimento", e é certamente um pré-requisito para a arte da interpretação livre na SI (MCKEE; NAPIER, 2002, p. 31, tradução nossa⁶⁰)

A interpretação de SI não deve ser traduzida sinal por sinal, por ser flexível com uma variedade de contato de línguas de sinais, no caso da interpretação intramodal. O objetivo da interpretação de SI é fornecer uma equivalência através da interpretação livre (SHENEMAN; COLLINS, 2016). No caso da interpretação intermodal (inglês – SI), McKee e Napier (2002, p. 31, tradução nossa⁶¹) definem a equivalência:

A definição de equivalência é central para o conceito de interpretação livre e afirmamos que, no contexto da interpretação de Sinais Internacionais, a equivalência é procurada pelo intérprete que infere o significado com base em sua compreensão da situação e do texto da linguagem fonte e predizendo o que o texto é provável para significar para o público-alvo.

Na interpretação livre, a estrutura linguística da língua-fonte é ignorada e um equivalente é encontrado com base no significado que transmite (CRYSTAL, 1987 apud MCKEE; NAPIER, 2002, p. 31). No caso da interpretação de SI, McKee e Napier (2002) explicam que o objetivo principal é recriar uma aproximação da mensagem essencial em uma linguagem híbrida, que se forma em elementos tirados de várias línguas, por vezes, pode exigir alguma redução de conteúdo.

⁶⁰ *In an international setting with a diverse deaf audience, much of this has to be assumed to be roughly in common, even though in reality there is a wide range of variation from the core commonalities. This kind of knowledge in sign language interpreters is part of what Taylor (1993) describes as 'knowledge-rich' skills, and is certainly prerequisite to the art of free interpretation into IS.*

⁶¹ *The definition of equivalence is central to the concept of free interpretation, and we contend that in the context of IS interpreting equivalence is sought by the interpreter inferring meaning based on their understanding of the situation and source language text and by predicting what the text is likely to mean to the target audience*

Nesse caso, o intérprete que tiver interesse em interpretação de SI poderia também conhecer o trabalho e os objetivos da WASLI. Um desses objetivos é promover a profissão de interpretação de língua de sinais em todo o mundo, e também apoiar as pessoas surdas para que tenham a possibilidade de treinar e atuar como intérpretes. Em 1987, no Congresso da WFD, começou a interpretação de SI, que tem sido desenvolvida até hoje. A WASLI (WFD-WASLI International, 2016)⁶² define o conceito SI como uma variedade de contato de línguas de sinais usada em uma variedade de contextos diferentes, particularmente em reuniões internacionais tais como a WFD, eventos como o *Deaflympics*, vídeos-clipes produzidos por surdos e assistidos por outras pessoas surdas de todo o mundo. Por isso, Aquiline (2006) sugere que a WASLI e a WFD devem: 1) criar um currículo de formação para os intérpretes; 2) conduzir a avaliação e a certificação de qualificação dos intérpretes de SI; 3) criar os padrões da prática para intérpretes de SI; e 4) manter um registro dos intérpretes de SI certificados para as conferências internacionais (AQUILINE, 2006 apud por SHENEMAN; COLLINS, 2016, p. 173).

A WASLI possui um sistema de credenciamento que visa definir, manter e promover as normas em interpretação de SI, conforme com a Política e Diretrizes Provisórias de Credenciamento. Esse sistema realiza anualmente bancas para avaliar e certificar os intérpretes de SI, para garantir o seu trabalho e a sua qualidade profissional. O credenciamento, que vale por cinco anos, também visa a manter um sistema de desenvolvimento profissional ao longo da vida. Para ser certificado, o intérprete deve saber sobre as competências:

- a) Os novos candidatos devem demonstrar as seguintes habilidades e competências essenciais: i. Proficiência em SI; ii. Proficiência em Inglês (com exceção para aqueles intérpretes de SI que são fluentes em uma língua de sinais necessária ou uma língua oral, mas pode ser capaz de entender o inglês através de intérpretes *relay*); iii. Proficiência em uma língua de sinais nacional e na língua nacional oral/escrita; iv. Cinco (5) anos de experiência de interpretação para conferências a nível nacional na língua de sinais/oral; v. Experiência de três (3) anos de interpretação de SI

⁶² Definição de Sinais Internacionais pela WASLI. Disponível em: <http://wasli.org/international-sign-definition>.

em eventos internacionais ou regionais; vi. Habilidades na colaboração/trabalho de equipe com outros intérpretes

b) Além disso, os candidatos também podem demonstrar as seguintes habilidades e competências desejáveis: i. Proficiência em outra língua de sinais; ii. Proficiência em outra língua oral/escrita

c) Os candidatos também devem fornecer provas do seguinte: i. Formação/certificação/qualificações como intérprete de língua de sinais nacional; ii. Participação no treinamento de intérprete de SI; iii. Comprovante de experiência de trabalho de interpretação voluntária e paga como intérprete de SI; iv. Apoio de referências e recomendações de intérpretes de SI reconhecidos e de representantes da Comunidade Surda. WASLI (WFD-WASLI International..., 2016, tradução nossa⁶³)

O intérprete de SI também precisa conhecer as demandas exigidas pela WASLI (WFD-WASLI, International, 2016), que podem ajudá-lo a qualificar como um profissional: 1) possuir um conhecimento sobre assuntos atuais, por exemplo, geografia internacional, história, cultura e assuntos sociais; 2) possuir uma familiaridade com a história e a estrutura organizacional internacional de surdos e intérpretes de língua

⁶³ a) *New applications must demonstrate the following essential skills and competencies: i. Proficiency in IS; ii. Proficiency in English (with waivers for those IS interpreters who are fluent in a needed signed language or spoken language and can understand the English via relay interpreters); iii. Proficiency in a national sign language and national spoken/written language; iv. Five (5) years experience of IS interpreting for conference at national level in the national sign and spoken languages; v. Three (3) years experience of IS interpreting at international or regional events; vi. Skills in co-working/team working with other interpreters.*

b) *Furthermore, candidates may also demonstrate the following desirable skills and competencies: i. Proficiency in another national sign language; ii. Proficiency in another spoken/written language.*

c) *Candidates must also provide evidence of the following: i. Training/certification/qualifications as a national sign language interpreter; ii. Attendance at IS interpreter training; iii. Evidence of voluntary and paid IS interpreting work experience; iv. Supporting references and recommendations from recognised IS interpreters and Deaf community representatives.*

de sinais tais como o da WFD, da EUD, da WASLI, do EFSLI e da *Deaflympics*; 3) possuir um conhecimento das instituições internacionais relacionadas e em cooperação com as organizações de Intérpretes de Língua de Sinais, por exemplo, a Organização das Nações Unidas (ONU), a Aliança Internacional de Deficiência (IDA), a Comissão Europeia, o Parlamento Europeu, o Fórum Europeu da Deficiência, bem como conhecimento da geografia internacional, história, cultura, e outros assuntos sociais; 4) possuir um conhecimento dos países nacionais, da sua cultura, política e história. Além de adquirir todos esses conhecimentos, os intérpretes de SI também precisam saber sobre a qualificação do trabalho: 1) reconhecimento formal no órgão de registro profissional de intérpretes de línguas de sinais; 2) um diploma universitário preferencialmente em um campo relevante, por exemplo, interpretação e/ou estudos de tradução, interpretação de língua de sinais (por exemplo, bacharelado em Letras Libras, no Brasil); 3) participação em organizações nacionais e internacionais de intérpretes profissionais, por exemplo, a WASLI, o EFSLI, a AIIC⁶⁴ (no Brasil, por exemplo, a FEBRAPILS⁶⁵, a FENEIS⁶⁶ nacional e regional e as associações nacionais de surdos; 4) participação nas organizações regionais, nacionais e internacionais de surdos e intérpretes de língua de sinais tais como a WFD e a EUD (Ex.: FENEIS)

2.7 ESTRATÉGIAS DE INTERPRETAÇÃO: INGLÊS – SINAIS INTERNACIONAIS

Quais seriam as estratégias da interpretação simultânea de Sinais Internacionais em um ambiente multilíngue e multicultural? Como ainda não existem pesquisas sobre estratégias de interpretação intramodal, vale relatar aqui alguns resultados de pesquisas da interpretação de SI intermodal. No caso da interpretação intermodal, inglês – Sinais Internacionais, McKee e Napier (2002) identificam 8 (oito) estratégias em que os intérpretes de SI utilizam-se para controlar o fluxo de

⁶⁴ Associação Mundial de Intérpretes de Conferência.

⁶⁵ Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua Brasileira de Sinais

⁶⁶ Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos. Disponível em: <http://feneis.org.br/sobre/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

informação e melhorar a compreensão da mensagem transmitida na língua-alvo (Sinais Internacionais). Estas estratégias identificadas na interpretação simultânea de conferência, na intermodal, sendo inglês como língua-fonte e SI como língua-alvo são analisadas.

Os intérpretes que foram analisados na pesquisa não eram surdos. Em seguida, apresenta-se as estratégias da interpretação intermodal em uso de inglês como língua-fonte para SI como língua-alvo:

Quadro 2: Estratégias da Interpretação Intermodal: Inglês-SI

Estratégias da Interpretação: Esclarecendo a mensagem		
1	Densidade do lexical reduzido	Os intérpretes de SI utilizam todos os sinais não-lexicais à sua disposição para transmitir o significado equivalente, e que o seu método à tradução está, por necessidade, longe de ser a tradução literal ‘palavra por palavra’.
2	<i>Lag time</i> longo	Trabalham com o processamento e capacidade de memória para interpretação simultânea em ordem de maximizar a análise da mensagem eficaz e reconstrução da mensagem na língua-alvo conceitualmente equivalente.
3	Fazer o abstrato tornar-se mais concreto	Os conceitos abstratos tenderam a ser traduzidos metonimicamente, ou seja, usando algo associado a um referente para representar este referente.
4	Destaque de informação saliente	Os intérpretes de SI às vezes escolhem em destacar as certas informações na produção da mensagem-alvo através de sinais estendidos em formas que não são exclusivas da SI mas aumentam a clareza.
	4.1. Ancorar o assunto na mão não-dominante	Uma estratégia foi a realização de um assunto referente à mão não-dominante, enquanto sinaliza, informações são relacionadas com a mão dominante.
	4.2. Pausa final longa	Estendendo a pausa final em sinais que carregam a informação importante foi usado para destacar partes da mensagem, especialmente em instruções de interpretação. O intérprete pausa a interpretação para soletrar o número de tempo e o nome do local, por

		exemplo.
5	Adicionar os detalhes: julgar a elipse e redundância	Através da adição de certos detalhes no texto de mensagem de destino, o intérprete de SI evidencia um processo de avaliação do grau de elipses ou redundância em uma mensagem de origem, em relação ao conhecimento contextual do público-alvo. Os intérpretes geralmente confiam em seus esquemas da comunidade surda, sua estrutura linguística e cultural, a fim de tomar decisões linguísticas sobre a relevância e equivalência de significado dentro de uma expressão.
6	Redução seletiva: Controlar o tempo e o léxico	Nos outros casos, os intérpretes de SI praticam uma "redução seletiva" (HATIM; MASON, 1990) ou uma "rendição reduzida" (Wadensjö, 1998) do texto original, a fim de produzir uma interpretação coerente dentro do tempo e do léxico limitados disponíveis.
7	Restringir e generalizar o significado do léxico	O principal desafio com a interpretação de SI é a falta de um léxico definido. Portanto, uma das habilidades críticas dos intérpretes de SI é a capacidade de selecionar criteriosamente sinais gerais que serão amplamente compreendidos (ou seja, sinais que são mais icônicos, mais simples na forma e capturam um conceito de raiz)
8	Uso do conhecimento em local contextual	Moody (1994) observa que um requisito importante para a interpretação de SI é o conhecimento próximo do contexto em que se está trabalhando. O intérprete fornece três tipos de pistas contextuais para ajudar a identificar o referente (nome, local, identidade nacional), todos os quais são iniciados a partir de seu próprio conhecimento contextual ao invés do palestrante.

Fonte: McKee e Napier (2002).

Quais seriam as estratégias de interpretação simultânea no caso de interpretação intramodal – SI para Libras? Acreditamos assim que

podemos criar algumas categorias das estratégias de interpretação intramodal na configuração da interpretação com espelhamento. No próximo capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para a realização deste estudo.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, vamos mostrar a estrutura da metodologia passo a passo. Primeiro, selecionamos os dados da pesquisa para analisar a interpretação intramodal simultânea de conferência onde apresentam alguns participantes que são intérpretes surdos. Depois, usamos o *software* EUDICO *Linguistic Annotator* – ELAN, para analisar os vídeos coletados, que possibilita transcrever e analisar de forma detalhada a língua-fonte (SI) e a língua-alvo (Libras). Finalmente, criamos as trilhas para identificar as estratégias da interpretação, de espelhamento e de apoio durante o seu processo da interpretação simultânea.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 12).

Os problemas foram percebidos na situação real, como participante da situação, e o desejo de solucionar esses problemas para melhorar o trabalho, é assim que deve começar a pesquisa. Para começarmos a investigar, usaremos os dois tipos de pesquisa são: participante e qualitativa. Primeiro, a pesquisa participante se “caracteriza pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 40).

A pesquisadora conhece bem a situação e tem melhor acesso a dados pois participa da comunidade que está sendo pesquisada, trabalhando como intérprete de SI junto com outros intérpretes que serão investigados. Segundo, na pesquisa qualitativa, analisaremos as situações reais em que ocorrem nas interpretações simultâneas, com “objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Esta pesquisa interessa-se pela qualidade do trabalho de interpretação simultânea intramodal – Sinais Internacionais para Libras – e em analisar as estratégias para solucionar os problemas, para mostrar caminhos possíveis para a formação profissional no futuro.

Esta pesquisa analisa interpretação de língua de sinais em situações reais – utilizando para tal, os vídeos da interpretação simultânea de conferência na intramodal de SI como língua-fonte para Libras como língua-alvo. Escolheu-se essa interpretação por causa do público brasileiro, por ser nacional em situação de conferência.

Quanto à conferência escolhida para o uso da análise nesta pesquisa, entramos em contato com a comissão da XVI Congresso Internacional e XII Seminário Nacional – COINES 2017⁶⁷ - para liberar a autorização das gravações somente com os intérpretes surdos, juntamente com os termos autorizados de uso de imagem. Os vídeos do evento foram feitos e editados pela autora desta pesquisa. O evento ocorreu no dia 6 a 8 de novembro de 2017, no Hotel Prodigy Santos Dumont, no Rio de Janeiro, no estado de Rio de Janeiro pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com o tema “INES: 160 anos construindo igualdade e democracia no Brasil”, em que durante o evento os principais debates se pautaram em assuntos emergentes, como a história do instituto, que completou 160 anos em setembro deste ano. Neste evento estavam os convidados estrangeiros, que são profissionais e pesquisadores de Instituições de Portugal, México, Colômbia e Bolívia e El Salvador. O objetivo do evento foi “promover a troca de experiências e saberes, apresentar pesquisas e fomentar discussões sobre cultura e identidade surdas, estudos linguísticos, políticas públicas e outras questões da área da educação de surdos” (INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, 2017).⁶⁸

Em seguida, analisou-se os vídeos no *software* ELAN para observar quais as estratégias na interpretação simultânea intramodal – SI para Libras e encontrar a partir de fatos reais que ocorrem neste tipo de interpretação, criar as categorias das estratégias encontradas, sejam elas linguísticas, de colaboração e de preparação.

3.2 A SELEÇÃO DE DADOS DA PESQUISA

É raro encontrar registro da interpretação intramodal simultânea, por isso, nós mesmos gravamos os vídeos especificamente na interpretação intramodal simultânea realizada pelos intérpretes surdos

⁶⁷ Canal de COINES no YouTube:

https://www.youtube.com/channel/UCosR0agJVuvT-26VxiR3cTQ/videos?view_as=subscriber.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.ines.gov.br/noticias/475-coines-2017-ines-realiza-xvi-congresso-internacional-e-xxii-seminario-nacional>.

no COINES, para analisar a interpretação. Os principais critérios para a seleção de dados da pesquisa foram:

- I. Vídeos da interpretação intramodal – SI (língua-fonte) para Libras (língua-alvo) com 7 a 18 minutos, que permitissem encontrar estratégias na interpretação intramodal visual;
- II. Cinco intérpretes surdos;
- III. Filmagens que mostram tanto o palestrante quanto os intérpretes inter e intralingual e, também, intérprete de apoio para depois poder analisar a relação entre o palestrante e o intérprete interlingual; a relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual; a relação entre o intérprete de apoio e os intérpretes (intralingual e interlinguais).

No evento (COINES) observamos a situação, como pesquisadora e participante, que havia muitos palestrantes brasileiros tanto quanto participantes do evento e ainda alguns palestrantes estrangeiros surdos, a maioria deles latino-americanos (México, El Salvador, Colômbia, Bolívia) e um deles europeu (Portugal). Havia oito intérpretes surdos de SI, poucos se expressam melhor em ASL do que SI. Nesses dados de pesquisa, selecionamos apenas cinco intérpretes, pois os outros intérpretes surdos trabalharam mais com a interpretação ASL-Libras, que não será analisada aqui. Sob a nossa observação, eles fizeram um revezamento a cada vinte minutos durante a interpretação, seguindo as regras do trabalho em equipe, por exemplo, controlar o tempo, respeitando aos cuidados com a saúde mental e física. Esse revezamento, segundo Nogueira, ocorre quando “um dos intérpretes tinha a responsabilidade pelo turno na produção do texto para a língua-alvo, enquanto o outro estaria descansando, a fim de aliviar a fadiga física” (NOGUEIRA, 2016, p. 83).

Nesta pesquisa, apenas cinco intérpretes foram escolhidos para serem investigados nesta pesquisa. Eles atuaram como intérpretes interlinguais, intérpretes intralinguais e intérpretes de apoio. Para lembrar a outra situação neste evento, havia também os intérpretes ouvintes que interpretaram de Libras para o Português, portanto, para realizar esta pesquisa, focaremos apenas na interpretação intramodal SI – Libras, com os intérpretes surdos.

Todos os participantes assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem e aceitaram não só a participação na pesquisa, mas o uso da interpretação para fins de estudo.

3.3 INTÉRPRETES SURDOS PARTICIPANTES

Nesta pesquisa, selecionamos cinco intérpretes surdos. Os participantes não serão nomeados, processamos os dados sigilosamente⁶⁹. Todos são fluentes em Sinais Internacionais e tem entre 27 a 38 anos. A maioria deles tem formação superior em Letras – Libras Licenciatura, um deles possui uma formação pós-especialização em Ensino e tradução/interpretação; também a maioria deles participaram de minicursos/*workshops* específicos na prática de tradução/interpretação de língua de sinais; um deles adquiriu um certificado promovido pela WASLI; e possuem experiências práticas como intérpretes surdos de conferência, variando entre 3 e 10 anos. Todos têm as experiências em comum: viagens aos exteriores, contato com surdos estrangeiros, participação dos eventos internacionais.

Neste evento, havia um posicionamento ajustado pelos intérpretes surdos para facilitar a interpretação intramodal simultaneamente de SI para Libras e vice-versa. O intérprete interlingual inicia a interpretação quando o palestrante começa a apresentar, interpretando SI (língua-fonte) para Libras (língua-alvo). A audiência não consegue vê-lo, pois fica sentado na primeira fileira da audiência com os intérpretes de apoio. Quanto ao segundo intérprete intralingual, que fica ao próximo ao palestrante, este pode ser assistido pela audiência e tem a responsabilidade de copiar o intérprete interlingual, enquanto esse tem responsabilidade de interpretar.

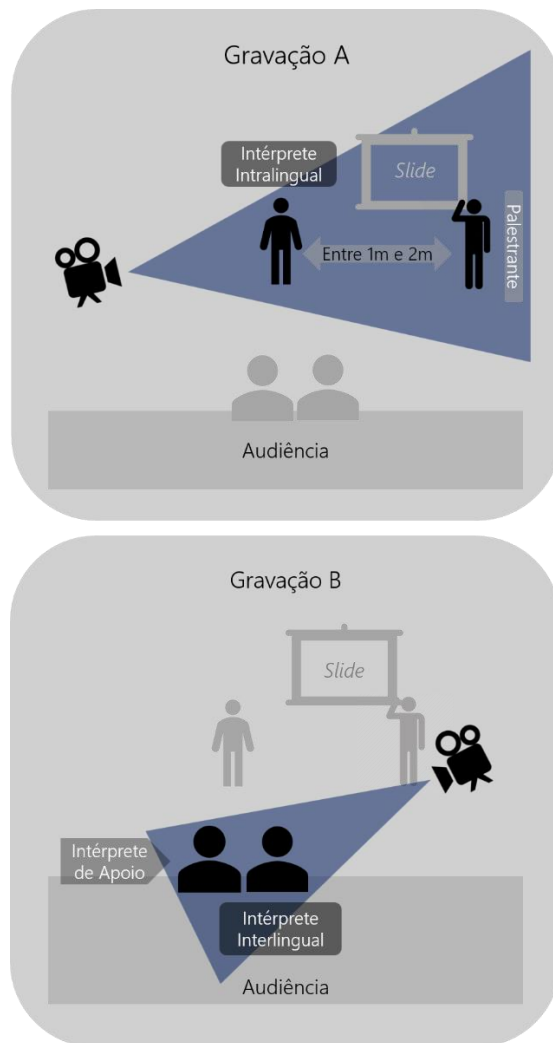
Esse registro foi feito em duas palestras estrangeiras que são apresentadas em SI como língua-fonte e a interpretação de SI para Libras como língua-alvo. Também havia outras palestras dos brasileiros que apresentam em Libras e a interpretação para SI. Contudo, analisaremos apenas a interpretação de SI para Libras, por esta conferência ser nacional, com objetivo de dar os conhecimentos aos participantes brasileiros.

Para facilitar a pesquisa, a gravação dos vídeos foi realizada de maneira que possibilitasse analisar o intérprete interlingual, o intérprete intralingual e os intérpretes de apoio, com acesso aos *slides* e ao palestrante.

⁶⁹ Nesta dissertação, usaremos o artigo masculino para referenciar participantes, por exemplo, o palestrante, o intérprete interlingual, o intérprete intralingual. Isso não significa que todos são homens, e sim para neutralizar a identidade de gênero dos participantes.

Sob a nossa observação, o posicionamento (figura 9) que é ajustado pelos intérpretes surdos e a gravação começa quando a interpretação inicia:

Figura 9: Gravação para coleta dos dados



Fonte: Elaboração própria (2018).

Para o registro, foi preciso fazer duas gravações com duas filmadoras simples, que permitissem visualizar o palestrante e os intérpretes surdos. Foi gravado na conferência, principalmente, nas palestras principais. Na imagem acima, a primeira gravação (A) mostra o palestrante, os *slides*, e o intérprete intralingual e a segunda gravação (B) mostra especificamente o intérprete interlingual e o(s) intérprete(s) de apoio. Após a gravação, os vídeos foram editados, juntando os dois vídeos (A+B), no programa *Adobe Première*, para produzir a interpretação simultaneamente, observando os fatos no *software* ELAN, que será explicado em seguida.

3.4 O SOFTWARE ELAN – EUDICO LINGUISTIC ANNOTATOR

O *software* foi escolhido para analisar os vídeos coletados é o *EUDICO Linguistic Annotator* – ELAN, que é “um programa de anotação que permite criar, editar, visualizar e pesquisar as anotações para dados de vídeo e áudio” (HELLWIG, 2017, p. 4, tradução nossa⁷⁰). Neste *software*, temos a possibilidade de analisar as duas línguas de sinais em uma mesma modalidade (espaço-visual), tanto Sinais Internacionais (SI) quanto a Língua Brasileira de Sinais (Libras), de forma simultânea.

O *software* ELAN permite a criação das trilhas para facilitar a análise das estratégias no processo da interpretação simultânea, então, apresentamos as trilhas (figura 10) que criamos no *software* ELAN:

⁷⁰ [...] an annotation tool that allows you to create, edit, visualize and search annotations for video and audio data.

Figura 10: Trilhas no *software* ELAN

Fonte: Elaboração própria (2018).

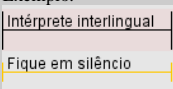
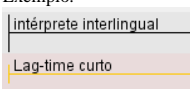
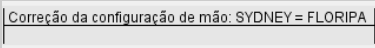
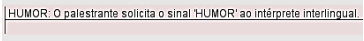
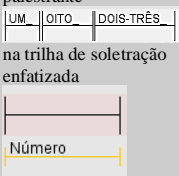
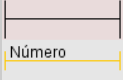
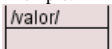
Apresentamos as seguintes trilhas (Quadro 3), com seus atributos e exemplos e dentro de algumas trilhas específicas contém os vocabulários controlados:

Quadro 3: Trilhas do *software* ELAN

TRILHAS	ATRIBUTOS	CONVENÇÕES DA TRANSCRIÇÃO	TIPOS DOS VOCABULÁRIOS CONTROLADOS
1. PalestranteD 2. PalestranteE	Quando o palestrante transmite a mensagem da língua-fonte, sinalizando com a mão direita(D) e com a mão esquerda(E)	Todas as GLOSAS nas línguas de sinais são maiúsculas. Ex.: ESCOLA	
3. Intérprete InterlingualD 4. Intérprete InterlingualE	Quando o intérprete transmite a mensagem da língua-alvo, sinalizando com a mão direita(D) e com a mão esquerda(E).	DI Descrições Imagéticas (classificadores). Ex.: Di:menino-crescer	
5. Intérprete IntralingualD 6. Intérprete IntralingualE	Quando o intérprete replica a mensagem da língua-alvo, sinalizando com a mão direita(D) e com a mão esquerda(E)	POSS Pronomes Possessivos. Ex.: POSS:dele + Repetição do sinal, vários movimentos. Também pode significar plural. Ex.:	

7. Intérprete de Apoio I	Quando o intérprete de apoio complementa os sinais, soletração ou números.	DENTRO+ FS. A abreviatura de <i>FingerSpelling</i> , em inglês. Soletração da palavra. Ex.:	
8. Intérprete de Apoio 2 ⁷¹	A mesma ação que o intérprete de apoio I faz (apenas na análise II)	FS:rachel _ Congelamento do sinal, quando apresenta um sinal, mas congela por um tempo mais longo. Ex.: VERBA_ IX Indicação para local, e pronomes pessoais. Ex.: IX:ele	
9. <i>Feedback</i>	Quando o intérprete dá uma resposta ao outro intérprete, sendo positiva ou negativa, quando o intérprete solicita.	G Gestos convencionais. Ex.: G:positivo EF Expressão Facial (<i>Facial Expression</i> , em inglês). Ex.: EF:negativo	1) <i>Feedback</i> positivo; 2) <i>Feedback</i> negativo; 3) Piscar-de-olho; 4) Pedido de esclarecimento. 5) Aceno com cabeça
10. Apontamento	Quando o intérprete interlingual ou o intérprete de apoio indica com o dedo para mostrar algo; quando o palestrante aponta para o intérprete interlingual.	Ex.: intérprete interlingual Slide	1) Apontamento para o slide 2) Apontamento para o intérprete interlingual
11. Complemento	Durante o processo da interpretação, o intérprete (interlingual, intralingual e de apoio) acrescenta alguma coisa na mensagem da língua-alvo. O complemento também ocorre quando a soletração (nome da pessoa, nome do local ou número) é omitida ou quando o intérprete insere o sinal da língua-fonte (SI) na mensagem-alvo (Libras): intervenção do sinal.	SINAL: nome-da-pessoa Sinal nominal, quando é indicado com o nome da pessoa. Ex.: SINAL:rachel	1) Sinais; 2) Soletração; 3) Numeral

⁷¹ Há mais um intérprete de apoio, mas somente na segunda análise (mais detalhes ver seção 3.5. Pré-análise dos vídeos)

12. Aviso	Quando a interpretação pausa (apenas quando o palestrante parar por alguns instantes para olhar o seu <i>Power Point</i> , ou refletir), o intérprete de apoio ou o intérprete interlingual avisa alguma coisa para o intérprete intralingual estar ciente; saber antecipadamente.	Exemplo: 	<ol style="list-style-type: none"> 1) o palestrante está muito rápido; 2) o palestrante não está muito claro; 3) o palestrante vai mostrar o vídeo no slide; 4) fique em silêncio
13. Lag time	Quando há uma defasagem, longa ou curta, entre a fala do palestrante e do intérprete, durante o processo da interpretação. Pode haver alguns acontecimentos: o intérprete pode estar com dúvida, ou o intérprete pode aguardar para memorizar os sinais ou parafrasear o contexto.	Exemplo: 	<ol style="list-style-type: none"> 1) <i>Lag time</i> curto; 2) <i>Lag time</i> médio; 3) <i>Lag time</i> longo
14. Correção	Quando o palestrante erra o sinal, o intérprete interlingual corrige o sinal; e também, quando o intérprete interlingual erra, o intérprete intralingual ou o intérprete de apoio corrige.	Ex.: 	
15. Solicitação do sinal	Essa estratégia é pouco usada, é realizado somente quando é solicitado pelo palestrante.	Ex.:  <i>"HUMOR: O palestrante solicita o sinal 'humor' ao intérprete interlingual"</i>	
16. Soletração enfatizada	Quando o palestrante soletra, com o modo devagar, ou seja, com clareza.	Ex.: Na trilha do palestrante  na trilha de soletração enfatizada 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Alfabeto manual 2) Número
17. Mouthing	Quando encontramos o movimento da boca, com uma palavra completa ou parcial em inglês/português.	Exemplo: 	

18. Marcadores Discursivos	Quando o marcador discursivo é identificado na mensagem-alvo, pelo intérprete interlingual e mensagem-alvo final pelo intérprete intralingual.	Exemplo:	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="524 220 669 263">(abaixa as mãos)</td> <td data-bbox="669 220 871 263">ENTÃO</td> </tr> </table>	(abaixa as mãos)	ENTÃO
(abaixa as mãos)	ENTÃO				
19. Comentários	Comentários gerais sobre as transcrições.				

Fonte: Elaboração própria (2018).

O vocabulário controlado (VC) é uma ferramenta interessante do ELAN, que serve para pesquisar em algumas trilhas específicas, segundo o autor:

Assim, nesses períodos é possível selecionar uma anotação entre outras opções previamente escolhidas e incluídas, facilitando o período de transcrição quando se está observando algo bastante específico (NOGUEIRA, 2016, p. 104).

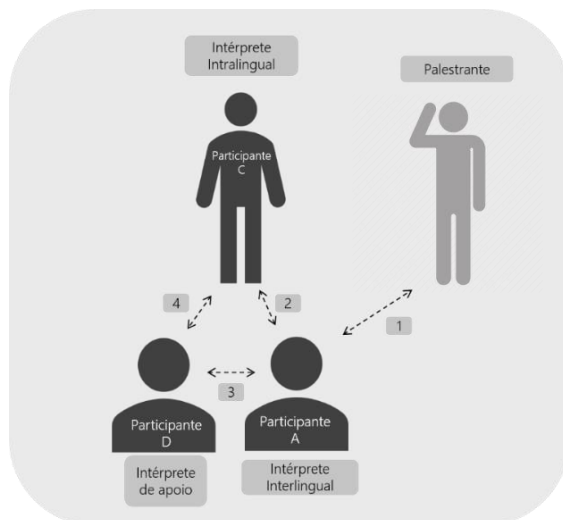
De acordo com o autor, com essa ferramenta, podemos criar os tipos para facilitar a identificação das estratégias em cada uma categoria de estratégias linguísticas, de colaboração e de preparação, por exemplo, em nosso caso desta pesquisa, na estratégia linguística, usamos os tipos de complemento: 1) sinais; 2) soletração; e 3) numeral, que facilitou a análise dos vídeos seguintes.

3.5 PRÉ-ANÁLISE DOS VÍDEOS

Selecionamos dois vídeos (o primeiro vídeo apresentaria um assunto e o segundo, outro assunto), importamos esses vídeos no *software* ELAN, que nos possibilitou transcrever e analisar de forma detalhada a língua-fonte (SI) e a língua-alvo (Libras) e, assim, criar as trilhas para identificar as estratégias da interpretação, de espelhamento e de apoio durante o seu processo da interpretação simultânea.

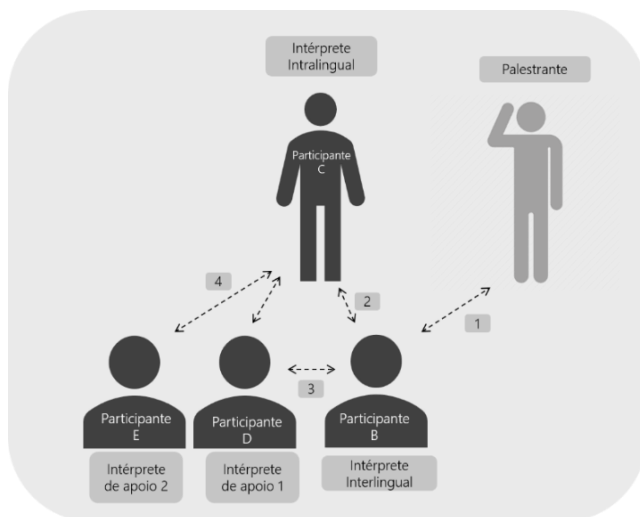
Ainda no ELAN, transcrevemos e analisamos os dois vídeos (análise I e II), com no máximo sete minutos em cada vídeo e, a partir da interpretação simultânea realizada pelos intérpretes. As figuras mostram o posicionamento da interpretação intramodal:

Figura 11: Análise I – Palestra sobre Pedagogia surda



Fonte: Elaboração própria (2018).

Figura 12: Análise II – Palestra sobre Literatura Surda



Fonte: Elaboração própria (2018).

Os assuntos das palestras são diferentes, o primeiro é sobre Pedagogia surda e o segundo sobre a Literatura surda. Na primeira análise (figura 11), os participantes são A, C, D, e na segunda análise

(figura 12), os participantes são B, C, D e E, acrescentando mais um intérprete de apoio (2), diferentemente da primeira análise, que não havia um segundo intérprete de apoio.

Nas figuras 11 e 12, há as relações entre os participantes: 1) relação entre o palestrante e o intérprete interlingual; 2) relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual; 3) relação entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual; 4) relação entre o intérprete de apoio e o intérprete intralingual. Já na segunda análise, há mais um intérprete de apoio.

A relação surge quando a pessoa estabelece uma ligação correspondente à outra pessoa, essas relações também serão analisadas. Assim, quando a interpretação inicia, surgem as relações entre os palestrantes, os intérpretes interlinguais e intralinguais e os intérpretes de apoio. A respeito desse ponto, criamos duas categorias de estratégias que podem ser conduzidas nos estudos de processo da interpretação simultânea de LS: (1) Estratégias Linguísticas; (2) Estratégias de Colaboração. Primeiro, vamos analisar o processo da mensagem em uma língua-fonte, identificando as estratégias linguísticas de interpretação; segundo, percebemos que os intérpretes entram em contato um com o outro, ou com o palestrante, durante a ação da interpretação.

Também criamos mais uma categoria que também deveria ser conduzida nos estudos de preparação da interpretação simultânea de LS: (3) Estratégias de Preparação. Não temos o registro que mostre como eles se preparam, porém apresentaremos que a falta de preparação pode influenciar o surgimento dos problemas no processo da interpretação simultânea intramodal. Desse modo, criamos três categorias de estratégias para auxiliar na preparação dos intérpretes.

4 RESULTADOS DA ANÁLISE

Este capítulo apresenta vários fatores da interpretação intramodal simultânea (SI-Libras) que podem influenciar o desempenho dos intérpretes surdos e sobre os quais os intérpretes surdos têm controle para preparar a melhor base possível para o seu trabalho.

Vamos apresentar as três categorias das estratégias da interpretação intramodal simultânea: 1) Estratégias Linguísticas; 2) Estratégias de Colaboração; e 3) Estratégias de Preparação. Cada uma destas categorias possui as estratégias específicas que são identificadas durante as análises no *software* ELAN e serão definidas, com alguns exemplos. As (1) Estratégias Linguísticas, compreendem os exemplos da mensagem da língua-alvo durante o processo da interpretação; as (2) Estratégias de Colaboração quando os intérpretes surdos entram em contato um com outro, sem interromper a interpretação e; as (3) Estratégias de Preparação surgem quando os intérpretes surdos preparam antecipadamente do evento.

4.1 ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS

Nessa seção apresentaremos as estratégias linguísticas que foram identificadas dentro da mensagem de língua-fonte e de língua-alvo durante o processo da interpretação intramodal simultânea. Estas estratégias linguísticas estão diretamente ligadas à língua em sua acepção estruturalista: léxicos, sintaxe, prosódia, semiótica, etc. É importante salientar que o intérprete surdo deve ter competência linguística em duas línguas de sinais.

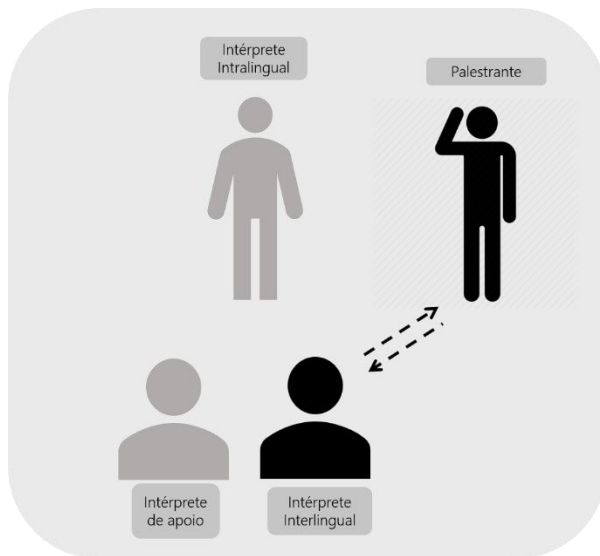
Figura 13: Hierarquia de estratégias linguísticas

Fonte: Elaboração própria (2018).

4.1.1 Palestrante ↔ intérprete interlingual

Desse modo, a relação entre o palestrante e o intérprete interlingual (figura 14) surge quando o intérprete interlingual inicia a interpretação a partir da fala do palestrante, a mensagem da língua-fonte é transmitida para a mensagem da língua-alvo.

Figura 14: Relação entre o palestrante e o intérprete interlingual



Fonte: Elaboração própria (2018).

4.1.1.1 *Mouthing* (EN-PT)

Os *mouthings* são movimentos de boca que os usuários de línguas de sinais (LS) usam durante a sinalização e é diferente de morfema-boca. Pêgo (2013) em pesquisa especificamente sobre morfema-boca, informa que este é próprio das LS. A morfema-boca não se encaixa no uso do *mouthing*, que é outro tipo de movimento da boca com empréstimo da respectiva língua oral. Nas línguas de sinais, o *mouthing* é um tipo de movimento de boca sem pronunciar o som e existem diversos movimentos de boca nas LS, “os falantes de línguas de sinais, surdos ou ouvintes, nativos ou não, utilizam diversos movimentos de boca durante a sinalização” (RODRIGUES; MEDEIROS, 2016, p. 7). Os *mouthings* significam que, de acordo com os autores, “aqueles movimentos da boca, presentes nas línguas de sinais, que são derivados da pronúncia das línguas orais, que são um tipo de palavra visual” (RODRIGUES; MEDEIROS, 2016, p. 7).

Existe outro tipo de movimento da boca nas LS, que são *mouth gestures* (gestos de boca, em português), que são próprios movimentos da boca do sistema de LS, gestos de boca não se encontram nos empréstimos das palavras de uma língua oral, são definidos como

“gestos utilizados na comunidade ou representações icônicas, ou sem origem óbvia, ou seja, sem caráter linguístico” (PÊGO, 2013, p. 54).

Em nosso caso de pesquisa, identificamos vários usos de *mouthing* na interpretação intramodal simultânea, e consideramos isso como uma estratégia linguística. O palestrante utiliza diversos movimentos de boca, durante a sinalização, apresentando as palavras completas e parciais em inglês (EN), e o intérprete interlingual consegue, mesmo durante a sinalização, traduzir o inglês para o português (PT), pelo uso do *mouthing*.

Nas duas análises, apresentaremos alguns sinais manuais e mais usados que ocorreram simultaneamente com as palavras (EN-PT) em uso do *mouthing*:

Quadro 4: O uso do *mouthing* na interpretação intramodal

O USO DE <i>MOUTHING</i> NA INTERPRETAÇÃO INTRAMODAL SIMULTÂNEA	
Língua fonte: Sinais Internacionais (EN)	Língua alvo: Libras (PT)
/know/	/sabe/
/how/	/como/
/deaf/	/surdo/
/have/	/tem/
/first-time/	/primeira-vez/ ou /primeira/
/finish/	/já/
/can/	/pode/

Fonte: Elaboração própria (2018).

Identificamos um recorte para mostrar o exemplo como o palestrante falante de português, em que no *slide* estava escrito em língua portuguesa, mas ele usava *mouthing* com as palavras inglesas e portuguesas simultaneamente. Quando o palestrante incluiu o sinal da Língua Gestual Portuguesa (LGP) na mensagem da língua fonte, o intérprete interlingual conseguiu compreender:

Palestrante: PERDER **VALOR-LGP** IX:isso **VALOR-LGP**⁷²

Intérprete Interlingual: PERDER **VALOR**

⁷² O sinal <VALOR> é da Língua Gestual Portuguesa (LGP). Encontrado no dicionário on-line internacional de diversas línguas de sinais em todo o mundo: Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt/>. Acesso em: 23 abr. 2018.

Este exemplo é interessante, o palestrante incluiu o sinal de LGP no SI, olha para o intérprete interlingual, e repete, até que o intérprete interlingual traduza para a Libras. Mesmo o intérprete não conhecendo o sinal do LGP, mas percebeu pelo uso do *mouthing* /valor/ do palestrante. Isso também causou uma facilitação da interpretação, por usarem a mesma língua (português).

Nas LS, sempre existem diversos movimentos dos lábios, assim, no caso de SI, os intérpretes surdos devem saber o inglês. Como Sinais Internacionais é uma parte das línguas francas, tem sido usada na comunidade surda internacional, os usuários de SI usam o *mouthing* apresentando as palavras inglesas e o intérprete interlingual precisa, então, traduzir esses elementos para português.

4.1.1.2 Correção de erros do palestrante

É função do intérprete corrigir o palestrante, quando o palestrante erra a referência da pessoa ou do local, ou não tinha certeza da informação. Como o intérprete conhece, pode melhorar/corrigir a mensagem para a língua-alvo. Esta é “uma função importante para que equívocos e incompreensões possam ser evitadas” (NOGUEIRA, 2016, p. 146). Assim, é recomendável usar esta estratégia se o intérprete conhece e tem certeza do que o palestrante está falando, dessa maneira, ele pode corrigir para dar melhor a mensagem na língua-alvo, que “fica claro para o público que um ajuste foi feito, porque o intérprete precisa realizar essa correção abertamente na língua-alvo” (NOGUEIRA, 2016, p. 93).

A seguir, mostramos um exemplo, que pode ser considerado como uma boa prática, quando o intérprete interlingual que melhorou/corrigiu a mensagem, quando o palestrante não tinha certeza da informação:

Palestrante: SINAL:rachel FICAR **SYDNEY MUDAR-PARA-CÁ MUDAR-PARA-LÁ SABER-NÃO** PESSOA IX:ela PESQUISAR

Intérprete Interlingual: SINAL:rachel FS:rachel SINAL:Rachel IX:ela **FLORIANÓPOLIS VIVER** IX:ela PESQUISAR

Quando o palestrante sinalizou SYDNEY (a cidade populosa de toda a Austrália), entendemos que os sinais SYDNEY e FLORIANÓPOLIS são semelhantes, pois são representados à ponte, o que diferencia é o movimento dos sinais, ele quis dizer mesmo que era

Florianópolis. Então, o palestrante ainda mostrou que não tinha certeza, dizendo que Rachel “mudou para cá” ou “mudou para lá”, o intérprete interlingual apenas corrigiu que ela ainda vive em Florianópolis, como uma informação resumida e clara, pois ele já sabia a referência do local onde Rachel vive atualmente. Isso é considerada como uma estratégia de correção para transmitir as informações corretas.

Vamos refletir sobre essa questão: não podemos pensar que esta função é uma boa prática sempre, seria correto corrigir a mensagem do palestrante ao invés de interpretar? Precisamos observar com atenção porque, às vezes, pode acontecer algum desentendimento, ou seja, caso o intérprete interlingual compreenda de forma errada a informação, por isso, precisamos ter a certeza absoluta que sabemos as informações. Caso não, é recomendável evitar corrigir e continuar transmitindo a mensagem do palestrante que acabou de falar.

No caso do palestrante estar nervoso ao apresentar, ou errar alguma configuração de mão, o intérprete pode corrigir, isso pode acontecer também na interpretação oral intramodal, é a mesma coisa quando o palestrante estrangeiro (ouvinte), na apresentação em sua língua estrangeira, fala uma palavra em português, com letras trocadas, ou com uma pronúncia incorreta, assim, o intérprete oral, ao invés de interpretar para a língua-alvo, corrige a palavra.

Outra opção, se o intérprete sabia a informação, mas não tinha certeza, pode consultar o apoio. Esta estratégia pode encaixar também no apoio, no caso de algum intérprete interlingual desconhecer o sinal, ou errar o sinal, o intérprete de apoio pode fazer uma correção, apresentando um sinal com a configuração de mão correta. Assim, consideramos como uma boa prática, auxiliando o colega durante o processo da interpretação. De acordo com o autor, no caso da interpretação de cabine (Libras-PT), os intérpretes de apoio ajudam o intérprete em ação:

As correções estariam relacionadas ao esforço do intérprete de apoio ao comparar o texto-fonte e sugerir informações que possam reparar o conteúdo entregue na língua-alvo, algo que possa ter sido omitido, adicionado ou alguma informação que acabou sendo enviesada (NOGUEIRA, 2016, p. 93).

Lembramos que, o intérprete interlingual não está sozinho na ação, pode contar com a ajuda do intérprete de apoio para melhorar a

mensagem da língua-alvo. A sua função não é só interpretar, e sim, responsabilizar-se em transmitir a mensagem da língua-alvo com as informações relevantes ao público.

4.1.1.3 Complemento

O complemento pode ser uma função para melhorar a mensagem de língua-alvo, ocorre quando o intérprete interlingual acrescenta alguma coisa que não foi dita na mensagem de língua-fonte transmitida pelo palestrante, por exemplo, o intérprete acrescentou a soletração, apresentando o nome da pessoa, a sua função era acrescentar o nome da pessoa para que o público saiba a referência desta pessoa:

Palestrante: SINAL:rachel

Intérprete Interlingual: SINAL:rachel **FS:rachel** SINAL:rachel

O palestrante apresentou diretamente o sinal sem informar o nome da pessoa, assim, o intérprete interlingual aproveitou para complementar a soletração R-A-C-H-E-L para informar o nome dela ao público caso os participantes conhecem a referência da pessoa.

A estratégia da interpretação intermodal EN-SI, o intérprete acrescenta os detalhes, julgando elipse e redundância na mensagem de língua-alvo, de acordo com as autoras:

Através da adição de certos detalhes no texto de mensagem de destino, o intérprete de SI evidencia um processo de avaliação do grau de elipses ou redundância em uma mensagem de origem, em relação ao conhecimento contextual do público-alvo (MCKEE; NAPIER, 2002, p. 45).

Essa estratégia da interpretação intermodal pode se encaixar na estratégia da interpretação intramodal, observamos que o palestrante não apresentou o nome da pessoa, apresentou diretamente o sinal da pessoa, e o intérprete interlingual sabia o nome da pessoa. Esse complemento de soletração pode ser considerado como uma estratégia importante, para informar a referência de pessoa e, também, de local. Desse modo, a mensagem de língua-alvo ficaria mais clara, “às vezes, o complemento tem o interesse de deixar claro e especificar o referente, tornando o discurso mais coeso” (NOGUEIRA, 2016, p. 144). No caso da

interpretação intermodal EN-SI, as autoras destacam a importância do complemento relacionado ao conhecimento do local contextual:

O intérprete fornece três tipos de pistas contextuais para ajudar a identificar o referente (nome, local, identidade nacional), todos os quais são iniciados a partir de seu próprio conhecimento contextual ao invés do palestrante (MCKEE; NAPIER, 2002, p. 50).

A principal função é melhorar a mensagem na língua-alvo, mesmo que o palestrante não tenha dito, seria recomendável ter a função de transmitir as mensagens relevantes, informando os nomes e os locais referentes. Em todo caso, essa informação já era implícita no contexto e o intérprete só explicitou essa informação.

4.1.1.4 Descrições imagéticas

As descrições imagéticas (DI) fazem parte das línguas de sinais, mas também de interpretação interlinguística, de acordo com a autora:

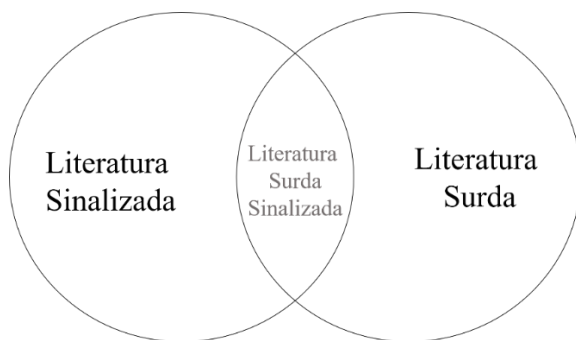
Assim, pode-se reconhecer que a/o intérprete ao sinalizar uma descrição imagética ou representar uma ação de forma teatralizada estará fazendo uma interpretação intersemiótica e intralingual, pois transmuta elementos da linguagem imagética e icônica para a língua de sinais (NICOLOSO, 2015, p. 124).

Apesar de Nicoloso comentar aqui que a interpretação voz-sinal pode ocorrer em situações específicas, ou sejam, ocorrem em momentos próprios para usar uma descrição imagética na interpretação intramodal. Temos uma reflexão que precisa ser discutida. Por exemplo, se o palestrante usa uma descrição imagética (DI) bem clara e fácil de compreender, o intérprete precisa copiar a mesma DI? A descrição imagética do palestrante pode chamar mais atenção ao público. Por outro lado, como foi discutido anteriormente, a tendência da SI é ser mais visual do que as línguas de sinais nacionais. Portanto, seria o caso de diminuir esse uso da visualidade ao interpretar de SI para Libras?

No *corpus* dessa pesquisa aconteceram dois exemplos onde o intérprete interlingual usou DI para visualizar elementos do *slide* do palestrante para o intérprete intralingual que não está vendo esse material visual e por isso não tem referência visual. Nesses dois

exemplos, na palestra de Literatura Surda, uma vez o intérprete intralingual copiou a DI (figura 15), quando o intérprete interlingual aproveitou fazer a tradução intersemiótica da figura que havia no *slide*, para esclarecer a mensagem-alvo, pois “os textos alvos em Libras precisam incorporar informações semióticas que tornem o texto mais claro e interessante” (SEGALA; QUADROS, 2015, p. 367). Então o intérprete interlingual apresentou a intersecção dos conjuntos imaginária, ampliando o espaço de sinalização, usando a inclinação do corpo, que envolve os ombros à esquerda e à direita, mostrando a clareza da divisória dos conjuntos, que o conjunto “literatura surda” do espaço esquerdo e o outro conjunto de “literatura sinalizada” do espaço direito, no meio dos conjuntos, os dois se juntam em um só, transforma em “literatura surda sinalizada”:

Figura 15: Intersecção de conjuntos



Fonte: Elaboração própria (2018).

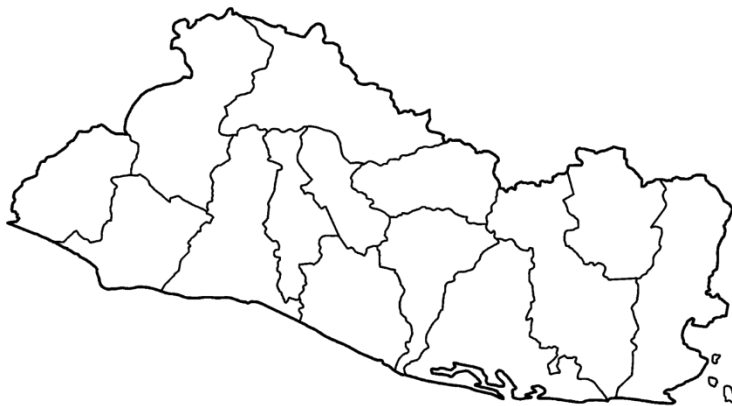
Identificamos este exemplo na interpretação simultânea, mesmo que o palestrante não tenha feito a descrição imagética desta intersecção de conjuntos, pois já havia a imagem no *slide*, ele sinaliza usando o espaço geral e usa a inclinação do ombro para o espaço esquerdo. Em seguida, continua sinalizando, mantendo no espaço esquerdo, depois inclinou o ombro para o espaço direito e mantém a sinalização no espaço direito e, em seguida, junta os dois conjuntos para o meio, sinaliza o espaço normal, em frente do seu corpo. O intérprete intralingual faz uma replicação da mensagem-alvo, mas com uma finalização melhor de prosódia visual, deixando a mensagem mais clara e interessante, usou a sinalização inclinando para o espaço esquerdo para referenciar a literatura surda e inclinando para o espaço direito para referenciar a literatura sinalizada e, depois, juntou os dois conjuntos

usando a sinalização no espaço normal, referenciando a literatura surda sinalizada.

Sugerimos que, se o palestrante mostrar as imagens no *slide* (por exemplo em uma palestra sobre literatura surda), tais como figuras gráficas, hierarquias, ciclos, listas, que não podem ser vistos pelo intérprete intralingual, seria aconselhável que o intérprete interlingual façam descrições imagéticas mostrando essas imagens para o intérprete intralingual entenda do que se trata e depois use a estratégia apontamento já que a plateia tem a opção de olhar o material gráfica projetado.

No outro exemplo, encontramos em uma palestra de educação bilíngue, o intérprete interlingual usou a DI mostrando o mapa do país El Salvador (figura 16):

Figura 16: Mapa de El Salvador



Fonte: Wikipédia⁷³

O intérprete interlingual usou a DI mostrando esse mapa e aponta para o *slide*, o intérprete intralingual entendeu que essa referência visual era correspondente a apresentação projetada e usou apenas a estratégia apontamento.

Podemos também sugerir em casos especiais que, se o palestrante fizer muito uso de descrição imagética, teria que avisar aos intérpretes

⁷³ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:El_Salvador_departments_blank.png.

Acesso: em 08 maio 2018.

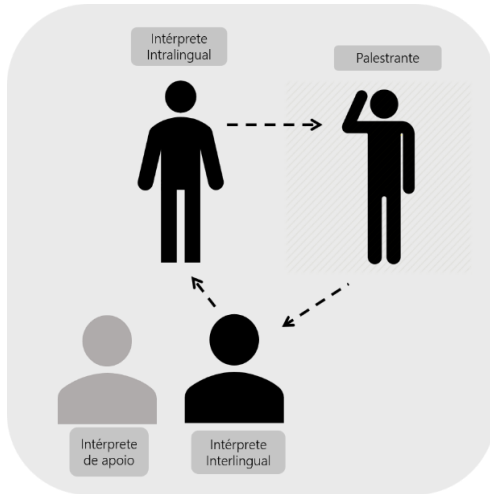
que a sua DI não precisa ser interpretada em alguns momentos, aí os intérpretes ficariam “desativados”, até que o palestrante volte a sinalizar, olha ou avisa para os intérpretes para ativarem a interpretação. Nesse caso, o público consegue acompanhar diretamente a produção do palestrante.

4.1.2 Palestrante → Intérprete interlingual → Intérprete intralingual

Quando o palestrante começa a apresentar o texto-fonte, o intérprete interlingual começa a ação de interpretar para o texto-alvo, e após compreender o texto-alvo em libras, o intérprete intralingual inicia a replicação do texto-alvo ao público (figura 17), ou seja, existe uma dupla defasagem neste modelo de interpretação.

Nesta situação, podemos perceber que o palestrante começa a iniciar uma mensagem-fonte, e o intérprete intralingual ainda não pode começar a interpretar. Isso ocorre porque o intérprete interlingual está prestes a iniciar a ação de interpretar para a língua-alvo, assim, o intérprete intralingual começa a replicar quando só depois o intérprete interlingual começa a transmitir a mensagem-alvo. O tempo de defasagem é chamado de *lag time*. À primeira vista pode parecer um problema, ainda mais tendo duas defasagens, mas também se trata de uma estratégia no nível da produção linguística da interpretação simultânea intramodal, que será apresentado em seguida.

Figura 17: Relação entre o palestrante e os intérpretes interlingual e intralingual



Fonte: Elaboração própria (2018).

4.1.2.1. *Lag Time*

Lag time é a defasagem entre a fala do palestrante e do intérprete. No caso da interpretação intermodal, isso ocorre quando o intérprete está aguardando alguns instantes para ouvir o contexto da fala do palestrante, significa que ele está ouvindo com atenção, pensando como vai interpretar para produzir a mensagem simultaneamente para a língua-alvo.

O tamanho do *Lag time* pode ser considerado uma estratégia, por exemplo, para esperar alguns instantes a mais para ouvir/ver o contexto da mensagem, grupos lógicos maiores, para que consiga interpretar simultaneamente, com um pequeno atraso a mais, porém, produzindo um texto-alvo mais correto ou mais consistente. Esse pequeno atraso não é considerado como um problema, o intérprete sempre deve aguardar alguns instantes para compreender bem o texto na língua-fonte e, assim, pode iniciar a interpretação. De acordo com Cokely:

Por causa das exigências cognitivas do processo de interpretação, os intérpretes não podem começar imediatamente a interpretar quando o palestrante começa a dizer uma mensagem da língua-fonte (LF). Eles devem esperar até que tenham ouvido uma parte suficiente da língua-

fonte antes de começar a produzir a tradução da língua-alvo (LA) (COKELY, 1986, p. 3, tradução nossa⁷⁴).

Esse atraso pode ser curto, médio ou longo. Assim, podemos chamar as estratégias: *lag time* curto, médio e longo. Essas estratégias (como todas as outras estratégias de interpretação) podem ter suas vantagens e desvantagens. A vantagem do *lag time* curto é que o intérprete não sobrecarrega a memória, mas pode acontecer que o intérprete não aguarda para entender o contexto da língua-fonte e isso pode ser uma desvantagem e pode-se produzir um texto menos claro.

Quanto ao *lag time* longo, no caso da interpretação intermodal de inglês para SI, McKee e Napier (2002) consideram uma vantagem, que pode ocorrer quando os intérpretes trabalham com o processamento e capacidade de memória para interpretação simultânea em ordem de maximizar a análise da mensagem eficaz e reconstrução da mensagem na língua-alvo conceitualmente equivalente. Os intérpretes aguardam para compreender melhor o texto-fonte, para produzir de uma forma mais clara. Todavia, há uma desvantagem disto, segundo o autor:

Evidenciamos também que não é uma regra que deva ser seguida à risca, primeiro porque vai depender da capacidade de armazenamento da memória de curto prazo de cada profissional e segundo porque, quanto mais tempo de atraso, mais probabilidade de ocorrer a sobrecarga da memória de curto prazo causando falhas no processo (BARBOSA, 2014, p. 102).

Com outro ponto de vista do autor, se o problema surgir, por exemplo, o *lag time* excessivo, pode influenciar a omissão na interpretação e o intérprete pode perder alguma informação significativa da língua-fonte. Segundo o autor, o risco do *lag time* excessivo no processo interpretativo:

[...] é o risco de se manter um distanciamento maior (*lag time*) em relação à LF, pois a entrada de informação não se mantém a mesma durante o

⁷⁴ *Because of the cognitive demands of the interpretation process, interpreters cannot immediately begin interpreting when the speaker begins uttering the source language (SL) message. They must wait until they have heard a sufficient portion of the SL message before beginning to produce the target language (TL) rendition.*

discurso. Isso dificulta ainda mais a escolha do profissional em poder se manter mais distante ou ter que estar mais próximo, pelo receio de perder informações relevantes (BARBOSA, 2014, p. 102).

Essa desvantagem é que o intérprete pode sobrecarregar a memória e causar omissão, isso dificulta o processo da interpretação simultânea, assim, a mensagem na língua-alvo pode tornar-se incompreensível ao público. Porém, há outras perspectivas, Cokely (1986) considera isso como uma vantagem, segundo ele, “quanto mais tempo de atraso, melhor serão as escolhas do profissional” (COKELY, 1986 apud BARBOSA, 2014, p. 101), então, o intérprete pode entender melhor o texto-fonte para retextualizar a mensagem de forma mais clara. Para isso, os intérpretes necessitam praticar com a memória de curto prazo, segundo Barbosa (2014), isso é uma ferramenta muito importante para o processo interpretativo.

Na interpretação intramodal de uma língua de sinais para outra língua de sinais, podemos dizer que o tempo do *lag time* pode ser diferente do *lag time* da interpretação intermodal, pois as modalidades são diferentes, uma que é da modalidade oral-auditiva e outra é do espaço-visual, e ainda, as estruturas das línguas (ex., português para Libras) são totalmente diferentes. Segundo Cokely, “quando as estruturas das duas línguas são semelhantes, o tempo menor de atraso pode ser possível; no entanto, quando as estruturas são significativamente diferentes, é necessário um atraso maior” (COKELY, 1986, p. 3, tradução nossa⁷⁵). Nessa pesquisa, identificamos alguns distanciamentos curtos, médios e longos com o intérprete interlingual e com o intérprete intralingual. Criamos os subtipos do *lag time* para esclarecer a variação do tempo:

Quadro 5: Subtipos do *lag time*

Subtipos do <i>lag time</i>	Tempo
<i>Lag time</i> curto	1-2 segundos
<i>Lag time</i> médio	3-4 segundos
<i>Lag time</i> longo	5-6 segundos

Fonte: Elaboração própria

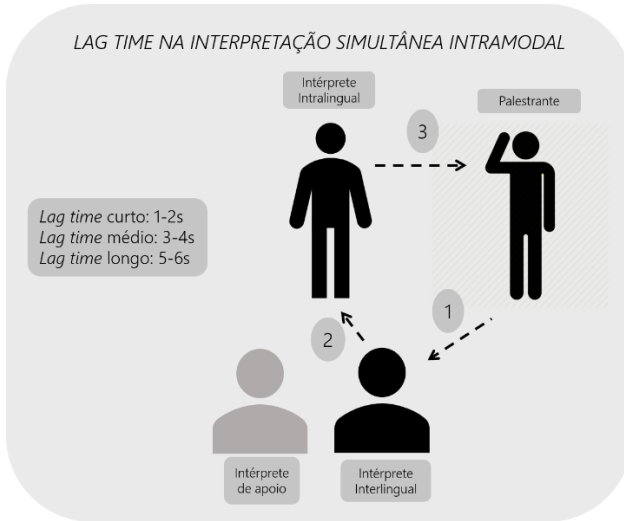
⁷⁵ *When the structures of the two languages are similar, a shorter lag time may be possible; however, when the structures are significantly different, a longer lag time is required.*

O (1) *lag time* curto, quando o intérprete interlingual/intralingual aguarda (1-2 segundos) a produção de um a dois sinais e interpreta/replica imediatamente; o (2) *lag time* médio ocorre quando o intérprete interlingual/intralingual aguarda 3-4 segundos, é o intermediário entre o *lag time* curto e o *lag time* longo e pode chegar a ser uma tentativa do equilíbrio vantagens e desvantagens; o (3) *lag time* longo, quando o intérprete interlingual/intralingual faz um maior tempo de atraso, aguardando por uns 5-6 segundos, vendo um contexto geral para que interpretar/replicar a interpretação.

Nas análises, observamos que o *lag time*, na relação entre o palestrante e o intérprete interlingual, varia do tempo curto a médio, que varia de 1 a 4 segundos, no máximo, durante o processo da interpretação intramodal SI-Libras. Vamos refletir: se o intérprete interlingual usa *lag time* médio, isso influencia o tempo do *lag time* total (do momento do palestrante enunciar até o momento do intérprete intralingual enunciar o mesmo conteúdo) ser mais longo ainda?

Aqui, vamos apresentar os trechos do *lag time* na relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual. Para iniciar a análise, observamos que, quando o palestrante inicia a fala, o intérprete surdo interlingual fica com as mãos baixadas, concentrado no texto-fonte, aguardando os primeiros sinais da língua-fonte surgirem. Em seguida, inicia a interpretação e depois a replicação e elaboração do texto final pelo intérprete intralingual inicia.

Figura 18: *Lag time* na interpretação simultânea intramodal



Fonte: Elaboração própria (2018).

Apresentaremos, aqui em baixo, os três trechos, alguns *lag time* pode haver uma variedade de tempo, com um distanciamento curto a longo:

Intérprete interlingual: COMO VER ESTIMULAR ASSOCIAÇÃO LUTAR

Intérprete intralingual: COMO (***lag time médio***) TENTAR POSSÍVEL ESTIMULAR LUTAR POSSÍVEL ASSOCIAÇÃO

Nesta situação, em que o palestrante está apresentando, percebemos que o intérprete interlingual estava concentrado na interpretação, à direção do palestrante, com rapidez, e o intérprete intralingual abaixa as mãos, demonstra expressão facial duvidosa, com um *lag time* de três segundos, mas não finalizou a mensagem-alvo, e continua a replicação. Consideramos isso como um problema que causou este *lag time* médio, pelo fato do intérprete intralingual estar com dúvida. O público deve ter obviamente percebido, imaginado o porquê que o intérprete intralingual ter parado por alguns instantes enquanto o palestrante já estava sinalizando. Mesmo assim, continua até que o intérprete interlingual finaliza.

A seguir apresentamos outro trecho, quando o intérprete interlingual percebeu que o intérprete intralingual não estava conseguindo acompanhar o texto-alvo, o intérprete interlingual começou a interpretar quando o palestrante já iniciou.

Palestrante: TAMBÉM DURANTE (*o intérprete interlingual começa a traduzir*) ANTES UNIVERSIDADE NADA DURANTE// OFICIAL

Intérprete interlingual: (**lag time curto**) IX:ele FALAR TAMBÉM ANTES NADA FACULDADE NADA DURANTE (*começa a replicação pelo intérprete intralingual*)

Intérprete intralingual: (**lag time longo**) TAMBÉM ANTES ESPAÇO FACULDADE ESPAÇO NADA DURANTE

Nesta situação, encontramos um *lag time* longo, quando o intérprete interlingual produziu os oito sinais de modo devagar, para que seja possivelmente mais claro para o intérprete intralingual. Este ficou aguardando por 6 segundos, vendo atenciosamente a mensagem, portanto, não copiou os mesmos sinais o que o intérprete interlingual produziu. Ele começa a replicar a mensagem com um maior tempo de atraso, e ainda, complementou mais um sinal “ESPAÇO” para referenciar o local da faculdade. Deste modo, o intérprete intralingual estava aguardando a mensagem da língua-alvo ser produzida pelo intérprete interlingual, até compreender melhor o texto e, assim, pode parafrasear a mensagem, que talvez pode ter melhorado o contexto. Dependendo da situação, e ainda, no caso desta situação, isso pode ser uma boa estratégia, mesmo com o mesmo significado, como dissemos anteriormente, o intérprete pode aguardar para retextualizar de forma mais clara.

Percebemos que o intérprete interlingual começa a interpretar quando o palestrante produz um a dois sinais, ou seja, aguarda por um tempo curto e, em seguida, a replicação começa quando o intérprete interlingual já produziu mais sinais, mostramos o trecho aqui em baixo:

Palestrante: IX:eu SINALIZAR (*começa a interpretação*) CRIANÇA VER ADQUIRIR

Intérprete interlingual: (**lag time curto**) IX:eu SINALIZAR CRIANÇA SURDO EXPLORAR+ (*começa a replicação*)

Intérprete intralingual: (**lag time médio**) IX:eu EXPRESSAR LÍNGUA-DE-SINAIS CRIANÇA SURDO EXPLORAR+

Neste trecho acima, o intérprete intralingual aguardou por aproximadamente 2,5 segundos enquanto o intérprete interlingual estava interpretando, e não replicou os mesmos sinais, ele complementou “EXPRESSAR LÍNGUA-DE-SINAIS” para deixar a mensagem mais compreensível.

O *lag time* curto ocorre quando o intérprete interlingual aguarda um ou dois sinais produzidos pelo palestrante e, em seguida, o intérprete intralingual aguarda três a quatro segundos para iniciar a replicação da mensagem-alvo. O *lag time* médio ocorreu, na maioria das vezes, com o intérprete intralingual, porque o intérprete interlingual aguarda por um a dois segundos quando o palestrante inicia uma mensagem nova. Assim, o *lag time* tenta equilibrar as vantagens e as desvantagens e isso pode ser considerado como uma boa prática. Nas análises, observamos em geral o tempo do *lag time* no processo da interpretação intramodal:

Quadro 6: Relação e tempo do *lag time*

	Relação entre	Tempo
1	Palestrante → Intérprete interlingual	1-2s
2	Intérprete Interlingual → intérprete intralingual	2-4s
3	Intérprete intralingual ↔ Palestrante	2-6s

Fonte: Elaboração própria (2018).

Lembrando que o *lag time* pode ter uma variedade do tempo de atraso, e dependendo do tempo, de menor a maior, e também, isso pode depender do intérprete interlingual que consegue aguardar alguns instantes ou não, para traduzir para a língua-alvo, assim, o intérprete intralingual pode aguardar por um tempo intermediário, parafrasear e melhorar a mensagem, finalizando-a com a prosódia visual.

Podemos considerar que mesmo com o *lag time* curto esteja normal, pois o intérprete interlingual, com as suas experiências, consegue interpretar imediatamente, por estruturas das línguas de sinais ser semelhantes.

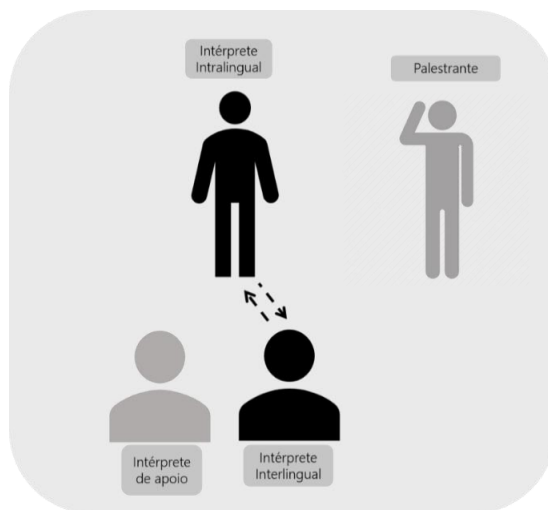
Em primeiro lugar, os intérpretes interlinguais/intralinguais precisam estar cientes de que é necessário ter mais praticidade com a memória, respeitando o nosso tempo para trabalhar a traduzir/replicar a mensagem da língua-alvo. O mais importante é saber que, mesmo com o menor ou maior atraso, a mensagem precisa ser transmitida com clareza, destacando as informações mais relevantes.

4.1.3 Intérprete interlingual ↔ Intérprete intralingual

Apresentaremos as estratégias identificadas na relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual (figura 19), percebemos a diferença da interpretação entre os dois. A função do intérprete interlingual é traduzir o significado da mensagem em uma língua-fonte para a língua-alvo, mas a sua função não é só interpretar, deve ter uma responsabilidade de mostrar outros elementos do discurso interpretado com clareza para o intérprete intralingual.

A função do segundo é replicar a mensagem-alvo, seguindo as estratégias do intérprete interlingual, porém, transformando a primeira tradução interlingual no texto final apresentado na língua alvo, incluindo elementos prosódicos, marcadores de estrutura textual etc. Se o intérprete interlingual demonstra segurança, o intérprete intralingual sente o mesmo e isso facilitará muito o trabalho dos dois e melhorará significativamente o resultado final da interpretação.

Figura 19: Relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual



Fonte: Elaboração própria (2018).

4.1.3.1 Pistas de prosódia visual

O intérprete interlingual faz uma prosódia visual, mais clara, diferentemente da prosódia do palestrante, com os movimentos mais acentuados, pois o seu objetivo é passar as informações com clareza,

fáceis de serem visualizadas para que o intérprete intralingual consiga enxergá-lo para replicar a mensagem-alvo. Assim, o intérprete intralingual faz a finalização com prosódia melhor, chegando a ser semelhante à prosódia do palestrante.

Muitas vezes o intérprete surdo, ou seja, o intérprete intralingual não apresenta a prosódia visual, com minimização das expressões faciais, do uso de espaço, assim, pode causar uma falta de compreensão ao público, por isso, a prosódia visual é uma parte importante da produção do texto alvo final da interpretação, como em qualquer texto sinalizado que deve sempre ser incluída na produção da língua de sinais, de acordo com o autor:

Além das expressões faciais, do olhar, das piscadas e das modulações de sinais manuais, outro recurso das LSs que pode ser relacionado à delimitação de agrupamentos prosódicos é a inclinação do corpo, que envolve o tronco como um todo ou os ombros apenas (LEITE, 2008, p. 32).

Não só expressões faciais, do olhar, das piscadas, e outros, intérprete surdo deve lembrar de utilizar a inclinação do corpo aproveitando o espaço de sinalização, assim, ele mostra a clareza da sua mensagem-alvo. Na prática da interpretação pode acontecer facilmente que os dois intérpretes (inter e intralingual) fiquem tensos devido às múltiplas demandas do processo de interpretação e essa parte do texto-alvo fique prejudicada. Por isso, essa estratégia precisa ser explicitamente mencionada aqui.

Isso vale principalmente em momentos de carga maior no processo de interpretação, por exemplo, quando o palestrante sinaliza com velocidade maior, ou quando ocorrem problemas de compreensão do texto-fonte.

Em uma análise, identificamos um exemplo que mostra o intérprete interlingual interpretando de forma mais resumida, usando os sinais que o palestrante usa, mas não a mesma marcação da estrutura discursiva e o intérprete intralingual faz uma finalização melhor na interpretação, inserindo marcadores de prosódia visual importantes:

Intérprete interlingual: LUTAR ESTIMULAR MOVIMENTAR
DESENVOLVER AGORA DIFÍCIL// PRIMEIRO ASSOCIAÇÃO_

(*mão esquerda*) EDUCAÇÃO (*mão direita*) JUNTAR SURDO REPRESENTAR+ CADA+
 Intérprete intralingual: (***inclina o ombro para o espaço esquerdo***) LUTAR ESTIMULAR CONSEGUIR MOVIMENTAR IX:isso DESENVOLVER AGORA POUCO DIFÍCIL (***inclina o ombro para o espaço direito***) PRIMEIRO IX:isso ASSOCIAÇÃO IX:associação (***inclina o ombro para o espaço esquerdo***) EDUCAÇÃO IX:isso JUNTAR REPRESENTAR (com as duas mãos) SURDO REPRESENTAR (***mão direita***) REPRESENTAR (***mão esquerda***)

A diferença da interpretação entre os dois intérpretes em que percebemos é a inclinação que o intérprete intralingual usou para o espaço direito e para o espaço esquerdo, para esclarecer a mensagem-alvo. Foi interessante constatar que o palestrante havia usado uma estratégia semelhante de atribuição espacial e o intérprete intralingual recuperou essa estratégia sem ter visto o palestrante e sem que o intérprete interlingual tenha usado. Ou seja, esses elementos de prosódia visual são inerentes a um discurso bem estruturado e claro. Por isso, é interessante se o intérprete interlingual usa essas estratégias linguísticas e prosódicas.

4.1.3.2 Ampliação do espaço de sinalização

A ampliação do espaço de sinalização é uma estratégia que o intérprete interlingual utiliza para criar mais clareza e compensar a distância entre os dois intérpretes e a diferença de altura / iluminação (dependendo do tipo de palco, etc.) e consiste no uso do espaço de sinalização com uma ampliação, para facilitar a replicação da mensagem, também para que o intérprete intralingual consiga visualizar melhor para copiar a mensagem-alvo transmitida pelo intérprete interlingual. (2013, p. 112) usou a ampliação do espaço de sinalização como um dos critérios para o registro formal nas traduções de editais que precisam estabelecer o máximo de clareza das informações (enquanto a sinalização num espaço mais reduzido pode ser um elemento de informalidade).

No caso da interpretação intramodal esse recurso é usado com o mesmo objetivo: aumentar a clareza do texto. Segundo autor,

Sugere-se que o principal motivo da diferença seja decorrente das características físicas e ambientais que podem ser responsáveis por influenciar os diferentes usos do espaço de sinalização (SILVA, R. p. 71, 2013).

A ampliação do espaço de sinalização é totalmente diferente de descrições imagéticas (DI) que foram explicadas anteriormente. O seu objetivo é ampliar o espaço de sinalização, com os braços mais abertos, com os sinais mais acessíveis, para que o intérprete intralingual consiga enxergá-lo para replicar a mensagem transmitida pelo intérprete interlingual. Isso é ainda mais importante porque, em geral, o intérprete intralingual está localizado no palco do evento, ao lado do palestrante e precisa criar uma conexão visual com o público que está atrás e acima do intérprete interlingual, ou seja, o intérprete intralingual não pode fixar o olhar no intérprete interlingual, mas precisa enxergar a sinalização do intérprete interlingual na beira inferior do seu campo visual.

Na produção do texto final, o intérprete intralingual não necessariamente vai usar a mesma ampliação do espaço de sinalização, pois poderia ser visto como não natural, porém, era uma estratégia necessária para ajudar na transmissão clara e segura do texto entre os dois intérpretes. Na palestra da literatura surda, que o intérprete interlingual usou a ampliação do espaço de sinalização durante o processo de interpretação, identificamos vários trechos que o intérprete interlingual sinalizou com o uso da ampliação do espaço, aqui apresentamos um exemplo:

Intérprete interlingual: CRIANÇA SURDO **LÍNGUA-DE-SINAIS** TER-NÃO (balança a cabeça em negação) SURDO
IX:ele **LÍNGUA-DE-SINAIS** PROFESSOR ENSINAR LÍNGUA-DE-SINAIS

Intérprete intralingual: SURDO CRIANÇA LÍNGUA-DE-SINAIS QUALIDADE TER-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS SURDO
IX:eu LÍNGUA-DE-SINAIS PROFESSOR IX:eu LÍNGUA-DE-SINAIS

Os sinais que estão em **negrito** no trecho significam que o intérprete interlingual sinalizou mais abertamente com a ampliação do espaço de sinalização. Esta estratégia é importante para o intérprete intralingual. Vamos supor que, se o intérprete interlingual não usar a

ampliação do espaço, com a sinalização mais fechada, é possível que dificulte a visibilidade pelo intérprete intralingual. Por isso, o intérprete interlingual deve lembrar de usar o espaço ampliado, com a sinalização aberta.

4.1.3.3 Marcadores discursivos

Os Marcadores Discursivos (MDs) criam a estrutura da mensagem desde o começo ao fim. De acordo com Silva e Strazzi (2017), os MDs da Libras “são mecanismos linguísticos utilizados na expressão sinalizada e podem ter função textual, interacional ou de acompanhamento discursivos” (SILVA; STRAZZI, 2017, p. 198). Toda mensagem produzida em LSs possui os marcadores discursivos, assim como as línguas orais e escritas.

A falta de MDs é o principal problema que é encontrado pelos intérpretes de LS novatos na modalidade voz-sinal (intermodal). Muitas vezes os intérpretes novatos, que se preocupam mais com os elementos lexicais do que os MDs, justamente porque ainda não possuem as estratégias necessárias de interpretação, podem dificultar a compreensão da mensagem-alvo pelo público surdo. Os Marcadores Discursivos são como um tecido de roupa que possui os fios horizontais, ou seja, o fluxo linear de informação e os fios verticais, ou seja, os elementos topicalizantes, que criam a estrutura do discurso. Isso quer dizer que criamos um contexto do texto com clareza e, se as linhas verticais deste mesmo tecido estiverem tortas ou cortadas, isso pode significar que as mensagens estão fora do contexto do texto. No caso dos intérpretes, se eles não estiverem se sentindo seguros, isso pode causar uma interpretação confusa, assim, o público não entenderá.

Sabemos que todo texto-alvo tem antecipação, se o intérprete criar uma frase nova toda hora, o seu texto não vai ter uma estrutura clara para que o público compreenda e acompanhe o contexto do texto.

A estratégia de usar marcadores discursivos significa que o intérprete interlingual precisa conseguir acompanhar as mensagens-fonte na sua estrutura discursiva, guiando o intérprete intralingual que vai transmitir essa estrutura lógica ao público para esse entender o texto-alvo, e criando o contexto deste mesmo texto. Se ele não criar o contexto do texto, os lexicais não ficarão claros, nem os significados.

A identificação das características do discurso nas línguas sinalizadas tende a focalizar na direção do olhar, piscadas dos olhos, elementos não-manuais

(expressão facial, movimentos de sobrancelhas e bochechas, movimentos de cabeça, ombros e corpo), *mouthings*, padrões de mudanças de posição, mudanças do espaço, tamanho da sinalização ('volume'), prosódia e pausas (NAPIER, 2006, p. 255-256, tradução nossa⁷⁶).

Napier (2006) analisa a necessidade de usar marcadores discursivos consistentes ao interpretar para a língua de sinais e mostra formas como ensinar essa estratégia aos intérpretes (ouvintes).

Esses marcadores discursivos, no caso da interpretação intramodal, são identificados pelos intérpretes inter e intralingual. Citamos como exemplo, em uma análise deste estudo, identificamos que o palestrante faz uma pausa para ler o *slide*, o intérprete interlingual abaixa as mãos (MD1) por alguns instantes e quando o palestrante volta a sinalizar, o intérprete interlingual começa com um marcador discursivo “ENTÃO” (MD2) para continuar a mensagem que foi dita transmitida anteriormente. O marcador discursivo (1) significa uma pausa entre a mensagem-fonte e a mensagem-alvo e, assim, quando a mensagem-fonte volta a ser transmitida, ele faz outro marcador discursivo (2) para mostrar que essa mensagem-alvo ainda não foi encerrada e isso serve para retomar a contextualização da mensagem-alvo anteriormente transmitida, dando sequência ao texto, retomando o que foi dito anteriormente.

Identificamos um outro exemplo de marcador discursivo que também pode ser considerado importante e que deve ser usado em interpretação intermodal e intramodal: o uso de boia é um recurso muito importante para organizar a estrutura do discurso, deixando-o mais claro com maior relevância. Esta estratégia, de acordo com McKee e Napier (2002), é considerada como uma âncora de um assunto na mão dominante, que é uma estratégia realizada de um assunto referente à mão não-dominante, enquanto sinaliza, informações são relacionadas com a mão dominante. Baseada na teoria de Liddell (2003), o autor escreve que “as boias nas LSs são sinais produzidos com a mão passiva que são mantidos parados no ar, numa dada configuração, enquanto a mão ativa continua a produzir outros sinais” (LEITE, 2008, p. 225).

⁷⁶ *Identification of discourse features in signed languages tend to focus on eye gaze, eye blinks, non-manual features (facial expression, eyebrow and cheek movement, and head, shoulder, and body movement), mouthing, patterns of footing shifts, spatial shifts, signing size ('volume'), prosody and pauses.*

Em uma palestra da Literatura Surda, o palestrante mostra a lista no seu *slide*. Assim, o intérprete interlingual utilizou a boia como um marcador discursivo para apresentar os tipos de *humor* na narrativa de línguas de sinais: 1) o uso de incorporação de pessoas e animais; 2) o uso do alfabeto manual; 3) o uso do movimento; 4) o uso de tabu; e 5) piada. Quando o intérprete interlingual apontou para o dedo polegar (1), explica sobre este conceito, seguida, aponta para o dedo indicador (2), que é explicado e assim vai por diante. Assim, ao usar as boias cria uma estrutura estabelecida e clara, apontando para cada um dedo, mostrando as informações mais destacadas na mensagem-alvo. Baseando-se em Liddell (2003), esse recurso é utilizado para salientar porções de discurso de maior relevância, para as quais a boia aponta (LEITE, 2008, p. 245).

Em uma outra situação nesta análise, identificamos que o intérprete intralingual mostrou o movimento de corpo inclinando à direita e à esquerda como marcadores discursivos, esforçando a tentativa de esclarecer sua mensagem-alvo final (replicação da mensagem-alvo). Este problema foi encontrado nesta análise: o palestrante estava sinalizando com velocidade rápida e com produção intensa de elementos lexicais na mensagem-fonte, então o intérprete interlingual não conseguia transmitir a mensagem-alvo com clareza, ou seja, com os marcadores discursivos para estruturar o texto-alvo, pois o intérprete interlingual estava concentrado nos elementos lexicais transmitidos pelo palestrante e não no contexto do texto-fonte. Isso não significa que o intérprete interlingual não esteja certo e podemos considerar que o palestrante não produziu uma estrutura clara e nítida, com os marcadores discursivos e com a sinalização adequada ao local, assim, influenciou a complexidade da interpretação intramodal.

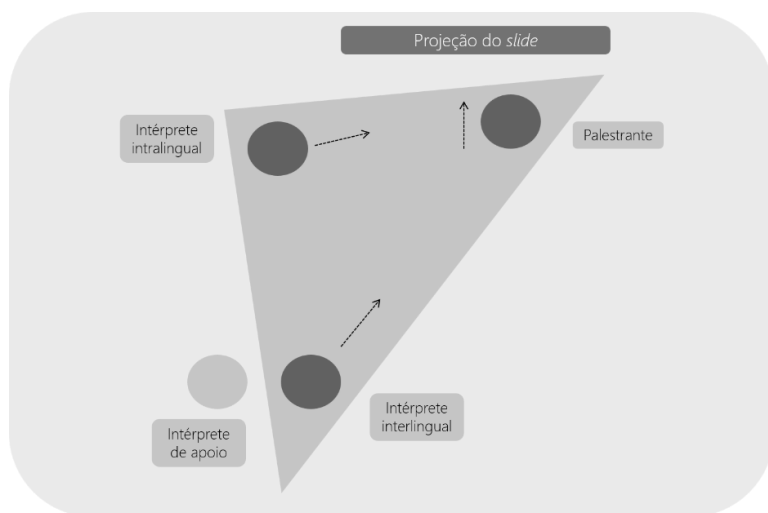
Por outro lado, existem palestrantes que são bons em fazer os discursos em público. Já vimos uma vez o palestrante estrangeiro que apresenta um discurso muito bom e a sua sinalização atrai o público, porém o intérprete surdo não fez o mesmo. Culpamos este intérprete? Praticamente não podemos culpá-lo, sabemos que este é um dos problemas mais identificados pelos intérpretes surdos, isso porque eles não praticam constantemente na interpretação intramodal. Por isso, os MDs são importantes para estruturar o texto-alvo com uma forma mais elaborada e clara, assim, o público vai compreender. Os intérpretes inter e intralinguais devem lembrar de fazer os marcadores discursivos para deixar a mensagem mais elaborada, salientando as informações relevantes ao público. Lembramos que o uso de expressões faciais e movimentos de corpo, inclinando à direita e à esquerda, são também

marcadores discursivos para formar a mensagem mais estruturada e contextualizada.

4.1.3.4 Apontamento

O objetivo desta estratégia não é solucionar problemas, mas consideramos essa como uma prática útil e frequente usada na interpretação intermodal e intramodal de línguas de sinais, já que o discurso fica mais compreensível com embasamento em material visual, por exemplo, do material projetado em *slides*. Quando o palestrante (figura 20) faz a referência ao material, o intérprete interlingual aponta com dedo indicador (um index) para a projeção e o intérprete intralingual faz o mesmo.

Figura 20: Apontamento



Fonte: Elaboração própria (2018).

Em uma análise, encontramos vários apontamentos, mas selecionamos apenas uma parte da interpretação, da língua-fonte para a língua-alvo:

Palestrante: CINCO IX:cinco TER CRIANÇA SURDO
QUANTO VER **IX:slide** (t) DISTÂNCIA QUATRO-SEIS

IX:slide (↑) TOTAL ENSINAR ESCOLA **IX:slide** (↑) QUATRO-TRÊS-QUATRO **IX:slide** (↑)

Intérprete interlingual: CINCO **IX:slide** (↗) IX:cinco-dedos **IX:slide** (↗) TER ESCOLA CRIANÇA QUANTO POPULAÇÃO /olha/ **IX:slide** (↗) CIDADE DISTÂNCIA /olha/ **IX:slide** (↗) ESTUDAR(SI) /olha/ **IX:lado-direto** (←) QUATRO_ (*concentra no número no slide*) QUATRO-TRÊS-QUATRO TOTAL

Intérprete intralingual: CINCO ESCOLA **IX:slide** (←) IX:cinco CINCO **IX:slide** (←) ESCOLA CRIANÇA IX:criança COMO POPULAÇÃO PESSOA IX:pessoa VER **IX:slide** (←) (*lag-time* curto) CIDADE DISTÂNCIA+ VER **IX:slide** (*lag-time* curto) VER ESCOLA VER **IX:slide** (←) (*lag-time* curto) QUATRO-TRÊS-QUATRO IGUAL TOTAL

Neste trecho, como encontramos muitos apontamentos (↑, ↗ e ←) que são utilizados para mostrar a projeção do *slide*, começando pelo palestrante (↑). Observamos que os últimos apontamentos feitos pelo intérprete intralingual abaixava as mãos, como se fosse finalizar uma frase, mas foi um *lag-time* curto e continuava copiando.

Nota-se também que o intérprete intralingual usou a estratégia de apontar direcionando para o lado esquerdo (←) indicando o local do *slide*, enquanto o intérprete interlingual, sentado, um pouco distante, em frente do intérprete intralingual, direcionando a indicação de cima (↗) para o local no *slide*. No final, os três (palestrante, intérprete interlingual e intralingual) apontam para o mesmo local dos slides, porém, pela posição invertida entre intérprete inter e intralingual, eles precisam apontar para lados opostos (espelhados).

Baseado em Ahlgren (1990), Pizzio; Rezende e Quadros (2009, p. 9) escrevem que, em relação ao uso do apontamento, o sinalizante pode mostrar os referentes designando para estes referentes uma locação no espaço na frente do sinalizante. Na prática da interpretação intramodal de conferência, onde o intérprete intralingual e o palestrante estão lado a lado no palco, é interessante, porém, que apontem para o mesmo lado.

Essa estratégia pode ser interessante para refletir sobre o apontamento com as orientações diferentes. Vamos refletir, porque o intérprete intralingual não fez a questão de copiar o apontamento com a mesma orientação que o intérprete interlingual indicou para o local? Como sabemos que o intérprete intralingual faz uma replicação da mensagem transmitida e interpretada pelo intérprete interlingual.

Quando o intérprete interlingual faz um apontamento para o local, o intérprete intralingual sabe onde está o local indicado, então usou a estratégia de indicar com a orientação diferente, direcionando para esse mesmo local indicado (espelhamento).

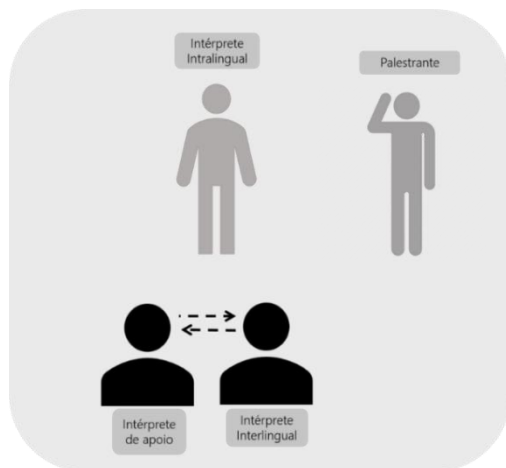
Vamos imaginar o seguinte posicionamento: o intérprete interlingual, sentado na primeira fileira da audiência, em frente do intérprete intralingual, faz questão de apontar para mostrar algo, direcionando a indicação para o local e o intérprete intralingual está no local diferente, em pé no palco, ele pode apontar para o mesmo local indicado, mas com a orientação diferente.

Em outra análise, também havia muitos apontamentos, para o material do palestrante, o intérprete interlingual indicava o dedo para o *slide* e o intérprete intralingual apontava para o lado esquerdo, assim, como na primeira análise. Não encontramos algo diferente ou algo significativo e julgamos que esta indicação serve como um apoio para o intérprete intralingual apontar o local certo, quando o intérprete interlingual indicava o local onde o palestrante indica.

4.1.4 Intérprete de apoio ↔ intérprete interlingual

A relação surge quando o intérprete de apoio ajuda o intérprete interlingual (figura 21) durante a ação da interpretação.

Figura 21: Relação entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual



Fonte: Elaboração própria (2018).

4.1.4.1 Complemento

O complemento é a função do intérprete de apoio, isto é, o complemento é acrescentar o sinal, a soletração ou o número na mensagem-alvo. Quando ele percebe que o intérprete interlingual ainda não produziu os sinais que devem ser apresentados, o intérprete de apoio acrescenta, aí o intérprete interlingual vê o complemento e acrescenta na mensagem-alvo.

De acordo com Nogueira “[...] quando o intérprete de apoio sugere algo que, em sua opinião, deixaria a interpretação mais clara, ou algo para dar ênfase em algum aspecto” (NOGUEIRA, 2016, p.143). No caso da interpretação intermodal LIBRAS-PT, o autor considera complemento como um tipo de apoio, que é uma estratégia de ajudar ao intérprete do turno (que está em ação):

Os apoios dessa categoria acontecem quando o intérprete do turno já concluiu a sentença, porém o intérprete de apoio acredita que ainda exista uma informação que não pode deixar de ser dita e então oferece o apêndice, algo que pode ser inserido (ou não) na interpretação pelo intérprete do turno (NOGUEIRA, 2016, p. 143).

Podemos considerar que é a mesma coisa da interpretação intermodal, esta estratégia é inserir as informações na mensagem-alvo, quando o intérprete de apoio percebe a falta das informações, ele pode inserir os sinais e o intérprete interlingual copia (ou não). No caso da interpretação intermodal LIBRAS-PT, o intérprete do turno pode ouvir uma (ou mais) palavras por meio dos sussurros pelo intérprete de apoio, assim, não atrapalha a sua ação. Vamos refletir, no caso da interpretação intramodal, que o intérprete interlingual que está em ação, concentrado na mensagem-fonte, quando o intérprete de apoio acrescentar os sinais, o intérprete interlingual pode perder alguns sinais da língua-fonte se olhar para o intérprete de apoio. Isso pode atrapalhar a ação da interpretação? Provavelmente sim, porque a interpretação intramodal exige uma maior capacidade visual e uma atenção em dobro, que é diferente da interpretação intermodal que a atenção se divide entre os dois canais (auditivo e visual) que não são mutuamente excludentes.

Vale ressaltar que não é necessário copiar os sinais inseridos pelo intérprete de apoio. Isso pode ser uma decisão do intérprete interlingual. De acordo com o autor:

O intérprete do turno escolherá e incluirá a informação quando julgar necessária, observando, portanto, não apenas a utilidade das escolhas linguísticas oferecidas, mas a própria função do apoio sugerido naquele discurso e momento da interpretação. Essa é uma decisão do intérprete do turno (NOGUEIRA, 2016, p. 144).

Concordamos com as palavras do autor, o intérprete interlingual pode decidir se deve inserir (ou não) na mensagem-alvo durante o processo da interpretação intramodal. Apresentamos um problema identificado em uma análise:

Intérprete de Apoio: *(olha para o intérprete interlingual)*
 CONSTRUIR *(toca ele)* ESCOLA **CONSTRUIR** ESCOLA
 Intérprete intralingual: ESCOLA *(olha para o intérprete de apoio)* ESTIMULAR **SOMAR** AGORA

O intérprete de apoio ao olhar para o intérprete interlingual começa a complementar, toca o braço dele para que ele olhe para o intérprete de apoio, mas este olhou rapidamente e complementou o sinal errado, mesmo que este sinal possui a mesma configuração, mas com movimento diferente, por exemplo. Assim, o toque pode atrapalhar o processo da interpretação, o intérprete interlingual pode estar concentrado na mensagem da língua-fonte, interpretando para a língua-alvo, e quando olha para o intérprete de apoio, pode complicar o processo da interpretação.

Sugerimos que o intérprete de apoio não toque o intérprete interlingual enquanto está interpretando, somente deve fazer quando o intérprete interlingual pede uma ajuda. Outra sugestão: o intérprete de apoio sente a necessidade de complementar as informações para melhorar a interpretação, ele pode inserir os sinais, preferencialmente para o intérprete intralingual⁷⁷, que pode usá-los para transmitir a mensagem-alvo final com a melhoria.

Identificamos apenas isso na relação entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual, esta estratégia ‘complemento’ pode ser útil para usar durante o processo da interpretação. O intérprete de apoio deve

⁷⁷ Ver no 4.1.5. Intérprete de apoio ↔ Intérprete intralingual

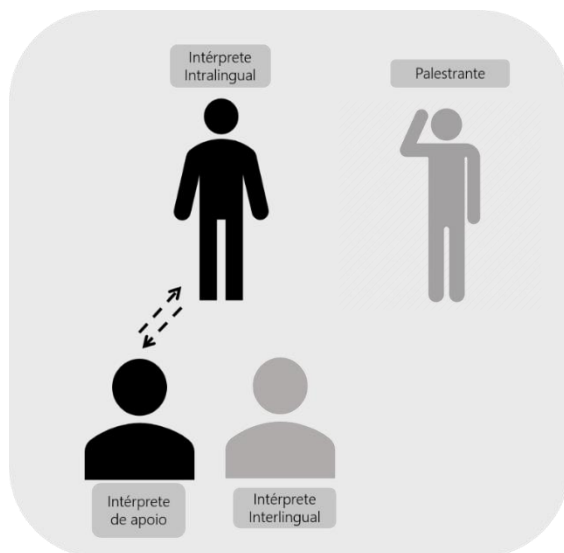
sempre estar disposto para auxiliar, lembrando de fazer isto somente quando intérprete interlingual pedir.

Agora, vamos apresentar, em seguida, a relação entre o intérprete de apoio e o intérprete intralingual, que pode ser muito diferente desta relação.

4.1.5 Intérprete de apoio ↔ intérprete intralingual

A função do intérprete de apoio é a mesma anteriormente, apoiando agora o intérprete intralingual (figura 22) durante a ação da interpretação. Este apoio é importante para o intérprete intralingual, no momento da ação da interpretação. Às vezes, pode acontecer que o intérprete interlingual perde alguma informação da mensagem-fonte e o intérprete de apoio ‘salva’ o seu trabalho, a sua função é aperfeiçoar a mensagem-alvo final.

Figura 22: Relação entre o intérprete de apoio e o intérprete intralingual



Fonte: Elaboração própria (2018).

Nesta análise, identificamos duas estratégias linguísticas da interpretação: 1) Correção; e 2) Complemento. Essa segunda estratégia, complemento, foi apresentada anteriormente na relação com o intérprete

interlingual, mas esta situação pode ser diferente com o intérprete intralingual.

4.1.5.1 Correção

Quando a mensagem-alvo, transmitida pelo intérprete interlingual não está clara ou está faltando algumas informações e o intérprete de apoio corrige a mensagem-alvo para aperfeiçoar a mensagem-alvo final, replicada pelo intérprete intralingual. Baseando-se em Hoza (2010), Nogueira (2016, p. 146) escreve que “a correção tem uma função importante para que equívocos e incompreensões possam ser evitadas”. A intenção do intérprete de apoio não é mostrar que deveria corrigir os erros cometidos pelo intérprete interlingual, e sim, recuperar as informações perdidas ou melhorar o contexto da mensagem-alvo. A correção seria:

[...] “um esforço da parte do intérprete de apoio para corrigir o conteúdo entregue na língua alvo, que porventura tenha sido omitido, adicionado ou enviesado” (HOZA, 2010, p. 69 apud NOGUEIRA, 2016, p. 146).

Nesta análise, apresentamos um exemplo em baixo quando o intérprete de apoio corrigiu a mensagem para esclarecer o contexto.

Palestrante: UNIVERSIDADE-ASL **PRIVADA** G:não AINDA-NÃO INTÉRPRETE G:não IX:eles PESSOA+ SURDO TER DINHEIRO PAGAR MAS GOVERNO POSS:governo PAGAR INTÉRPRETE CERTO CONTINUAR

Intérprete interlingual: UNIVERSIDADE-ASL NADA PAGAR INTÉRPRETE IX:eles MESMO SURDO PAGAR BOLSO SURDO GOVERNO PAGAR FE:negativo (*faz o gesto 'fazer o quê?' com as sobranças levantadas e abaixa as mãos*)

Intérprete de apoio: UNIVERSIDADE PARTICULAR IX:eu SURDO SE-MESMO PAGAR (*acenando com a cabeça, olhando para o intérprete intralingual*) GOVERNO UNIVERSIDADE **GRATUITO** GOVERNO PAGAR IX:ele (*referente ao intérprete*).

Intérprete intralingual: IX:isso UNIVERSIDADE ESPAÇO PAGAR INTÉRPRETE G:não MESMO GOVERNO IX:lá PAGAR

(*mão-direta*) PAGAR (*mão-esquerda*) DOIS (*quando o intérprete interlingual abaixa as mãos, finalizando o trabalho, e o intérprete de apoio complementa os sinais e o intérprete intralingual continua*) IX:isso **PARTICULAR** IX:eu SURDO SE-MESMO PAGAR ENTÃO GOVERNO IX:ele **BRASIL** IX:ele GOVERNO **CONSEGUIR DINHEIRO VERBA** IX:isso

O palestrante disse que a universidade privada ainda não possui o registro dos intérpretes para os surdos, apenas informou que os surdos teriam que pagar a mensalidade da faculdade e, sendo assim, o governo poderia pagar o intérprete, e isso seria justo. Na primeira mensagem-alvo, encontramos a omissão do sinal “PRIVADA” e, que os surdos teriam que pagar os intérpretes com seu próprio bolso e o governo também pagaria junto. Este contexto não ficou claro. Quando o intérprete interlingual encerra a ação de interpretar, o intérprete de apoio imediatamente começou a ação de corrigir uma sentença mais clara: “*a universidade é particular, mas o surdo teria que pagar a mensalidade da universidade*” e acena a cabeça como uma confirmação e continua “*na universidade gratuita, o governo paga para ele* (referente ao intérprete)”. Na mensagem-alvo final, o intérprete intralingual entendeu que o sinal “GRATUITO” seria “BRASIL” por serem semelhantes: mesma configuração de mão e movimento diferente. A sua intenção não foi errar, e sim, por causa da carga visual excessiva e por acelerar a velocidade da sua sinalização, quando percebeu que o palestrante fez uma pausa para avançar o *slide*, aproveitou que ele iria começar uma nova sentença. Ele, o intérprete intralingual, ainda complementou mais alguns sinais “CONSEGUIR DINHEIRO VERBA” para tentar destacar as informações mais completas na mensagem-alvo final.

Vale ressaltar que, nem sempre que o intérprete de apoio esteja fazendo o certo, é possível acontecer que o intérprete de apoio entenda de uma forma errada, segundo autores:

É possível acontecer que o intérprete de apoio compreenda de forma errada a informação e pense que o intérprete do turno é que tenha entendido de maneira equivocada, quando na verdade é o contrário (SILVA; NOGUEIRA, 2012, p. 5).

Nesta mesma análise, encontramos que o intérprete de apoio errou a soletração “LASSE”, que, na verdade, era “LESSA”, a própria

abreviatura de Língua de Sinais de El Salvador. Mas, o intérprete intralingual percebeu o erro da soletração, que acabou ignorando e complementou uma nova sentença:

PRÓPRIO LÍNGUA-DE-SINAIS POSS:ele (*referente ao palestrante*) EL-SALVADOR PAÍS POSS:ele

O intérprete intralingual usou a estratégia de complementar para evitar a replicação da informação errada.

4.1.5.2 Complemento

Esta é uma estratégia de complementar mais um ou mais sinais na mensagem da língua-alvo, quando o intérprete de apoio perceber a falta do sinal na mensagem-alvo final, ele acrescenta um ou mais sinais, para que o intérprete intralingual inclua na mensagem-alvo para que esteja completamente transmitida ao público.

Em uma análise, por exemplo, o intérprete de apoio complementa uma sentença, mas o intérprete intralingual não replicou esta sentença, pois o intérprete interlingual já tinha dito, mas com uma sentença diferente:

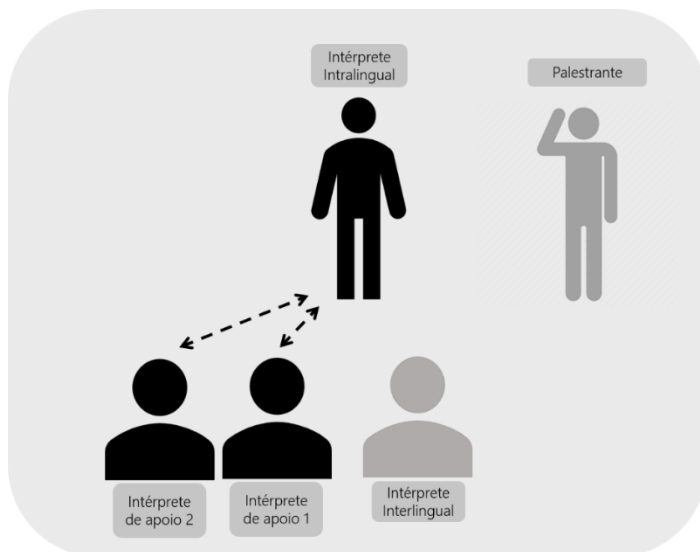
Intérprete interlingual: MÃE PAI SABER-NÃO FILHO BEBÊ
SABER-NÃO COLOCAR ESCOLA INCLUSÃO OUVINTE
Intérprete de apoio: SE NASCER SURDO COLOCAR
OUVINTE INCLUSÃO
Intérprete intralingual: PAI MÃE IX:eu BEBÊ **INOCENTE**
SABER-NÃO BEBÊ COLOCAR ESCOLA INCLUSÃO COLOCAR
SABER-NÃO

O intérprete intralingual decidiu não repetir a sentença feita pelo intérprete de apoio, mas decidiu acrescentar naturalmente um sinal “INOCENTE” para contextualizar a situação. Lembramos que o autor, Nogueira (2016), disse que é a decisão do intérprete se ele deve incluir este complemento na mensagem-alvo ou não.

Em uma outra análise, havia dois intérpretes de apoio (figura 23), acrescentando mais um intérprete de apoio (2). A sua função era só controlar o tempo e aguardar a palestra finalizar para fazer o revezamento, mas identificamos alguns exemplos que ele complementou um sinal. O intérprete de apoio (1) não percebia que o

intérprete de apoio (2) complementava também, o primeiro concentrava mais na mensagem-fonte e na mensagem-alvo final replicada pelo intérprete intralingual e algumas vezes ele complementou os sinais e as soletrações.

Figura 23: Relação entre os intérpretes de apoio e o intérprete intralingual



Fonte: Elaboração própria (2018).

Nesta análise, o intérprete de apoio (2), concentrada na mensagem-final transmitida pelo intérprete intralingual e complementava um sinal em algumas vezes. Por exemplo:

Intérprete interlingual: FS:amazon INTERNET TER
COMPRAR LIVRO SURDO UNIR IX:eu COMPRAR+

Intérprete de apoio 2: **FS:www**

Intérprete interlingual: FS:amazon IX:isso GRUPO INTERNET
IX:isso COMPRAR LIVRO IX:eu UNIR **FS:www GRUPO**
COMPRAR+

O intérprete de apoio 2 complementou apenas a soletração “WWW” para referenciar à internet e o intérprete intralingual copiou a

soletração e ainda complementou “GRUPO” (repetido) que é referente à internet.

Nesta situação, consideramos que não é necessário ter mais um intérprete de apoio para ajudar o intérprete intralingual, porque apenas um intérprete de apoio já é suficiente, por que, na configuração de interpretação com espelhamento, esse processo acontece de maneira muito rápida, o intérprete interlingual fica concentrado na mensagem-fonte para traduzir para a língua-alvo e o intérprete intralingual na mensagem-alvo para replicar e transmitir a mensagem-alvo final para o público, e se um deles desviar o olhar, já perde alguma informação. Este trabalho exige mais concentração.

Por isso, vale ressaltar que a função do intérprete de apoio não é interpretar a mensagem toda, e sim, recuperar as informações perdidas complementando alguns sinais, ou seja, corrigir algumas informações. O mais importante é evitar criar muitos elementos lexicais que podem atrapalhar a ação da interpretação/replicação.

Fechando esta categoria das estratégias linguísticas, com as estratégias identificadas em duas análises, no processo da interpretação intramodal. Em futuras análises, podem surgir mais estratégias linguísticas que poderão acrescentar novas estratégias na hierarquia das estratégias linguísticas da interpretação intramodal. Também é possível criar uma relação entre o palestrante e o intérprete intralingual que não foi analisada porque não foi encontrado neste caso de pesquisa.

As estratégias linguísticas encontradas são importantes para fortalecer o conhecimento dos aspectos linguísticos na interpretação intramodal, de uma língua de sinais para outra língua de sinais. Percebe-se que várias delas também existem na interpretação intermodal, por exemplo, português – Libras, porém, há diferenças claras com especificidades da interpretação intramodal LS – LS, que serão tematizadas no capítulo 5.

4.2 ESTRATÉGIAS DE COLABORAÇÃO

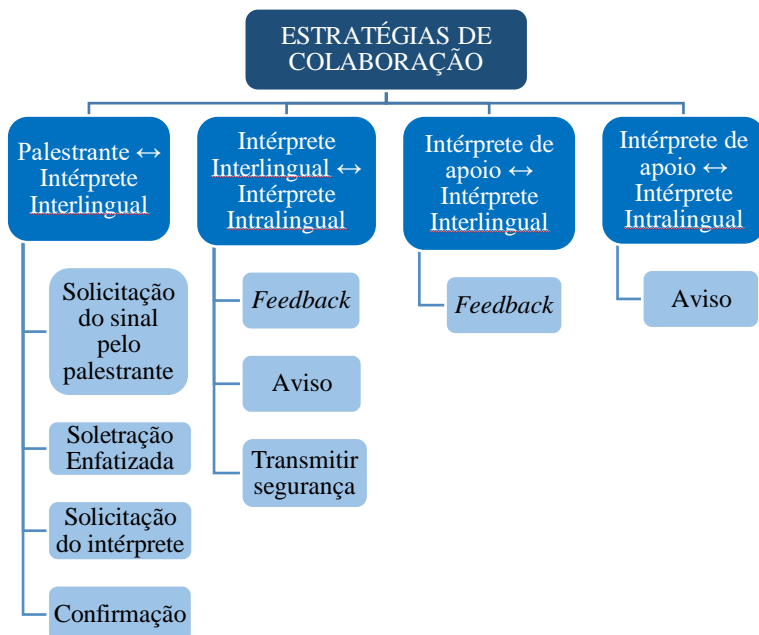
As estratégias de colaboração são identificadas quando os intérpretes entram em contato, durante o processo da interpretação simultânea ou durante a pausa da apresentação do palestrante.

A seguir, apresentamos as estratégias de colaboração que identificamos entre os participantes durante a ação, que foram subdivididas em: 1) Palestrante ↔ Intérprete Interlingual; 2) Intérprete Interlingual ↔ Intérprete Intralingual; 3) Intérprete de apoio ↔

Intérprete Interlingual e; 4) Intérprete de apoio ↔ Intérprete Intralingual.

Explicaremos cada estratégia identificada a seguir, descrevendo como se dá o trabalho em equipe com a finalidade de auxílio mútuo.

Figura 24: Hierarquia de Estratégias de Colaboração



Fonte: Elaboração própria (2018).

4.2.1 Palestrante ↔ Intérprete interlingual

Na estratégia de colaboração, identificamos as estratégias na relação entre o palestrante e o intérprete interlingual durante o processo da interpretação simultânea. Essas estratégias encontradas são poucas, nem todo palestrante consegue lembrar dos intérpretes surdos, principalmente pelo motivo de que o palestrante não tem costume de trabalhar com eles. Pode haver outros motivos, mas neste caso de pesquisa, percebemos que, em duas análises, o palestrante entrava em contato com o intérprete interlingual, pois ele se preocupa com a mensagem-alvo, deseja que o público compreenda a sua apresentação e outro palestrante não usou essa estratégia. Mesmo que existam

palestrantes que não entram em contato com o intérprete interlingual para clarificação no caso de possíveis problemas, sugeriremos as estratégias para solucionar estes problemas.

Entrar em contato com o intérprete interlingual não significa interromper a interpretação, mas o palestrante pode usar algumas estratégias para que deixe o intérprete interlingual se sinta seguro e confiante, por exemplo, a soletração enfatizada, quando o palestrante soletra com velocidade normal, fácil de perceber. Estas estratégias podem ser consideradas como práticas boas e, também, para solucionar os problemas identificados durante o processo da interpretação.

Apresentaremos as estratégias da colaboração, que foram identificadas nas análises durante o processo da interpretação simultânea. Estas estratégias de colaboração são 1) solicitação do sinal pelo palestrante; 2) soletração enfatizada; 3) solicitação do intérprete; e 4) confirmação.

4.2.1.1 Solicitação do sinal pelo palestrante

Essa estratégia é usada pelo palestrante quando ele quer saber o sinal, ele solicita ao intérprete interlingual e ao intérprete de apoio. Isso também acontece na interpretação intermodal, por exemplo, o palestrante surdo solicita a palavra em português ao intérprete de Libras para confirmar a correção da palavra, ou seja, o palestrante solicita o sinal ao intérprete de Libras. Então, essa relação começa quando o palestrante entra em contato com o intérprete, para solicitar o sinal ou a palavra. Encontramos um exemplo apenas em uma análise quando o palestrante solicita o sinal e aponta para o intérprete interlingual:

Palestrante: SURDO UNIR NARRATIVA POESIA **FS:humor**
 QUAL SINAL IX: você (*aponta para o intérprete interlingual*)
 PIADA (*mão direta*) PIADA (*mão esquerda*)
 Intérprete interlingual: SURDO UNIR NARRATIVA POESIA
PIADA FS:humor PIADA+

O palestrante soletrou a palavra e pergunta “*qual é o sinal desta palavra?*” apontando para o intérprete interlingual. Sem interromper a ação da interpretação, o palestrante percebeu o *mouthing* feito pelo intérprete interlingual <humor> junto com o sinal manual, aí o palestrante copiou este sinal e continuou o usando.

Essa estratégia pode ser útil para o palestrante se ele deseja aprender o sinal, para aproveitar o uso deste sinal na sua apresentação e isso é possível dentro do contexto de SI⁷⁸. Mas, vamos imaginar, se o palestrante interromper a interpretação justamente para solicitar ao intérprete interlingual? Assim, podemos sugerir que o intérprete de apoio apresentasse o sinal para o palestrante, para evitar a interrupção da ação da interpretação. Essa estratégia também pode ser usada se o palestrante quer saber o sinal de uma pessoa mencionada no texto da palestra usado no Brasil, por exemplo, de um autor famoso.

4.2.1.2 Soletração enfatizada

A soletração manual é uma parte da LS, obviamente, os palestrantes irão soletrar em suas apresentações. Empréstimos linguísticos ocorrem por meio da datilologia, ou seja, por meio do uso de um “conjunto de configurações de mão que representam o alfabeto português” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88). Agora, vamos pensar no caso da interpretação intramodal, encontramos palestrantes que soletram as palavras estrangeiras tais como o inglês em suas apresentações e intérpretes omitem por motivo de não compreender o inglês ou por motivo de que a sua soletração não foi clara.

Então, no caso da soletração não ser clara e difícil de perceber, pensamos que a soletração enfatizada deve ser feita com clareza, evidência e nitidez, ou seja, compreensível. É uma estratégia muito indispensável para os intérpretes em geral. Podemos encontrar os palestrantes que soletram com a velocidade rápida, assim, dificulta a compreensão pelo intérprete interlingual, é provável que ele omita a soletração. De acordo com autor:

[...] a velocidade das soletrações manuais pode ser um problema central para usuários sinalizantes uma vez que a datilologia ao ser realizada em alta velocidade pode fazer com que o interlocutor da comunicação não perceba e compreenda o termo a qual a soletração se refere. Infere-se que numa soletração muito rápida, maior atenção por parte do interlocutor seja necessária, assim como uma

⁷⁸ Seria estranho misturar sinais de Libras dentro do contexto de uma palestra em ASL, por exemplo.

possível falha de entendimento venha acontecer (SILVA, R. 2013, p. 78.).

Em outras perspectivas, mesmo que isso pode não seja um problema para intérpretes que tem facilidade de perceber rapidamente a datilologia, mas o desafio é que eles precisam conseguir traduzir imediatamente para a palavra da língua-fonte para a língua-alvo.

Apresentamos um exemplo da soletração (FS) da palavra estrangeira para a língua-alvo:

Palestrante: METODOLOGIA+ **FS:methodology**
 METODOLOGIA
 Intérprete interlingual: METODOLOGIA **FS:metodologia**
 METODOLOGIA
 Intérprete intralingual: (*omitiu a soletração*)
 METODOLOGIA+

Primeiramente, o palestrante produziu o sinal, e em seguida, soletrou a palavra referenciada neste sinal e, após a soletração, repetiu o mesmo sinal. Essa sentença pode ser fácil de traduzir o inglês para o português, pois as palavras são semelhantes e, também, o intérprete interlingual percebeu a ordem da sentença: sinal > soletração > sinal, assim, facilitou a interpretação. E, na interpretação final, o intérprete intralingual omitiu a soletração, pois o sinal já era conhecido e ele decidiu omitir a soletração por não ser necessária. Este é um exemplo da soletração que pode ser descartada, por motivo de que a audiência já conhece o sinal e, também, por motivo de encurtar a interpretação e ganhar tempo/diminuir o *lag time* total.

Outro exemplo interessante que deve ser apresentado aqui, quando o palestrante fez a questão de fazer o número com a velocidade lenta, congelando um por um:

Palestrante: UM_ OITO_ DOIS-TRÊS_
 Intérprete interlingual: UM-OITO-DOIS DOIS// TRÊS//
 (*autocorreção*) UM-OITO-DOIS-TRÊS

O palestrante sabia que qualquer soletração deve ser feita com a velocidade baixa, para facilitar a interpretação. Assim, o intérprete interlingual interpretou com velocidade rápida, interrompeu e fez a autocorreção para corrigir o ano. De acordo com o autor:

[...] a velocidade da soletração manual merece uma maior atenção no momento de produção textual em nível formal e que seja empregada de modo que seja percebida claramente pelos interlocutores (SILVA, R., 2013, p. 79).

Então, os intérpretes interlinguais precisam sempre lembrar desta estratégia. Por isso, é aconselhável procurar os palestrantes antes da apresentação, para se coordenar, assim os palestrantes estarão conscientes da velocidade de soletração manual, para facilitar o trabalho da interpretação simultânea pelos intérpretes surdos.

Sugerimos que seria recomendável saber uma língua estrangeira, principalmente, o inglês, por ser uma das línguas mais principais que são faladas/escritas no mundo acadêmico. O intérprete deve ser capaz de entender inglês (MOODY, 2008), pois é bem provável acontecer, de repente, que os palestrantes estrangeiros soletram as palavras em inglês, e a palavra for importante, os intérpretes precisam conseguir traduzir para a língua portuguesa imediatamente, evitando a perda da palavra como uma informação destacada. E, se não for importante, pode ser omitido e não devemos esquecer que o mais importante é transmitir a mensagem com clareza para ser compreendida pela audiência.

4.2.1.3 Solicitação do intérprete

Esta função é, por exemplo, solicitar ao palestrante para repetir ou desacelerar a velocidade da sinalização, quando o intérprete interlingual não está conseguindo traduzir no momento da sua apresentação. Encontramos um exemplo na análise, o palestrante não olhava para o intérprete interlingual, consideramos que o palestrante pode ter esquecido do intérprete e foi sinalizando com velocidade rápida. Neste caso, a relação entre o palestrante e o intérprete interlingual é ausente. Sabemos que a interpretação simultânea, de uma língua de sinais para outra língua de sinais é complexa e árdua, exigindo a maior atenção no contexto da mensagem-fonte. Aqui em baixo, apresentamos um exemplo que a mensagem-fonte não ficou clara:

Palestrante: CINCO IX:cinco EL-SALVADOR TER **DEZ-QUATRO (14)** DISTÂNCIA+ **FALTAR** NOVE **IX:cinco CINCO ONDE?** NÓS CONVERSAR IX:lá GOVERNO APOIAR RESPONSÁVEL CONSTRUIR **RESPONSÁVEL** PARA ESCOLA

PODER **SURDO** PODER ESTIMULAR

Intérprete interlingual: CINCO FS:ed (*interrompeu a soletração*) EL-SALVADOR TER CIDADE DISTÂNCIA CIDADE NOVE MAS DENTRO COMO VER CONVERSAR GOVERNO AJUDAR CONSTRUIR ESCOLA ESTIMULAR

O palestrante estava sinalizando com a velocidade rápida, com muitos elementos lexicais, e o intérprete interlingual não conseguiu ter tempo de interromper a ação da interpretação justamente para avisar ao palestrante que ele deve sinalizar com velocidade devagar. Sua mensagem-alvo acabou ficando mais resumida, com omissão de elementos lexicais. Isso causou uma obscuridade, a sua mensagem-alvo não foi clara e isso influenciou a desordem da mensagem-alvo final, replicada pelo intérprete intralingual que não conseguia compreender a sua mensagem-fonte. Também percebemos que o intérprete de apoio não conseguia acompanhar a sinalização do palestrante, tentou o maior possível para ajudar o intérprete interlingual, complementando os sinais, a soletração para que o intérprete intralingual pudesse replicá-la. Quando o palestrante deu uma pausa para ler o conteúdo do *slide*, o intérprete intralingual pediu um esclarecimento da interpretação.

Por isso, sugerimos esta estratégia, que serve para solucionar este tipo de problema, é solicitar auxílio ao palestrante. A função do intérprete de apoio não é só ajudar o intérprete interlingual, deve observar geralmente a situação no momento da ação, por exemplo, se percebermos que o intérprete interlingual não está conseguindo interpretar quando o palestrante estiver sinalizando com velocidade rápida. Desse modo, o intérprete de apoio pode chamar acenando as mãos, ou com uma mão, discretamente para o palestrante e pedi-lo para desacelerar a sinalização, ou dar um aviso caso aparecer um outro problema. Assim, isso pode facilitar o trabalho do intérprete interlingual, continuar a interpretação simultaneamente com mais eficiência.

Rodrigo Silva (2013) com base em Cokely e Baker-Shenk (1980b), afirma:

A velocidade é uma questão essencial na habilidade do usuário sinalizante, pois quando não adequada à situação de comunicação ou finalidade de informação pode causar prejuízo de compreensão por parte dos interlocutores. [...].

Entende-se ser importante que o usuário obtenha a habilidade de variar e dosar a velocidade de sua sinalização de acordo com o contexto de uso da língua (SILVA, R. 2013, p. 75).

O palestrante deve apresentar com velocidade estável de sinalização, não é preciso acelerar com rapidez, nem com lentidão, a sua sinalização sempre deve ser adequada no contexto do local e, também, ajuda a tradução pelo intérprete interlingual durante a ação da interpretação.

4.2.1.4 Confirmação

Podemos sugerir também outra estratégia que pode solucionar o problema anterior: ao invés de pedir o palestrante desacelerar, é pedir ao palestrante para aguardar alguns instantes até que o intérprete interlingual termine a interpretação de uma frase e, em seguida, faz um aceno com a cabeça como um sim, como uma confirmação, para continuar a frase. Assim, como ocorre também na interpretação intermodal, o palestrante surdo pode sinalizar e esperar o intérprete ouvinte finalizar a interpretação. Quando o intérprete ouvinte finaliza, acena a cabeça como um sim ou mostrar um gesto positivo, solicitando que o palestrante surdo continue a sua apresentação, assim pode facilitar a interpretação simultaneamente. Podemos então sugerir que o palestrante surdo faça o mesmo, com o intérprete surdo.

Encontramos em uma análise que o palestrante estava sinalizando, mas estava olhando para o intérprete interlingual:

Palestrante: TRÊS IX:dedo-médio MOVIMENTO (*acena a cabeça como um sim*) MOVIMENTO

Intérprete interlingual: TRÊS IX:dedo-médio MOVIMENTO

Isso ocorreu quando o palestrante sinalizou “MOVIMENTO”, observa o que intérprete interlingual está interpretando, quando ele traduziu para “MOVIMENTO” (Libras), o palestrante confirmou acenando a cabeça como um sim e continuou sinalizando. Desta forma, o palestrante quis acompanhar a ação da interpretação do intérprete interlingual, para que tenha confirmação de uma mensagem que foi transmitida com clareza.

Vamos imaginar se o palestrante não observasse o intérprete interlingual, se ele não esperasse o intérprete terminar uma frase, sem

passar uma confirmação para o intérprete interlingual. Desta forma, o intérprete interlingual precisaria apressar a interpretação e pode causar alguma omissão, deixando o intérprete desordenado como aconteceu anteriormente (4.2.1.3. Solicitação do intérprete). Por isso, é importante procurarmos o palestrante antes do momento de interpretação.

4.2.2 Intérprete interlingual ↔ Intérprete intralingual


Identificamos as estratégias de colaboração na relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual durante o processo da interpretação simultânea. Apresentaremos as estratégias de espelhamento que foram identificadas nas análises, durante o processo da interpretação. As categorias das estratégias que foram encontradas são 1) *Feedback*; 2) Aviso; e 3) Transmitir segurança. As duas primeiras estratégias surgem quando o intérprete interlingual entra em contato com o intérprete intralingual, enquanto o palestrante faz uma pausa para ler o texto no *slide*.

4.2.2.1 *Feedback*

A estratégia *feedback* ocorre quando o intérprete intralingual dá uma resposta para o intérprete interlingual. Essa estratégia pode resolver alguns problemas que podem surgir na interpretação, quando a mensagem não está compreensível para o intérprete intralingual.

Essa estratégia pode ter alguns tipos de *feedback*: 1) *feedback* negativo; 2) *feedback* positivo; e 3) esclarecimento solicitado; Esses tipos podem ser realizados quando:

Quadro 7: Tipos de *feedback* e resumo conceitual

	Tipos de <i>feedback</i>	Resumo conceitual
1	<i>Feedback</i> positivo	Pode ser uma confirmação, mostrando um gesto positivo () ou um aceno de cabeça.
2	<i>Feedback</i> negativo	O intérprete mostra uma expressão negativa, demonstrando uma dúvida ou não está conseguindo acompanhar a interpretação
3	Esclarecimento solicitado	O intérprete intralingual solicita ao intérprete interlingual para esclarecer o contexto da interpretação

Fonte: Elaboração própria (2018).

Apresentamos alguns tipos de *feedback* dentro de um contexto que conseguimos identificar, e alguns problemas relacionados:

Intérprete interlingual: (*concentrado na fala do palestrante*)
 COMO VER ESTIMULAR ASSOCIAÇÃO LUTAR MAIS
 IMPORTANTE COMO ASSOCIAÇÃO SURDO LUTAR
 DEFENDER SURDO PENSAR COMO FUTURO NASCER BEBÊ
 SURDO COMO PRECISAR ANTES LUTAR IMPORTANTE
 PROFESSOR LÍNGUA-DE-SINAIS (*abaixa as mãos, o
 palestrante pausa para ler o slide e olha para o intérprete
 intralingual*) **FS:ok LÍNGUA-DE-SINAIS?**

Intérprete intralingual: COMO (*lag time médio*) demonstra a
 sua expressão negativa, com a dúvida) TENTAR POSSÍVEL
 ESTIMULAR LUTAR POSSÍVEL ASSOCIAÇÃO SURDO IX:ele
 LUTAR DEFENDER SURDO IX:ele PENSAR COMO IX:ele
 FUTURO NASCER BEBÊ SURDO COMO PRECISAR ANTES
 LUTAR IX:dedo-indicador UM IMPORTANTE IX:dedo-
 indicador PROFESSOR IX:dedo-indicador_ (congelou)
ESCLARECER (*pausa curta*) **ESCURO** (*feedback negativo, em
 modo discreto*)

Observamos que o intérprete intralingual fez um *lag-time* com um tempo médio de atraso, demonstrando uma expressão negativa, testa franzida e olhos mais fechados, demonstrando dúvida enquanto o intérprete interlingual estava interpretando. Contudo, não podia interromper a sua interpretação e continuou copiando a interpretação até que o palestrante faz uma pausa para ler o *slide* e o intérprete interlingual aproveitou essa pausa para perguntar ao intérprete intralingual. Ele solicitou um esclarecimento no contexto da interpretação e complementou discretamente que a sua interpretação estava escura. Esse é um problema identificado, mas a estratégia *feedback* pode solucionar esse problema e é considerada como uma boa estratégia para que o intérprete interlingual possa usá-la para aperfeiçoar a interpretação, melhorar o contexto da interpretação.

Em uma outra análise, apresentamos os dois tipos de *feedback* que foram identificados durante a pausa da fala de um palestrante:

Intérprete interlingual: COMBINAR CRIANÇAS ADULTOS
 IX:isso IMPORTANTE (pausa; olha para o intérprete

intralingual e acena com a cabeça como um sim)

G:positivo? (pisca o olho)

Intérprete intralingual: COMBINAR CRIANÇAS ADULTOS
IX:isso IMPORTANTE IX:isso (mostra a expressão facial)

FE:ok

Neste trecho, o problema não foi identificado, mas o intérprete interlingual queria saber como está a situação. Quando o palestrante fez uma pausa para olhar o *slide*, o intérprete interlingual, quando olhou para o intérprete intralingual, faz um aceno com a cabeça como um *feedback* positivo, daí perguntou com um gesto positivo como uma expressão “*está tudo ok?*”, o intérprete intralingual mostra uma expressão facial do tipo “*OK*” como uma resposta e o intérprete interlingual piscou o olho, para confirmar que tudo está em ordem.

Nesse caso, de acordo com o autor, que explica sobre o *feedback* com a cabeça, relacionada à equipe de intérpretes na cabine:

A melhor forma de identificar esse apoio ocorreria apenas quando o intérprete estivesse atento à visão periférica ou quando realizasse uma pausa e direcionasse o olhar para o intérprete de apoio. Pensando em outros contextos de interpretação em que os intérpretes estivessem um em frente ao outro, certamente esse apoio poderia ser mais efetivo (NOGUEIRA, 2016, p. 129).

Esse tipo de *feedback* também pode se referir aos intérpretes de apoio, acenando a cabeça como um sim. O autor diz que essa ocorrência pode realizar em outros contextos de interpretação, quando os intérpretes estivessem em um frente ao outro. Neste caso de espelhamento, encontramos o *feedback* com a cabeça entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual, naquele posicionamento. Esse tipo de *feedback* também pode ser considerado como uma afirmação, de acordo com os autores, no caso da relação entre o intérprete surdo e o *co*-intérprete (intérprete interlingual), na interpretação de SI:

Elementos na interpretação utilizados para apoiar o intérprete surdo e afirmar que a reprodução de informação por SI indica também a continuação da língua de sinais; [...] A principal delas se manifesta como o aceno de cabeça (rápida, lento ou lento a rápido), embora de vez em quando o

surdo intérprete e o *co*-intérprete interagiram brevemente. Os acenos da cabeça de afirmação eram predominantemente em co-ocorrência com outros elementos. (STONE; RUSSELL, 2014, p. 145, tradução nossa⁷⁹)

O *feedback* positivo pode ser considerado como uma afirmação, quando o intérprete interlingual acena a cabeça como uma afirmação, para que o intérprete intralingual tenha ciência de que tudo está ocorrendo bem.

Consideramos que esta estratégia *Feedback* é muito importante para os intérpretes interlingual e intralingual, pois receber um *feedback* sobre o trabalho pode ser uma resposta muito útil, fazendo que os intérpretes percebam os erros e assim eles estarão mais conscientes para melhorar a interpretação, aperfeiçoar a mensagem, deixando-a mais compreensível.

4.2.2.2 Aviso

Quando o intérprete interlingual avisa alguma coisa que vai acontecer, ou já aconteceu, para o intérprete intralingual para estar informada. Essa estratégia é usada quando surge algo imprevisto, sem sabermos uma advertência antecipada, ou seja, algo que vai ser apresentado. Citamos um exemplo identificado:

Intérprete interlingual: IX:ele FALAR LÍNGUA-DE-SINAIS SINAIS-INTERNACIONAIS PRODUZIR (*aponta para o slide, o vídeo começa a iniciar, e direciona o olhar para o intérprete intralingual*) **SILÊNCIO**

Intérprete intralingual: IX:ele FALAR SOBRE É SINAIS-INTERNACIONAIS PRODUZIR (*olha para o vídeo no slide*)

Quando o palestrante faz uma pausa para mostrar o vídeo, o intérprete interlingual aponta para o *slide* e avisa para o intérprete intralingual para ficar em silêncio, que não precisaria interpretar o vídeo.

⁷⁹ *Elements in the interpretation used to support the DI and affirm that IS rendering of information while also indicating the continuation of the SL; [...] In the main these manifested as head nods (rapid, slow, or slow to rapid), although on occasion the DI and the CI briefly interacted. The affirmation head nods predominantly co-occurred with other elements.*

Essa estratégia é considerada como uma boa prática para avisar ao intérprete intralingual, pois ele concentra na interpretação, preocupa mais com o seu trabalho de replicar a interpretação, por isso não é aconselhável ver o palestrante que pode atrapalhar o seu trabalho.

Assim, o intérprete interlingual e o intérprete de apoio conseguem acompanhar em tudo o que o palestrante faz, caso algo aconteça e faz questão de informar para o intérprete intralingual.

Em um outro exemplo, encontramos um aviso rápido, quando surgiu um outro problema, apresenta um trecho aqui em baixo:

Intérprete interlingual: *(o palestrante faz uma pausa e, de repente, surge um problema tecnológico)* CONTROLE

ENROLAR *(abaixa a mão)* **ESPERAR**

Intérprete intralingual: (espera)

O palestrante faz uma pausa para ver o próximo slide, mas a televisão, de repente, parou de funcionar. Assim, o intérprete interlingual fez questão de avisar para o intérprete intralingual, que o controle não está funcionando e solicita para esperar.

Não devemos avisar só quando o palestrante estiver sinalizando rápido ou a sua apresentação não está sendo inteligível, mas também podemos fazer a questão de avisar, quando surgir algum problema tecnológico, para que o intérprete intralingual saiba o acontecimento. São estas estratégias que podemos solucionar os problemas identificados que surgiram no processo da interpretação e de espelhamento.

4.2.2.3 Transmitir segurança

O intérprete interlingual transmite a segurança para que o intérprete intralingual se sinta confiante, replicando a mensagem transmitida pelo intérprete interlingual. Esta estratégia é muito importante para os intérpretes inter e intralingual.

Ao analisar os dois vídeos, com o mesmo intérprete intralingual, mas os intérpretes interlinguais diferentes, percebemos a diferença do comportamento do intérprete intralingual, que ele se sentia seguro com um intérprete interlingual. Já com o outro intérprete interlingual, ele demonstra insegurança.

Em um vídeo, percebemos que o intérprete intralingual não se sentia seguro com o intérprete interlingual, pois ele estava interpretando com a postura fechada, com a sinalização mais fechada, com a

expressão facial tensa e isso dificultou a visibilidade pelo intérprete intralingual, e também atrapalhou a replicação da interpretação feita pelo intérprete interlingual. Enquanto outro intérprete interlingual usava a ampliação do espaço de sinalização com clareza, transmitindo segurança ao intérprete intralingual, o que ajudou-o a visualizar melhor o intérprete interlingual, dessa maneira ele pode confiar no seu trabalho e se sentir seguro.

Em um exemplo, como foi apresentado anteriormente na estratégia *Feedback* (ver na página 112), quando o intérprete intralingual solicitou para esclarecer a mensagem, isso mostrou claro que o intérprete intralingual não estava se sentindo seguro e o intérprete interlingual tentou o possível para esclarecer a mensagem depois disto.

Em relação aos intérpretes ouvintes, de acordo com Woods (2014), quando um intérprete de LS está confiante, as partes que estão usando os serviços do intérprete confiam no que está dizendo está sendo adequadamente transmitido, enquanto um intérprete convencido ou inseguro fará com que a audiência não tenha certeza se as suas comunicações estão sendo transmitidas com precisão. Por isso, consideramos esta estratégia importante, se o intérprete interlingual não estiver seguro, pode influenciar a incompreensibilidade da mensagem-alvo final replicada pelo intérprete intralingual. Corre-se o risco de que o público pense que o intérprete intralingual não é “bom intérprete”. Se o intérprete interlingual sentir-se seguro e tiver certeza que está fazendo o caminho certo, o intérprete intralingual sentir-se-á tranquilo e a mensagem-alvo final poderá ser transmitida com informações corretas ao público.

Então, vale ressaltar que tudo isso depende do intérprete interlingual, a sua função não é só interpretar, primeiro ele deve conhecer o perfil do palestrante, deve conhecer bem o conteúdo do trabalho no qual o palestrante vai apresentar e deve ter certeza que vai conseguir interpretar. Ele deve lembrar que o público não pode vê-lo por estar de costas e estar sentado em frente para o intérprete intralingual. Pode parecer fácil, mas não é. Ele deve assumir a responsabilidade de transmitir a segurança, mostrando a sua sinalização com clareza, mostrando a sua confiança para o intérprete intralingual que será assistido pelo público.

4.2.3 Intérprete de apoio ↔ Intérprete interlingual

A relação surge quando o intérprete de apoio e o intérprete interlingual entram em contato, nesta situação, o intérprete de apoio monitora a interpretação, apoiando o intérprete interlingual caso solicitado e, também, quando o palestrante faz uma pausa, o intérprete de apoio pode aproveitar esse tempo para entrar em contato com o intérprete interlingual. Vamos apresentar o que identificamos nesta relação entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual: 1) *Feedback*.

4.2.3.1 *Feedback*

Como apresentamos essa categoria do *feedback* anteriormente, na relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual, o *feedback* pode ocorrer também na relação entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual. Isso significa que o intérprete de apoio também está em ação de auxiliar, ele pode monitorar, acompanhar o processo da interpretação, e assim, pode também dar/receber o *feedback*.

Citamos um exemplo quando surge uma relação entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual:

Intérprete de apoio (*chama o intérprete interlingual*)

G:positivo CERTO G:positivo?

Intérprete interlingual: IX:ele (*referente ao palestrante*)

PRÓPRIO LÍNGUA-DE-SINAIS RÁPIDO

Quando o palestrante faz uma pausa, o intérprete de apoio chamou o intérprete interlingual e perguntou se está ocorrendo bem e respondeu que o palestrante está sinalizando rápido. Isso quer dizer, que a sua interpretação está confusa. Assim, esta resposta seja provavelmente útil para que o intérprete de apoio esteja ciente, atenta, e disposta para ajudar o intérprete interlingual.

Em um outro exemplo, encontramos uma conversa entre os dois, enquanto o palestrante faz uma pausa, para mostrar o vídeo ao público, inicia uma conversa rápida entre o intérprete de apoio e o intérprete interlingual, que fala sobre o palestrante. Essa conversa rápida pode ser importante, para que o intérprete de apoio esteja ciente sobre o que o intérprete interlingual sente, das suas dificuldades, ou está indo bem.

4.2.4 Intérprete de apoio ↔ Intérprete intralingual

Na relação entre o intérprete de apoio e o intérprete intralingual, apenas uma ocorrência de estratégia foi identificada em uma análise que mostra o intérprete de apoio entrando em contato com o intérprete intralingual para dar um aviso.

4.2.4.1 Aviso

É a mesma função de avisar ao intérprete intralingual (ver no 4.2.2.2. Aviso) em uma relação entre o intérprete interlingual e o intérprete intralingual. Não faz diferença se o intérprete de apoio avisar ao intérprete intralingual, pois ele também pode avisá-lo, no caso do intérprete interlingual não avisar. Avisar quando alguma coisa acontecer, informar o intérprete intralingual para estar ciente da situação, é uma estratégia que deve ser usada quando surge alguma coisa imprevista, ou alguma coisa que vai acontecer.

Em uma análise, o intérprete de apoio avisou com esta sentença *“só veja [apontando para o slide] a língua de sinais própria dele [referente ao palestrante]”* para o intérprete intralingual, o palestrante estava prestes para mostrar o vídeo. O intérprete intralingual inclinou o ombro para ver o *slide*.

O intérprete de apoio avisa para que o intérprete intralingual acompanhe os passos do trabalho do palestrante durante a sua apresentação, pois este não pode virar a cabeça para ver o palestrante, por isso, esse tipo de estratégia pode ser útil para o intérprete intralingual.

Fechando esta categoria das estratégias de colaboração, identificamos estas estratégias em todas as amostras analisadas, e acreditamos que existem mais estratégias de colaboração na interpretação intramodal de LS para a outra LS, que precisa ser estudada mais profundamente. Por enquanto, apenas estas estratégias foram identificadas e são poucas, mas são úteis para os intérpretes surdos manterem o contato uns com os outros durante a ação da interpretação, isso, pode fortalecer o trabalho da equipe. Sendo assim, a qualidade da interpretação pode melhorar com a colaboração de todos.

Vale lembrar que também é ideal conversar com os palestrantes antes das suas apresentações, informando estas estratégias de colaboração tais como solicitação do sinal, soletração enfatizada, solicitação do intérprete e confirmação, estas estratégias podem facilitar

o trabalho dos intérpretes surdos. Para melhorar a qualidade da interpretação e fortalecer o trabalho de todos, criamos a categoria das estratégias de preparação, que será apresentada em seguida, podem ajudar aos intérpretes para estar preparados para a ação da interpretação.

4.3 ESTRATÉGIAS DE PREPARAÇÃO

Como identificamos diversas estratégias durante o processo da interpretação intramodal nas categorias de estratégias linguísticas e de estratégias de colaboração, vamos apresentar a seguir como os intérpretes devem estar preparados antecipadamente para que o seu trabalho seja qualificado.

Durante a análise das duas outras categorias de estratégias ficou evidente que, em alguns momentos, surgiram problemas de interpretação que poderiam ter sido evitados com um investimento maior em estratégias de preparação.

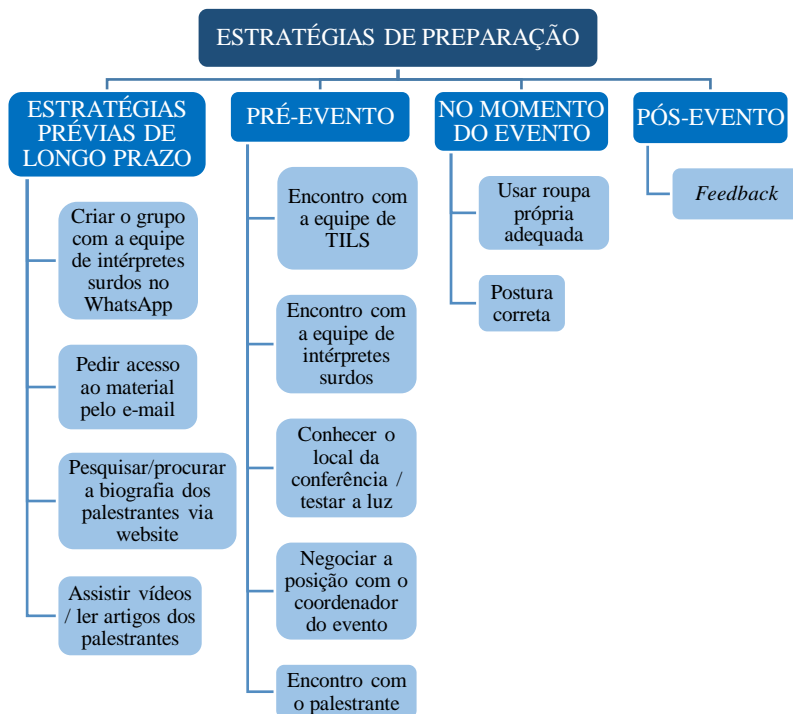
Estas estratégias de preparação são imprescindíveis para que os intérpretes surdos estejam preparados, desde antes do evento, até o momento do evento.

Apresentaremos na figura 25 as estratégias de preparação identificadas. Esta categoria corresponde às estratégias que permitem evitar o surgimento dos possíveis problemas no processo da interpretação simultânea, os intérpretes surdos precisam estar preparados antes da interpretação.

A preparação é aquela prática das atividades com antecedência e neste contexto de conferência, ou seja, “a preparação é a fase de busca por materiais de estudo, relacionados a determinado contexto interpretativo” (NOGUEIRA, 2016, p. 113). Essa fase é fundamental para que os intérpretes evitem situações não desejadas, e é importante que estejam conscientes em aproveitar esse tempo para estudarem, conversarem com os demais intérpretes, trabalhando sempre em equipe.

A seguir vamos explicitar cada fase de preparação: 1) estratégias prévias de longo prazo; 2) pré-evento; 3) no momento do evento; e 4) pós-evento. Em cada fase de preparação, observa-se que, à medida que as etapas vão transcorrendo, há momentos de preparação individual e outros que são em grupo. Além disto, o uso frequente de tecnologias (para comunicação à distância, para pesquisas) que em muito auxiliam no trabalho dos intérpretes surdos.

Figura 25: Hierarquia de Estratégias de Preparação



Fonte: Elaboração própria (2018).

4.3.1 Estratégias prévias de longo prazo

As estratégias prévias são aquelas que os intérpretes surdos preparam, pelo menos, um a três meses antes do evento. Assim, eles iniciam a ação de estudar, de pesquisar, de entrar em contato com a equipe dos intérpretes surdos.

Antes de iniciar a ação de preparação, o aplicativo *WhatsApp* é uma ótima opção para conversarem em grupo, enquanto eles estão distantes, podendo dessa maneira discutir sobre o trabalho de cada um, buscar as informações das programações do evento, dos palestrantes, e outros assuntos.

Os intérpretes podem entrar em contato com a coordenação do evento, através do e-mail, para solicitar o acesso aos materiais para estudarem os conteúdos que os palestrantes irão apresentar e desta forma, facilita a organização. Ao conseguir o material antecipadamente,

provavelmente melhor será a nossa interpretação, assim “conhecer o material é a chave para a qualidade da interpretação” (SCHWEDANICHOLSON, 1987 apud MCKEE; NAPIER, 2002, p. 50). Às vezes, essa tarefa pode não ser fácil, de acordo com o autor:

[...] muitas vezes, em contexto de conferência, ter acesso ao material dos palestrantes não é algo simples. Nossa experiência mostra que muitos palestrantes não costumam preparar as apresentações com uma antecedência que favoreça o envio do material aos intérpretes em tempo hábil. Contudo, esse não deve ser o único material de preparação da equipe; outros textos paralelos podem e devem ser consultados. (NOGUEIRA, 2016, p. 118).

Quando não se consegue acessar o material, sempre há uma outra solução, podemos pensar em outras estratégias que ajudam a estar preparado: os intérpretes podem começar a pesquisar no *Google*, pois possibilita a identificação de biografia, vídeos e publicações dos palestrantes. Assim, os estudos iniciam.

O fundamental da preparação a longo prazo é que os intérpretes interlinguais e os intérpretes intralinguais precisam ter uma boa familiaridade, precisam conhecer a forma de sinalizar, ou seja, saber produzir a parte conotacional e pragmática da sinalização para que possam trabalhar juntos, como a minimização de problemas para todos.

4.3.2 Pré-evento

Os intérpretes surdos geralmente se encontram um dia antes do evento e participam de uma reunião geral com os intérpretes de Língua de sinais e também participam de uma outra reunião somente com os intérpretes surdos e, assim, eles iniciam a preparação. Geralmente há um líder, um intérprete surdo que organiza a equipe dos intérpretes surdos, passa as informações no grupo na reunião antes do evento.

Esta reunião é essencial para combinarem o uso de estratégias de colaboração, apoio, como pedir clarificação, etc. e, também para que eles conversem e respeitem um ao outro, “o ideal é que os intérpretes se percebam como iguais e ajudar-se” (MAGALHÃES JUNIOR, 2007 apud NOGUEIRA, 2016, p. 159). Isso quer dizer que todos os intérpretes devem ser tratados como iguais, respeitando um ao outro.

Pode haver um intérprete surdo que sente mais seguro em copiar (intérprete intralingual) e outro se sente mais seguro em traduzir (intérprete interlingual); cada intérprete surdo tem a sua própria habilidade e suas próprias experiências. Pode haver também alguns intérpretes experientes que trabalham há muitos anos, eles também precisam estimular os intérpretes novatos, oportunizando que aprendam com os experientes. Por isso, é importante estar aberto para conversar com a equipe de intérpretes.

Outra estratégia de preparação: é aconselhável conhecer o local do evento, verificar a luz, os espaços. Os intérpretes fazem um pequeno teste de interpretação no palco e na primeira fileira, se eles conseguem enxergar um ao outro, assim que aprovarem a luz e eles confirmam com a equipe de intérpretes. Eles não devem esquecer de solicitar a reserva da primeira fileira, em frente do palco, para os intérpretes surdos.

O mais importante é negociar com o coordenador do evento o posicionamento para facilitar o trabalho dos intérpretes surdos, pois acontecem que alguns eventos preparam a cabine para os intérpretes de língua de sinais e acabam esquecendo dos intérpretes surdos, que, na maioria das vezes, preferem aquele posicionamento.

Se for possível, os intérpretes surdos devem procurar o palestrante antes da apresentação, para entrar em um acordo a respeito das estratégias, e ao mesmo tempo, eles aproveitarem para conhecê-lo e observar o seu jeito de sinalizar. Segundo o autor:

Além da fase de preparação em que os intérpretes conversam entre si, essa etapa também pode contar com o encontro dos intérpretes com os palestrantes, a fim de compreender melhor os elementos gerais ou específicos do que será interpretado, tais como esclarecimentos sobre aspectos não compreendidos quando leram os materiais, negociação de sinais diretamente com os palestrantes ou, até mesmo, conhecer o estilo discursivo e sotaque do palestrante (NOGUEIRA, 2016, p. 117).

Assim, o intérprete vai estar preparado e seguro. Não só conhecer o estilo discursivo e sotaque do palestrante, mas também a sua biografia, devem saber de onde o palestrante veio, a cultura e as línguas (oral e de sinais) do seu país de origem.

4.3.3 No momento do evento

Isso ocorre quando os intérpretes precisam estar preparados naquele momento exato, no momento do seu trabalho. Primeiro, eles precisam estar cientes de que devem trabalhar usando roupa própria adequada ao campo do seu trabalho, a vestimenta deve ser sempre neutra e formal, de cor clara ou escura, dependendo da luz no ambiente. Se a luz for escura, os intérpretes devem usar roupas claras e, ao contrário, se a luz for clara, devem usar roupas escuras. A audiência geralmente é escura, e a luz fica acesa somente ao palco principal, para facilitar a visibilidade dos palestrantes. Isso pode dificultar a visibilidade do intérprete interlingual pelo intérprete intralingual no momento de replicar a interpretação. Por isso, os intérpretes interlinguais devem usar roupas claras, para que o intérprete consiga enxergá-los, assim, facilita o trabalho da replicação. É aconselhável sempre usar roupa adequada ao ambiente.

Segundo, os intérpretes interlinguais também devem lembrar de trabalhar com postura correta, para permitir a visibilidade clara para o intérprete intralingual, permitindo a ampliação do espaço de sinalização. Pode acontecer que o intérprete intralingual não consegue enxergar o intérprete interlingual quando está com postura fechada (ombros caídos para frente, tronco inclinado para frente, mãos baixas), isso também tende a minimizar o espaço de sinalização, e ainda, essa postura aumenta impressão de insegurança (veja 4.2.2.3), que pode influenciar a dificuldade da replicação de interpretação pelo intérprete intralingual. Com a postura correta e a ampliação do espaço de sinalização, o intérprete interlingual mostra a sua autoconfiança, assim, o intérprete intralingual pode se sentir mais seguro também.

4.3.4 Pós-evento

Quando o evento encerra, não temos que preparar para trabalhar após o evento, mas há uma estratégia que objetiva a melhoria da qualidade de trabalho em equipe dos intérpretes surdos, para estarem cientes nos próximos eventos. *Feedback* é uma estratégia que deve ser indispensável após o encerramento do evento. Dessa maneira, os intérpretes surdos devem se reunir para conversarem em um momento particular, todos eles devem ser dispostos e abertos para “escutarem” os conselhos, não só “escutarem”, eles também poderão opinar, dar um *feedback*, sendo positivo ou negativo. Caso o *feedback* for negativo, isso

não significa que o intérprete surdo não é profissional, não devemos evitar trabalhar com este e sim estimulá-lo a aprender, melhorar o seu trabalho, a sua atitude ou qualquer outro erro cometido.

Concluindo esta categoria das estratégias de preparação, são todas estas estratégias que identificamos, desde as estratégias prévias ao encerramento do evento, consideramos que essas estratégias são fundamentais que contribuem para o que os intérpretes se sintam seguros, preparados e confiantes no momento de atuação. Então, os intérpretes surdos podem aproveitar estas estratégias para solucionar possíveis problemas. Nogueira (2016) conclui que a fase de preparação contém os três momentos principais: 1) o estudo de material pelos intérpretes, 2) a conversa entre a equipe de intérpretes e 3) a conversa com os palestrantes. Assim, com a missão cumprida, a qualidade da interpretação pode ser melhor, os intérpretes poderão sentir seguros e confiantes. Por isso, o intérprete surdo não deve se preocupar apenas com o processo da interpretação, mas também com a preparação e a interpretação em si, para estarem conscientes que compreendem os elementos gerais ou específicos do que será interpretado, mas também criar esta rede de colaboração pré e pós-evento para fortalecer a qualidade profissional da equipe de intérpretes.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse capítulo tem o objetivo de discutir os resultados mostrados no capítulo anterior, interpretar a sua significação e mostrar a relevância no sentido da proposta desse trabalho que os intérpretes surdos podem trabalhar tanto quanto os intérpretes ouvintes.

Primeiro, os intérpretes surdos podem trabalhar como profissionais na interpretação intramodal, sinal-sinal; assim como os intérpretes ouvintes trabalham na interpretação intermodal, voz-sinal. Não importa se o intérprete surdo não ouve, apenas as modalidades são diferentes, sendo voz-sinal e sinal-sinal, mas os intérpretes surdos trabalham de modo análogo, com certas especificidades que se manifestam nas estratégias encontradas nessa pesquisa e mostradas no capítulo 4. Todos eles podem até trabalhar em equipe, por exemplo, em eventos com participantes internacionais que utilizam SI (ou uma outra LS, como, por exemplo, ASL ou BSL). Por enquanto, faltam pesquisas sobre o trabalho em equipe de intérpretes surdos e intérpretes ouvintes no Brasil. Isso precisa ser estudado, esperamos que algum(a) interessado(a) tenha disposição de pesquisar o trabalho em equipe dos intérpretes surdos e ouvintes em eventos.

Segundo, afirmamos que existem sim estratégias próprias da interpretação simultânea intramodal sinal-sinal, no caso desta pesquisa, SI-Libras, na configuração de interpretação com espelhamento. Vale lembrar que nem todas as estratégias da interpretação intermodal voz-sinal adequam na interpretação intramodal sinal-sinal, pois existem algumas estratégias da interpretação intramodal que são diferentes das estratégias da interpretação intermodal, isso porque a interpretação intramodal, sinal-sinal, é uma comunicação totalmente visual, isso exige um esforço visual e um contato visual.

Em geral, o que diferencia é a interpretação indireta que ocorre na interpretação intramodal (sinal-sinal). Na interpretação intramodal (voz-voz) e na interpretação intermodal (voz-sinal e vice-versa), tem apenas um intérprete em ação. Quanto à interpretação intramodal (sinal-sinal), na configuração com espelhamento, tem dois intérpretes em ação: intérprete interlingual e intérprete intralingual. Neste caso, os intérpretes são surdos.

Agora, vamos às questões específicas:

- 1) Existem estratégias específicas linguísticas?
- 2) Existem estratégias específicas de colaboração?
- 3) Quais são as estratégias de preparação?

Nesta pesquisa, como havíamos focalizado apenas na interpretação intramodal simultânea, sinal-sinal, na configuração de interpretação com espelhamento. Vamos discutir os resultados gerais, apresentando as relações entre a interpretação intramodal voz-voz e sinal-sinal; entre a interpretação intermodal voz-sinal e a interpretação intramodal sinal-sinal; as estratégias específicas de SI e; por fim, as estratégias específicas intramodais visuais, que serão divididos em quatro grupos em seguida. E, no final deste capítulo, discutiremos sobre as estratégias de preparação que geralmente acontecem em todas as modalidades. Na interpretação intramodal sinal-sinal, essas estratégias são mais importantes na comunicação 100% visual.

5.1 ESTRATÉGIAS SEMELHANTES À INTERPRETAÇÃO INTRAMODAL VOZ-VOZ

Na interpretação intramodal é realizado um processo entre duas línguas em uma única modalidade. No caso da interpretação oral, voz-voz (por exemplo, Inglês-Português), Pöchhacker (2004) identifica as estratégias linguísticas e específicas da interpretação intramodal oral, por exemplo, antecipação, omissão, explicitação, reformulação, implicação e outras. Geralmente, nas conferências, eles não são visíveis ao público e são mais distantes aos palestrantes, pois eles ficam na cabine, geralmente interpretam através do equipamento portátil (microfones e fones) de transmissão do som e os participantes do evento escutam a mensagem da língua-alvo pelo fone. Portanto, nesta pesquisa, vamos mostrar as estratégias intramodais sinal-sinal que podem ser semelhantes à interpretação intramodal voz-voz:

Quadro 8: Estratégias Semelhantes à interpretação intramodal voz-voz

ESTRATÉGIAS SEMELHANTES À INTERPRETAÇÃO INTRAMODAL VOZ-VOZ		
Modalidade	Estratégias Linguísticas	Estratégias de colaboração
Voz-voz	1-Correção de erros do palestrante 2- <i>Lag time</i> 3- Complemento 4- Correção 5- Marcadores discursivos	Com o intérprete de apoio: <i>1- Feedback</i>
Sinal-sinal		

Fonte: Elaboração própria (2018).

- Estratégias Linguísticas

A primeira estratégia, “correção de erros do palestrante”, acontece na interpretação intramodal voz-voz, quando o palestrante estrangeiro pronuncia alguma palavra em português no modo errado, por exemplo, quando ele tenta pronunciar a palavra ‘açai’ que é uma fruta própria do Brasil, o intérprete entende e corrige para dar uma melhorada na mensagem-alvo. Pode ser até comum corrigir o palestrante quando estamos absolutamente certos. Então, na interpretação intramodal sinal-sinal, quando o palestrante erra a configuração de mão, ou a soletração menos clara, o intérprete precisa ter certeza que entendeu o que o palestrante quis dizer, aí pode corrigir. Corrigir o palestrante não é considerado como uma estratégia inadequada, dependendo da situação. Caso o intérprete não tenha certeza das informações, é melhor evitar e copiar a mesma coisa que o palestrante sinalizou.

A estratégia *lag time* é comum na interpretação intramodal tanto como na interpretação intermodal. *Lag time* ocorre apenas na interpretação simultânea, sempre há um pequeno intervalo de tempo de alguns segundos. No caso da interpretação oral, quando o palestrante começa a falar, o intérprete fica concentrado na mensagem-fonte transmitida pelo palestrante, escutando as primeiras palavras e começa a falar produzindo a língua-alvo.

Agora, com o intérprete de apoio, que acontece em todas as modalidades da interpretação simultânea, por exemplo, na interpretação intramodal oral, voz-voz, o intérprete de apoio (ou seja, o intérprete-*off*) não deve falar durante a ação da interpretação por causa do som que pode atrapalhar a mensagem-alvo. Ele usa apoio, por exemplo, escrever números ou nomes num papel. É a mesma coisa que o intérprete de apoio não deve sinalizar muito ao mesmo tempo que o intérprete interlingual está em ação de interpretar, porque isso pode atrapalhar o intérprete intralingual, que ficará confuso, e não sabe se deve replicar o intérprete interlingual ou o intérprete de apoio. Não é possível replicar tudo de uma vez só e isso pode influenciar a mensagem-alvo final de forma muito confusa. Assim, impede o intérprete intralingual de pedir que o intérprete de apoio pare de sinalizar, pois ele está sendo assistido pelo público. Então, o intérprete de apoio geralmente usa as estratégias, quando necessário, para apoiar o intérprete que está em ação: complemento e correção.

No caso da interpretação voz-voz, eles normalmente murmuram mais próximo ao intérprete, ou seja, escrever no papel e mostrar para o intérprete que está em ação. Quanto à interpretação sinal-sinal, o

intérprete de apoio surdo deve ficar atento, se ele perceber que o intérprete interlingual perdeu uma informação, a sua função é recuperar essa informação (complemento) repassando para o intérprete intralingual, que pode recuperar ou não. Em vez de complementar, se o intérprete interlingual errar alguma configuração, o intérprete de apoio usa a estratégia de corrigir, e o intérprete intralingual decide se corrige ou não. Isso é uma decisão do intérprete intralingual.

Por fim, todo texto, seja o que for, escrito, falado ou sinalizado, tanto na interpretação intramodal quanto na interpretação intermodal, apresenta Marcadores Discursivos, para deixar todo coeso, coerente e estruturado, de acordo com as regras gramaticais da língua, reformulando o discurso da fala.

- Estratégia de colaboração

Feedback é uma estratégia muito comum em todas as modalidades da interpretação, tanto intramodal quanto intermodal. É considerado como uma estratégia indispensável que a equipe dos intérpretes geralmente usa muito. No caso da interpretação intramodal, voz-voz, o intérprete de apoio mostra um gesto positivo, acena a cabeça como um sim, assim como na interpretação intramodal sinal-sinal, o intérprete interlingual ou o intérprete intralingual demonstram alguma expressão facial ou algum gesto. O intérprete de apoio, neste caso, também demonstra as expressões faciais ou mostra os gestos.

No caso da interpretação oral, um intérprete que está em ação, o intérprete de apoio percebe que ele desviou de alguma informação, ao invés de mostrar um gesto negativo, ele usa apoio, escrevendo números ou nomes num papel e mostrar para o intérprete em ação. Assim, como na interpretação intramodal sinal-sinal, o intérprete interlingual ao perceber que o intérprete intralingual não está conseguindo acompanhar, ou seja, desviando das informações, ele (ou o intérprete de apoio) precisa encontrar uma estratégia para melhorar ou recuperar as informações.

Resumindo, pode ser até difícil por ser a mesma modalidade. Padden (2002) diz que isso deve ser mais difícil por conta das línguas terem a mesma modalidade, com as estruturas semelhantes, mais difícil do que a interpretação intermodal, pois são estruturas muito distantes. Mas, se os intérpretes, tanto ouvintes quanto surdos, são extremamente fluentes em duas línguas, e se eles possuem qualificação e experiências há anos, são geralmente confiantes e seguros.

5.2 ESTRATÉGIAS SEMELHANTES À INTERPRETAÇÃO INTERMODAL VOZ-SINAL

A interpretação intermodal é aquela que se realiza entre uma língua oral e outra de sinais, nesse caso, são modalidades distintas: de uma modalidade vocal-auditiva para modalidade gestual-visual (RODRIGUES, 2018). A seguir mostraremos algumas estratégias da interpretação intermodal podem adequar na interpretação intramodal sinal-sinal.

Quadro 9: Estratégias intramodais semelhantes à interpretação intermodal

ESTRATÉGIAS INTRAMODAIS SEMELHANTES À INTERPRETAÇÃO INTERMODAL		
Modalidade	Estratégias Linguísticas	Estratégias de colaboração
Sinal-voz	1- Correção de erros do palestrante; 2- <i>Lag time</i> ; 3- Marcadores Discursivos; 4- Complemento; 5- Correção 6- Apontamento	1- Solicitação do sinal pelo palestrante;
Sinal-sinal		2- Soletração Enfatizada 3- Solicitação do intérprete; 4- Confirmação; 5- <i>Feedback</i> ;

Fonte: Elaboração própria (2018).

- Estratégias Linguísticas

A correção de erros do palestrante pode acontecer na interpretação intermodal Libras-PT, o intérprete corrige os erros feitos pelo palestrante surdo, quando ele erra alguma configuração de mão ou soletração, o intérprete corrige o sinal, para o português em voz. Existe uma diferença nesta comparação entre as modalidades intermodal e intramodal: o palestrante surdo é visível ao público, que os participantes (em geral, surdos) podem perceber o seu erro durante a apresentação. Assim, os participantes ouvintes não perceberiam o erro, porque estão ouvindo a mensagem-alvo em português.

Na interpretação intramodal sinal-sinal, por exemplo, neste caso de pesquisa, identificamos que o palestrante estrangeiro errou a configuração de mão que era referente ao local e o intérprete interlingual, que sabia da informação, apenas corrigiu a configuração de mão. O público pode perceber o erro do palestrante e o intérprete intralingual mostra a informação correta. Esse exemplo serve para conscientizar os intérpretes tanto ouvintes quanto surdos, eles

primeiramente devem entender mesmo o que o palestrante quis dizer, podem corrigir.

A defasagem do tempo, como apresentado no subcapítulo anterior, acontece normalmente em todas as modalidades tanto intramodal quanto intermodal. *Lag time* é uma estratégia habitual que acontece em todas as modalidades da interpretação simultânea. Dentre várias perspectivas de outros, o *lag time* é uma vantagem ou uma desvantagem. Em nossa perspectiva, consideramos isso como um equilíbrio entre as vantagens e as desvantagens, dependendo das situações, controlando o tempo da defasagem para transmitir sucedimento as mensagens-alvos.

Marcadores Discursivos são comuns em todos os textos, como foi dito anteriormente, são comuns em todo o tipo de modalidade, seja o que for, no texto falado, escrito ou sinalizado.

A estratégia “apontamento” é uma estratégia específica da interpretação quando é interpretada para a língua de sinais como uma modalidade espaço-visual. No caso da interpretação voz-sinal, o intérprete ouvinte é visível ao público, que fica próximo ao palestrante ouvinte, ele pode apontar para o *slide* para mostrar o que o palestrante está mostrando ao público surdo. Mas o que diferencia entre essas duas modalidades é a orientação do apontamento, na interpretação intramodal sinal-sinal, os dois intérpretes apontam com uma orientação diferente. Quando um palestrante surdo mostra algo no *slide* e intérprete interlingual, estando um pouco distante do palestrante, faz um apontamento com uma orientação diferente do palestrante e o intérprete intralingual sabia a referência do apontamento e faz a finalização do apontamento com outra orientação, espelhada, à direção para o mesmo local indicado.

O complemento é uma estratégia considerada como um tipo de apoio, quando se tem um intérprete-*off*, ou seja, um intérprete de apoio, geralmente usa para ajudar o intérprete em ação, Nogueira (2016) afirma que isso é um apoio quando o intérprete de apoio sugere algo para dar uma ênfase na mensagem-alvo. A correção é outro tipo de apoio que os intérpretes de apoio geralmente usam para ajudar o intérprete que está em ação, para dar um ajuste na mensagem-alvo para dar uma melhoria na interpretação.

O autor identificou essas estratégias na interpretação intermodal, Libras-PT, na cabine, com a equipe dos intérpretes em uma conferência nacional. Ele considera estas estratégias como tipos de apoios. Assim como na modalidade intramodal sinal-sinal, os intérpretes de apoio também usam estas estratégias para ajudar o intérprete interlingual.

- Estratégias de Colaboração

A solicitação do sinal pelo palestrante é uma estratégia que acontece em alguns momentos, por exemplo, quando um palestrante solicita o sinal ao intérprete ou ao público. Ele geralmente solicita ao intérprete que está mais próximo ao palestrante. Na interpretação intermodal simultânea, no caso de Libras-PT, quando os intérpretes ouvintes não estão na cabine, vimos que o palestrante surdo pausa a sua apresentação para perguntar ao intérprete qual seria um sinal referente à pessoa, ao local. Se eles estiverem na cabine, é possível que o palestrante surdo pergunta para o público. Na interpretação intramodal, isso acontece também com os intérpretes surdos, como um caso identificado nesta pesquisa, o palestrante solicitou um sinal ao intérprete interlingual que estava em ação.

A solicitação da soletração enfatizada ocorre em duas modalidades: intramodal e intermodal, quando o palestrante sinaliza, sabemos que a função do intérprete é interpretar em voz e quanto à função do intérprete surdo, é interpretar para outra língua de sinais. Então, quando o palestrante soletra com uma velocidade rápida, que não é clara, o intérprete, tanto ouvinte quanto surdo, não conseguiria ler a soletração, assim, solicita ao palestrante para que faça uma soletração enfatizada.

Sugerimos que esta estratégia deve ser informada ao palestrante antes da apresentação, caso usar soletração. Mas o que diferencia as duas é a língua e a modalidade, o intérprete ouvinte lê a soletração, letra por letra, ele não precisa ‘traduzir’, pois é a mesma língua, ele apenas fala a palavra que foi soletrada pelo palestrante. Na interpretação intramodal, de uma língua de sinais para outra língua de sinais, no caso de SI para Libras, um palestrante pode soletrar uma palavra em inglês e intérprete surdo precisaria interpretar esta palavra para a língua portuguesa, por isso, ele deve saber a língua inglesa.

A solicitação do intérprete ocorre quando o intérprete ouvinte, no caso de Libras-PT, interrompe a apresentação do palestrante surdo para solicitar um esclarecimento ou uma repetição da sentença ou do sinal. Isso acontece só quando os intérpretes estiverem sentados na primeira fileira de lado. Se os intérpretes estiverem na cabine, não seria possível solicitar diretamente para o palestrante surdo, aí solicita ao intérprete de apoio, Nogueira (2016) identifica os fatos deste caso.

Pode haver uma estratégia de solucionar um problema surgido: é pedir um intérprete de apoio sair da cabine para solicitar discretamente para o palestrante surdo. No caso de vice-versa, PT-Libras, os

intérpretes geralmente ficam ao lado do conferencista ouvinte, de frente para o público, solicita ao intérprete de apoio que está sentado, observando a interpretação:

[...] caso o intérprete da vez tenha alguma dificuldade pode sinalizar indicando um sinal ou ideia para que o intérprete da vez possa retomar a interpretação (ALBRES; SANTIAGO, 2012, p. 52).

Então, no caso da interpretação intermodal, o intérprete geralmente solicita ao intérprete de apoio, não ao palestrante. Mas isso não significa que o intérprete não pode solicitar ao palestrante. Os intérpretes tanto ouvintes quanto surdos podem sim solicitar ao palestrante, mas devem solicitar só quando é necessário. Por exemplo, quando o intérprete não está conseguindo acompanhar a mensagem-fonte, então, é o momento certo para solicitar ao palestrante esclarecer ou desacelerar a velocidade da sua sinalização.

A confirmação é uma estratégia que pode ocorrer na modalidade intermodal e intramodal, já vimos que o palestrante surdo entra em contato com o intérprete ouvinte que está em ação. Como o palestrante surdo sabe que o intérprete está em ação, ele sinaliza com uma velocidade normal, e quando termina uma sentença, direciona o seu olhar para o intérprete que ainda não terminou a ação, aguarda alguns segundos até que o intérprete acena a cabeça, pedindo para continuar a sua apresentação.

Em outros casos, um palestrante surdo pergunta “*tudo ok?*” para intérprete ouvinte para confirmar. Assim como acontece também na interpretação intramodal, por exemplo, neste caso de pesquisa, o palestrante estrangeiro congela um sinal direcionando o seu olhar para o intérprete interlingual, que estava em ação e quando transmite uma sentença para a língua-alvo, o palestrante faz um aceno como um sim e continua apresentando.

Sabemos que *feedback* é uma estratégia fundamental que se realiza em todas as modalidades, contudo, no caso da interpretação intermodal, voz-sinal ou sinal-voz, eles usam *feedback* visual, que é muito comum. Eles demonstram um gesto, ou um sinal, que seja visível para o intérprete que está em ação.

5.3 ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS DA INTERPRETAÇÃO DE SI

Neste caso, identificamos algumas estratégias linguísticas que são específicas da interpretação de SI, isso porque essa não possui uma estrutura fixa que segue as mesmas regras linguísticas, é uma língua muito flexível e pode misturar com outros sinais, os intérpretes, tanto surdos quanto ouvintes, desde que sejam fluentes em SI, podem selecionar os sinais que sejam icônicos ou os sinais da língua nacional de sinais onde estiver no país. Aqui em baixo, apresentamos as estratégias:

Quadro 10: Estratégias específicas da Interpretação de SI

ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS DA INTERPRETAÇÃO DE SI	
Estratégias Linguísticas	
1	<i>Mouthing</i> (en-pt)
2	Complemento
3	Descrições Imagéticas

Fonte: Elaboração própria (2018).

Mouthing é uma estratégia linguística, que identificamos em muitos casos nesta pesquisa, é aquele movimento de boca que os usuários de línguas de sinais usam durante a sinalização, sem produzir um som. Assim, o palestrante estrangeiro utiliza Sinais Internacionais, com movimentos de boca, apresentando algumas palavras, sendo parcialmente ou completamente em inglês (a língua franca oral), e o intérprete interlingual não se preocupa apenas com o movimento de boca em inglês, e sim com os elementos lexicais, que são produzidos junto com os movimentos de boca.

Dessa maneira, o intérprete interlingual traduz para os elementos lexicais de língua-alvo junto com os movimentos de boca, produzindo as palavras em português. Essa estratégia é específica da interpretação de SI para Libras, mas também pode acontecer no caso da interpretação intramodal, de ASL para Libras, por exemplo. Todos os intérpretes tanto ouvintes quanto surdos devem saber o inglês, pois pode acontecer que um palestrante solete uma palavra em inglês, se essa palavra for importante, que deve ser transmitida para a mensagem-alvo e o intérprete deve traduzir imediatamente.

O complemento é uma estratégia linguística que pode acontecer em outras modalidades. Neste caso, também pode ser específica da interpretação de SI, como SI ainda não possui uma estrutura completa,

com todos os elementos lexicais convencionados, assim, o palestrante estrangeiro pode complementar os sinais da língua nacional de sinais, referentes ao local onde estiver, na sua mensagem-fonte. Vale ressaltar que não é só palestrante que complementa os sinais da língua-alvo na mensagem-fonte, o intérprete interlingual também complementa como uma estratégia linguística, a sua função é, segundo Nogueira (2016), esclarecer a mensagem-alvo, tornando o discurso mais coeso e deixando-o mais claro, por exemplo, neste caso de pesquisa, complementou o nome da pessoa em qual o palestrante estava falando.

Descrição imagética tem vários elementos visuais nas línguas de sinais. Na interpretação de SI, é uma estratégia específica que acontece em casos especiais, quando um palestrante fizer muito uso de descrição imagética. Assim, o intérprete interlingual não precisaria interpretar, nem o intérprete intralingual precisa copiar, a interpretação deve ser desativada por alguns instantes para que o palestrante seja visualizado em detalhes pelo público, pois o uso de descrição imagética apresenta vários elementos visuais, que podem ser fáceis de perceber.

Em outros casos identificados nesta pesquisa, quando o palestrante aponta para a projeção do *slide*, que tem imagens nele, por exemplo, figuras gráficas, hierarquias, etc., que não podem ser vistas pelo intérprete intralingual, aí sugerimos que o intérprete interlingual faça DI mostrando essas imagens para o intérprete intralingual entender de que se trata, replicando a DI, ou seja, se não for necessário, aponta para o *slide* para que o público veja.

5.4 ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS DA INTERPRETAÇÃO INTRAMODAL VISUAL

Agora, vamos apresentar algumas estratégias linguísticas e de colaboração que não se adequam na interpretação intermodal sinal-voz, essas estratégias são específicas da interpretação intramodal sinal-sinal por ser uma comunicação visual:

Quadro 11: Estratégias específicas intramodais visuais

ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS INTRAMODAIS VISUAIS		
	Estratégias Linguísticas	Estratégias de colaboração
1	Pistas de prosódia visual	Aviso
2	Ampliação do espaço de sinalização	Transmitir segurança

Fonte: Elaboração própria (2018).

- Estratégias Linguísticas

A estratégia “pistas de prosódia visual” é específica da interpretação intramodal, quando tem os dois intérpretes que estão em ação na configuração da interpretação com espelhamento. O intérprete interlingual precisaria mostrar as pistas de prosódia visual tais como a maximização do uso de espaço, da expressão facial e dos movimentos mais acentuados e outras, atitudes que facilitam a replicação pelo intérprete intralingual.

Essas pistas de prosódia são completamente visuais, o intérprete interlingual, além de ter responsabilidade de interpretar, precisa mostrar as pistas de prosódia visual, o intérprete intralingual faz finalização da mensagem final com prosódia melhor, chegando a ser semelhante à prosódia do palestrante. Se o intérprete interlingual não apresentar nenhuma pista de prosódia visual, isso pode dificultar a replicação, aí acontece que o público não entenda a mensagem final replicada pelo intérprete intralingual.

A “Ampliação do espaço de sinalização” também é uma estratégia específica da interpretação intramodal sinal-sinal que pode ser semelhante à estratégia anterior, pistas de prosódia visual. Essa estratégia acontece na interpretação com espelhamento, como uma estratégia específica, dos dois intérpretes que estão trabalhando juntos. Então, neste caso, o intérprete interlingual amplia o uso de espaço de sinalização para facilitar a visibilidade para que o intérprete intralingual replique. Caso o intérprete interlingual não amplie o uso de espaço, sem pistas de prosódia visual, tudo isso irá complicar a replicação da interpretação. Por isso, o intérprete interlingual deve sempre lembrar que a sua responsabilidade não é só interpretar e deve aproveitar essas estratégias.

- Estratégias de colaboração

Aviso é uma estratégia visual e específica da comunicação por ser visual, acontece quando um intérprete interlingual (poucos casos) ou um intérprete de apoio avisa para intérprete intralingual que está prestes a acontecer algo pelo palestrante para que o intérprete intralingual seja ciente do acontecimento, por exemplo, um caso foi identificado, quando o palestrante vai mostrar um vídeo no *slide*, o intérprete de apoio avisou, e por fim, o intérprete intralingual abaixou as mãos e vira para ver o

vídeo. Essa estratégia é visual e é útil para intérprete intralingual para acompanhar as informações durante a ação da interpretação.

Transmitir segurança é uma estratégia específica da interpretação intramodal sinal-sinal, pois, neste caso, os dois intérpretes que estão em ação de interpretar ao mesmo tempo. Por isso, o intérprete interlingual deve lembrar que, a sua função não é só interpretar, com o uso das pistas de prosódia visual e da ampliação de uso do espaço, mas também transmitir segurança para o intérprete intralingual e isto é fundamental, para que ele possa se sentir seguro e confiante. Quando ele está confiante, ele está resoluto contigo mesmo, conhece o conteúdo do trabalho que está sendo apresentado pelo palestrante e sabe no que está interpretando fielmente, assim, o intérprete intralingual se sente o mesmo, tendo uma confiança em intérprete interlingual.

Agora, vamos discutir sobre a terceira questão, relacionada às estratégias de preparação. Como a preparação é fundamental para que os intérpretes se planejem, ou seja, a interpretação será bem-sucedida. Eles usam as estratégias prévias de longo prazo: pedir acesso ao material pelo e-mail, saber os conteúdos de trabalhos dos palestrantes em qual vai interpretar, etc., as estratégias do pré-evento tais como, encontro com a equipe de intérpretes, conhecer o local da conferência, encontro com os palestrantes, etc. essas estratégias são realizadas em todas as modalidades, intramodal (voz-voz e sinal-sinal) e intermodal (voz-sinal), todos os intérpretes, tanto ouvintes quanto surdos, devem preparar antes do evento. No momento do evento, geralmente, eles usam roupa própria adequada ao local.

Percebe-se que há uma estratégia que os intérpretes em geral não usam após o evento: *feedback*. No caso da interpretação intermodal voz-sinal, e da interpretação intramodal voz-voz, os intérpretes geralmente não fazem *feedback* após o evento, isso porque não seja necessário, ou seja, eles são experientes. Mas, às vezes, eles podem entrar em contato diretamente com um (ou mais) dos colegas sem precisar de reunir com a equipe de intérpretes. Isso também seja porque eles têm mais prática na área de interpretação e tradução e geralmente eles recebem *feedback* em outros momentos, como por exemplo, nas aulas de prática em tradução/interpretação com professores. No caso dos intérpretes surdos, como eles começando a serem reconhecidos e, também, ainda não há curso de formação de longo prazo para praticar a tradução/interpretação, eles geralmente não trabalham frequentemente em eventos. Esses eventos ocorrem poucas vezes por ano, assim, eles só praticam a interpretação antes do evento e quando o evento encerra, eles vão embora sem saber de opiniões, sugestões e reclamações dos outros.

Por isso, é recomendável reunir todos antes do evento e, também, após o evento para darem/receberem *feedback*, que assim ajudará cada um deles. Quando houver um curso de prazo longo, que tenha objetivo de formar os intérpretes surdos, e assim eles vão praticar mais, e aprender com outros colegas nesse momento. E, quando eles tiverem uma formação, tiverem mais experiências práticas, talvez não precisarão desta estratégia após o evento.

5.5 RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS PARA A FORMAÇÃO DE INTÉRPRETES SURDOS INTRAMODAIS

Aqui apresentamos resumidamente sobre o geral dos resultados desta pesquisa, temos as três demandas importantes para revelar esses resultados para a formação de intérpretes surdos intramodais:

- Melhorar a qualidade dos intérpretes surdos;
- Criar novas pesquisas sobre tópicos relacionados aos intérpretes surdos;
- Empoderar, estimular e motivar o trabalho dos intérpretes surdos.

A primeira demanda é melhorar a qualidade de cursos, isto é, como ainda não são ofertadas disciplinas nos cursos de Letras Libras em bacharelado que possam praticar a interpretação intramodal, sinal-sinal, simultaneamente ou consecutivamente, em várias situações, por exemplo, conferência, justiça, consulta médica e outros. De acordo com o autor,

Indivíduos surdos não devem se tornar intérpretes “no trabalho” ou apenas fazer alguns workshops, ou ser orientados brevemente e passar em um exame de certificação. Eles precisam de treinamento mais extenso e rigoroso para atingir o nível de excelência desejado no campo de interpretação (BOUDREAU, 2005, p. 350).

Geralmente, no Brasil, surdos se tornam intérpretes no trabalho, sem formação. Isso não é recomendável, eles devem praticar por um longo tempo, antes de tornarem-se intérpretes. Por isso, esta dissertação talvez possa ajudar a reconhecer os intérpretes surdos e incluir os estudos sobre a interpretação intramodal e os intérpretes surdos na área de interpretação/tradução de Libras.

Vale ressaltar que não devemos destacar a importância da interpretação intramodal, e sim, lembrar que existem diversos tipos de interpretação intramodal em quais os intérpretes surdos podem trabalhar, por exemplo, com os clientes surdos-cegos, os surdos não acadêmicos, os surdos oralizados, etc. Também vale ressaltar que não são só surdos devem trabalhar nestas situações, os intérpretes ouvintes também podem praticar, mas desde que saibam SI, ASL ou qualquer outra língua de sinais, desde que saibam trabalhar com os clientes surdos em diversas situações, de acordo com Boudreault (2005), a sua proposta é que o currículo de formação para intérpretes surdos que seja qualificado:

O treinamento de intérpretes surdos poderia ser combinado com treinamento para intérpretes ouvintes de língua de sinais para certos cursos como linguística de ASL, teoria de interpretação, cultura surda, etc., enquanto outros cursos precisariam ser oferecidos separadamente, como aqueles desenvolvendo habilidades de Sinais Internacionais, comunicação alternativa para indivíduos que são semilingües ou sem linguagem, interpretação surda-cega, espelhamento e interpretação ASL-LSQ, cada um com total consideração do fato do intérprete ser surdo e um membro da comunidade cultural de pessoas surdas (BOUDREULT, 2005, p. 351, tradução nossa⁸⁰).

O autor também propôs que é essencial fornecermos esse curso sobre o papel e as tarefas do intérprete surdo para intérpretes ouvintes de língua de sinais, desse modo, eles poderão trabalhar efetivamente com intérpretes surdos como uma equipe. De acordo com o autor, os intérpretes ouvintes também podem estar mais conscientes e preparados para usar os serviços que os intérpretes surdos mais usam quando a comunicação encontrar barreiras entre clientes surdos e intérpretes

⁸⁰ *DI training could be combined with training for hearing signed language interpreters for certain courses such as ASL linguistics, theory of interpreting, Deaf culture, etc., while other courses would need to be offered separately, such as those developing International Sign skills, alternative communication for individuals who are semilingual or without language, Deaf-blind interpreting, mirroring, and ASL-LSQ interpreting, each with full consideration of the interpreter being Deaf and a member of the cultural community of Deaf people.*

ouvintes. Isso não significa que intérpretes ouvintes são menos profissionais, Boudreault lembra que:

Intérpretes ouvintes não devem sentir-se desqualificados porque não podem realizar a tarefa, mas com oportunidades de trabalhar com intérpretes surdos no programa de preparação profissional, ficarão mais à vontade com o papel do intérprete surdo e aptos a trabalhar com eles para garantir eficiência na comunicação (BIENVENU; COLONOMOS, 1992; FRISHBERG, 1990 apud BOUDREAULT, 2005, p. 351, tradução nossa⁸¹).

Para intérpretes ouvintes, trabalhar com intérpretes surdos pode ser um grande desafio, mas será uma oportunidade para adquirir novas experiências de trabalhar como uma equipe. Assim, eles reconhecerão um intérprete surdo como profissional tanto quanto um intérprete ouvinte. De acordo com Boudreault (2005), unindo o intérprete ouvinte com um intérprete surdo aumenta a qualidade da interpretação para todos.

A segunda demanda é criar novas pesquisas sobre os intérpretes surdos, já que existem pouquíssimas pesquisas internacionais sobre os intérpretes surdos, e ainda falta muito no Brasil, pois os intérpretes surdos estão trabalhando há muitos anos, mas não têm formação superior, ou seja, uma formação que reconhece a sua profissão.

Por isso, propomos que o curso de Letras Libras em bacharelado tenha mais disciplinas sobre esses tópicos e, também, que abra as vagas para surdos. Durante o curso e a prática, eles perceberão as faltas, que assim podem ajudar eles a criar novas pesquisas para alcançar seus objetivos.

A última demanda, empoderar, estimular e motivar o trabalho dos intérpretes surdos, que é um assunto muito importante para os intérpretes surdos em geral. Já ouvimos a frase “*eu não posso*” dita pelos intérpretes surdos que sentem insegurança e medo e, isso impede de eles continuarem trabalhando como intérpretes surdos. Consideramos que isso pode ser falta de prática, mas também falta de estimulação e de

⁸¹ *Hearing interpreters should not feel unqualified because they cannot perform the task, but with opportunities for working with DIs in the professional preparation program, they will be more comfortable with the DI role and apt to work with them to ensure communication efficiency.*

motivação pelos colegas de trabalho. “*Eles são ruins, não são profissionais*”, “*viram que eles erraram muito?*” são frases mais comuns pelos próprios intérpretes surdos e, também, pela própria comunidade surda, isso influencia o desânimo e a falta de apoio, assim, os intérpretes surdos acabam desistindo. Essas atitudes negativas não ajudam, não é assim que o intérprete surdo deve criticar o profissionalismo do outro, ele deve conversar profissionalmente com outro em um momento particular.

Em equipe dos intérpretes surdos, o mais importante é que os intérpretes surdos devem ser tratados como iguais, eles não devem comparar com os outros, não existe o ‘melhor’ ou o ‘pior’ da equipe. A função da equipe é interpretar de uma língua-fonte para a língua-alvo para o público e devemos nos preocupar mais com o público, pois este tem interesse de aprender e adquirir novos conhecimentos pelos palestrantes estrangeiros. De acordo com a autora, que mostra que os intérpretes de LS em geral não devem olhar para si mesmos, e sim para as pessoas que estão no público:

Quando lembramos de sempre nos concentrar mais na mensagem do que em nós mesmo, estaremos fornecendo nosso trabalho melhor. No final, o trabalho não é sobre nós. É sobre as pessoas que servimos e sua comunicação. Quando os intérpretes desenvolvem uma confiança autêntica, podem permitir que a comunicação das pessoas flua sem impedimentos (WOODS, 2014, tradução nossa⁸²).

Essa parte é muito importante para lembrar sempre que não estamos concentrados em nós mesmos. O nosso trabalho não é mostrar nossas atitudes e, sim mostrar a nossa função de transmitir a mensagem-alvo para o público. O público não tem interesse em saber quem é o intérprete, ele apenas quer entender o que o palestrante estrangeiro está falando. Isso é o que importa, por isso, os intérpretes surdos não devem ser convencidos mostrando que sabem as línguas estrangeiras, que são profissionais e experientes, que sabem de tudo, mas na verdade, tudo

⁸² *When we remember to always focus on the message more than ourselves, we will be providing our best work. In the end, the work is not about us. It's about the people we serve, and their communication. When interpreters have developed authentic confidence, they can allow people's communication to flow unimpeded.*

isso não é verdade. Os intérpretes surdos estão cada vez mais reconhecidos e eles ainda estão aprendendo. Mesmo que alguns intérpretes surdos sejam experientes, devem ensinar aos novatos. Desse modo, essa profissão crescerá mais no campo de tradução e interpretação de Libras. Resumindo, a atitude do intérprete surdo deve ser mais neutra e, dessa maneira, crescerá o seu profissionalismo, por meio de competências, responsabilidades e ética. Mostrar seu profissionalismo é a chave para a construção da sua carreira de sucesso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinais Internacionais é considerado uma língua franca, e recentemente tem sido usado pelo mundo todo em eventos internacionais e nas viagens. Isso tem despertado o interesse e a curiosidade no Brasil, conquistando o espaço acadêmico e a comunidade surda, aprendemos os novos conteúdos com os pesquisadores estrangeiros. Para isso, os intérpretes surdos têm interesse em transmitir os conteúdos para a audiência brasileira precisam conhecer primeiramente o palestrante estrangeiro e seu país de origem, cultura, língua e um pouco de história dele, e assim, a interpretação poderia ser mais flexível e criativa.

Mesmo que ainda não haja uma formação específica para interpretação intramodal no Brasil, é possível criar algumas demandas gerais, assim como a WASLI oferece para o mundo todo, para quem deseja a competência linguística, conhecimento situacional, cultural para a interpretação intramodal – Língua de Sinais Brasileira para Sinais Internacionais, por exemplo, que tem sido vista recentemente nas conferências, pelos intérpretes surdos.

O intérprete surdo precisa estar ciente que não deve trabalhar sozinho na interpretação de conferência, principalmente por causa da exigência à atenção, ou seja, devido a interpretação possuir a mesma modalidade, de uma língua de sinais para uma outra língua de sinais. Assim, os intérpretes surdos sempre devem trabalhar com outros intérpretes surdos e ouvintes, para apoiarem um ao outro, de maneira que melhore a qualidade do trabalho. Para isso, apontamos estratégias linguísticas, de colaboração e de preparação para que os intérpretes surdos saibam trabalhar em equipe, e dessa maneira, a interpretação pode ser bem-sucedida, informando ao público com sucesso, mostrando que os intérpretes surdos também podem interpretar tanto quanto os intérpretes ouvintes, mas com as estratégias próprias da interpretação intermodal, de português para Libras ou vice-versa. Também vale ressaltar que não devemos trabalhar só com os intérpretes surdos, também podemos atuar com intérpretes ouvintes, assim, há um aprendizado mútuo, aumentando a qualidade da profissão de todos.

O objetivo desta pesquisa foi alcançado, porém com algumas limitações. Conseguimos analisar alguns fatos da interpretação intramodal simultânea na conferência. Essas limitações são: 1) a falta de coleta de registros mais diferenciados; 2) a falta de *corpus* de interpretação intramodal sinal-sinal, por isso, conseguimos criar os

primeiros dados da interpretação com espelhamento, que mostrem a ação da interpretação, visualizando os quatro intérpretes surdos e os palestrantes surdos na conferência, com temas das palestras, que são bastante conhecidos na área de língua de sinais, assim, facilitou analisar; 3) a falta de pesquisa neste caso, por isso, aproveitamos algumas estratégias da interpretação intermodal de uma língua oral para a língua de sinais (voz-sinal) e quando percebemos que há alguns casos que são específicos da interpretação intramodal sinal-sinal, criamos novas categorias para descrever essas estratégias específicas. Acreditamos que essa configuração de interpretação com espelhamento, intramodal sinal-sinal, tem mais estratégias específicas, mas para sua descrição faltam mais registros em outros contextos, assim, possibilitaria a identificação dos fatos detalhados, para, por exemplo, identificar outras estratégias ou comparar o uso dessas estratégias entre vários intérpretes surdos diferentes.

Esses dados que criamos são uma tentativa inicial para abordar esse tema e acreditamos que isso pode incentivar os futuros pesquisadores a registrar novos momentos. Sugerimos que sejam registradas interpretação intramodal sinal-sinal, em todas as configurações de interpretação, seja indireta ou direta, presencial, via televisão, de cabine, com espelhamento; assim será possível ampliar as pesquisas em geral, e os intérpretes surdos serão mais reconhecidos no campo de tradução e interpretação de língua de sinais.

Vale lembrar que o reconhecimento à profissão dos intérpretes surdos já começou pela Federação Mundial de Surdos (WFD). No Brasil, dois documentos (a Lei n. 10.436/2002 e o Decreto n. 5626/2005) falam sobre o profissional surdo sendo tradutor ou intérprete. Precisamos estimular que a comunidade surda reconheça e valorize a profissão dos intérpretes surdos como profissionais.

Então, o trabalho dos intérpretes surdos está no fim da segunda etapa do árduo caminho em direção ao reconhecimento da sua profissão. Durante a primeira etapa, foi preciso quebrar o tabu de que uma pessoa surda pode ser intérprete. Durante a segunda etapa, em conjunto com a inserção de pessoas surdas brasileiras em organizações internacionais de surdos, surgiram algumas pessoas com experiência em SI suficiente para atuarem pontualmente como intérpretes. Precisamos agora entrar na terceira etapa, de fomentar mais pesquisas na área e investir na qualificação e formação sistemática desses profissionais.

REFERÊNCIAS

ADAM, R. **Language contact and borrowing**. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). *Sign language: An international handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 841-861.

ADAM, R. et al. **Deaf Interpreters at Work**. Washington, DC: Gallaudet University, 2014.

AHLGREN, I. Deictic pronouns in Swedish and Swedish Sign Language. In: **Theoretical Issues in Sign Language Research**, v. I: Linguistics. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1990. p. 167-174.

ALBRES, N.; SANTIAGO, V. Atuação do intérprete educacional: reflexão e discussão sobre as duas modalidades de interpretação-simultânea e consecutiva. **Revista Espaço**, Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Rio de Janeiro, v. 1, n. 38, p. 51-59, jul. 2012. Semestral. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/193>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ALMEIDA, W. G.; SOUZA, J. B. A Língua de Sinais e o guia-intérprete como mediador na educação da pessoa com surdocegueira. **Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 67-87, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/download/45783/23376>. Acesso em: 05 dez. 2018.

AQUILINE, C. Interpreting: A global responsibility. In: McKee, R. L. **Proceedings of the inaugural conference of the World Association of Sign Language Interpreters**. Coleford, UK: Douglas McLean, 2006. P. 141-148.

BAKER-SHENK, C.; COKELY, D. **American Sign Language: A Student Text Units 10-18**. Washington, DC: Gallaudet University, 1981.

BARBOSA, Diego. **Omissões na interpretação simultânea da conferência: Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BARTHOLAMEI, L. A.; VASCONCELLOS, M. L. **Estudos da Tradução I**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Bacharelado em Letras-Libras na modalidade a Distância. Florianópolis, 2008.

BIENVENU, M. J.; COLONOMOS, B. Relay Interpreting in the 90s. In: SWABEY, L. **The Challenge of the 90's: New Standards in Interpreter Education**: Proceedings of Eighth National Convention of the Conference of Interpreters Trainers. United States: Conference of Interpreter Trainers, 1992, p. 69-80.

BOUDREAULT, P. Deaf Interpreters. In: JANZEN, T. **Topics in signed language interpreting**. Amsterdam: Benjamins. 2005, p. 323-356.

BRASIL. **Decreto n. 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 2018.

BRITISH DEAF ASSOCIATION (BDA). **Gestuno**: International sign language of the deaf. The revised and enlarged book of signs agreed and adopted by the Unification of Signs Commission of the World Federation of the Deaf. London: British Deaf Association, 1975.

BRÜCK, P. & SCHAUMBERGER, E. **Deaf interpreters in Europe**: a glimpse into the cradle of an emerging profession. The Interpreters' Newsletter: Sign Language Interpreting, n. 19, Università degli Studi di Trieste. Dipartimento di Scienze Giuridiche, del Linguaggio, dell'Interpretazione e della Traduzione, 2014. p. 87-109.

BYUN, K. et al. First Encounters: Repair Sequences in Cross-Signing. **Topics in Cognitive Science**, p. 1-21, 2017.

CAMPELLO, A. R. e S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 33, p. 143-167, jul. 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p143>. Acesso em: 24 abr. 2017.

CERNY, R. Z.; VILHALVA, S. A gestão pedagógica nos cursos de Letras Libras. *In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). Letras Libras: ontem, hoje e amanhã.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 37-54.

COKELY, Dennis. **The Effects of Lag Time on Interpreter Errors.** National Consortium of Interpreter Education Centers. Translated and published with permission from Gallaudet University Press. 1986, p. 1-25.

COKELY, Dennis; BAKER-SHENK, Charlotte. **American Sign Language: a Student Text** American Sign Language Series: Units 1-9. v. 1, Gallaudet University Press: Washington, D.C, 1980a.

COKELY, Dennis; BAKER-SHENK, Charlotte. **American Sign Language: A Teacher's Resource Text** On Curriculum, Methods, and Evaluation. Gallaudet University Press: Washington, D.C, 1980b.

CRASBORN, O.; HIDDINGA, A. Signed languages and globalization. **Language in Society**, Cambridge, p. 483-505, 2011.

CRYSTAL, D. **The Cambridge encyclopedia of language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CUXAC, C. Fonctions de l'iconicité. *In: La Psychologie de l'enfant Sourd*, Benoît Virole, Paris: Edilob, 1996.

EUD. **International sign**, 2012. Disponível em: <https://www.eud.eu/about-us/eud-position-paper/international-sign-guidelines/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

EUMASLI. **European Master in Sign Language Interpreting.** Curriculum, version 2, 2013. Disponível em: <http://www.eumasli.eu/wp-content/uploads/sites/25/2015/09/EUMASLI-Curriculum.pdf>. Acesso em: 17 maio 2017.

FORESTAL, E. et al. **Examples of a Deaf Interpreter's Work.** Washington, DC: Gallaudet University, 2012. Disponível em: <http://digitalcommons.unf.edu/asleimats/50/>. Acesso em: 17 maio 2017.

FRISHBERG, Nancy. **Interpreting**: An introduction. Silver Spring, MD: RID Publications, 1990.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GINEZI, L. **Ensino de Interpretação Simultânea na Graduação**: Uma análise de corpora de aprendizes. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Departamento de Letras Modernas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

HANSEN, M. What Is International Sign? The Linguistic Status of a Visual Transborder Communication Mode. *In*: ROSENSTOCK, R.; NAPIER, J. **International Sign**: Linguistic, Usage, and Status Issues. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2016. p. 15-31.

HELLWIG, B. **ELAN – Linguistic Annotator**: Version 5.0.0 – Beta. Disponível em: <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2017.

HESSMANN, J.; SALMI, E.; TURNER, G. H.; WURM, S. Developing and transmitting a shared interpreting research ethos: EUMASLI – A case study. **Benjamins Translation**, p. 177-198, 2011.

HOLM, J. **Pidgins and creoles**. New York: Cambridge University Press, 1988.

HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press, 2010. 214 p.

HUMMEL, A.; KALATA-ZAWLOCKA, A. Efsli Training on Deman – “Deaf and hearing interpreters a perfect team!”. European Forum of Sign Language Interpreters. **Spring Edition**, abr. 2014. Disponível em: <http://efsli.org/efsliblu/wp-content/uploads/2014/04/efsli-Newsletter-Spring-edition-2014.pdf>. Acesso em: 17 maio 2017, p. 15-16.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **COINES 2017**: INES realiza XVI Congresso Internacional e XXII Seminário Nacional. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/noticias/475-coines->

2017-ines-realiza-xvi-congresso-internacional-e-xxii-seminario-nacional. Acesso em: 24 jan. 2018.

JAKOBSON, R. **On Linguistic Aspects of Translation**. Linguistic Aspects. 1959. p. 232-239.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. *In* SHULTE, Rainer; BIGUENET, John. **Theories of Translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1992. p. 144-151.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguístico e Literários em Inglês) – Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LINDSAY, M. S. **Deaf Interpreters in Europe: a comprehensive European survey of the situation of Deaf Interpreter's today**. Danish Deaf Association. Erasmus+ project: *Developing Deaf Interpreting*, 2016. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/951d5d_a1a95f3b83cd468d872a9437f1fd1f6b.pdf. Acesso em: 6 maio 2017.

LUCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico?**. 2013 Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MAGALHÃES JUNIOR, E. **Sua majestade o intérprete: O fascinante mundo da interpretação simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MASUTTI, M. L.; SANTOS, S. A. Intérpretes de Língua de Sinais: Uma Política em Construção. *In*: QUADROS, R. **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

MCKEE, R.; NAPIER, J. Interpreting into International Sign Pidgin: An analysis. **Journal of Sign Language and Linguistics**, p. 27-54, 2002.

MESCH, Johanna. **Perspectives on the Concept and Definition of International Sign**. Helsinque: WFD, 2010. Disponível em: http://wfdeaf.org/wp-content/uploads/2016/11/Perspectives-on-the-Concept-and-Definition-of-IS_Mesch-FINAL.pdf. Acesso em: 12 maio 2017.

MOODY, B. International Sign: A practitioner's perspective. **Journal of Interpretation**, 2002, p. 1-47.

MOODY, B. The role of International Sign Interpreting in today's world. *In*: ROY, C. B. **Diversity and community in the worldwide Sign Language Interpreting Profession**: Proceedings of the second WASLI Conference, held in Segovia, Spain, 2007. [S.l.]: Douglas McLean, 2008. p. 19-33.

MORGAN, P.; ADAM, R. Deaf interpreters in mental health settings: Some reflections on and thoughts about Deaf interpreter education. *In*: SWABEY, L.; MALCOLM, K. **In our hands**: Educating healthcare interpreters. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2012, p. 190-208.

MYERS, M. WILDEMUTH, B M. Post-positivist research: two examples of methodological pluralism. **Library Quarterly**, v. 63, n. 4, p. 450-468, out. 1993.

NAPIER, J. Effectively Teaching Discourse to Sign Language Interpreting Students. *In*: **Language, culture and curriculum**. v. 19, n. 3, Routledge Taylor & Francis Group, 2006, p. 251-265.

NICOLOSO, Silvana. **Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

NICOLOSO, Silvana. **Modalidades de Tradução na Interpretação Simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira**: Investigando questões de gênero (*gender*). 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NOGUEIRA, T. C. **Intérprete de Libras-Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting across modalities. **Interpreting**. n. 5, v. 2, 2000/01, p. 169-185.

PAGANO, A. Crenças sobre a tradução e o tradutor: revisão e perspectivas para novos planos de ação. *In*: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, C. M.; ALVES, Fábio. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 9-28.

PÊGO, C. F. **Sinais Não-Manuais Gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**: Um estudo do morfema-boca. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PEREIRA, M. C. P. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, v. 1, p. 135-156. Florianópolis: UFSC, PGET: 2008.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: O narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, UFSC, n. 5, p. 217-226, 2003.

PIRES & NOBRE. C. L.e. M. A. Uma investigação sobre o processo de interpretação em Língua de Sinais. *In*: LOPES, Thomaz. **Invenção da Surdez I**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. **Língua Brasileira de Sinais V**. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

PIZZUTO, E; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). *In*: QUADROS, R.M; VASCONCELLOS, M.L.B (Org.). **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Arara Azul: Petrópolis, 2006.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. London/New York: Routledge. 2004.

QUADROS, R. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Secretária de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC: SEESP. 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
REIS, F. O Surdo como intérprete. *In*: XII CONGRESSO INTERNACIONAL E XVIII SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 2013, Rio de Janeiro. **Anais do XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES**. Rio de Janeiro: INES, Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico, 2013.

REIS, Flaviane. **A docência na educação superior**: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2015.

REIS, F.; MACHADO, R. N. **Intérpretes Surdos**: Relação com os Intérpretes-Feed no processo de interpretação simultânea intralingual e interlingual. 5º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3456.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

RODRIGUES, C. Interpretação Simultânea Intermodal: Sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 44, p. 111-129, Florianópolis, jan-abr, 2018.

RODRIGUES, C. Formação de Intérpretes e Tradutores de Língua de Sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular, **Translatio**, n. 15, p. 197-222, Porto Alegre, junho de 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 19 maio 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique ; MEDEIROS, D. V. O uso de *mouthing* na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais. *In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016 **Anais eletrônicos...**, Florianópolis, 2016, p. 1-15. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3604.pdf>. Acesso em: 02 maio 2017.

ROMAINE, S. **Pidgin and creole languages**. London: Longman. 1988.

ROSENSTOCK, R.; NAPIER, J. Introduction: To International Sign or not to International Sign? That Is the Question. **International Sign: Linguistic, Usage and Status Issues**. Gallaudet University Press. Washington, DC, 2016. p. 1-12.

SANTOS, S. A. dos. **Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: Um estudo sobre as Identidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SCHWEDA-NICHOLSON, N. Linguistic and extralinguistic aspects of simultaneous interpretation. **Applied Linguistics**, v. 8, n. 2, 1987, p. 194-205.

SEGALA, R.R.; QUADROS, R. M. Tradução Intermodal, Intersemiótica e Interlinguística de textos escritos em português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 34, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Acesso em: 8 maio 2017.

SILVA, A. M. da; NOGUEIRA, T. C. Considerações acerca da interpretação de língua oral para a língua de sinais com a presença do intérprete de apoio. In: II Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais. Florianópolis, 2012. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2012. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais_2012.html. Acesso em 09 maio 2017.

SILVA, R. C. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SILVA, L.; STRAZZI, T. G. **Marcadores Discursivos em Libras**. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 198-217, jul-dez, 2017
Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/47260/24799>. Acesso em: 14 maio 2018.

SILVEIRA, B. Intérprete Surdo: conquistando espaço no campo de conferências no Brasil. In: ALBRES, N. de A. (Org.). **Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias**. Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC, 2017. p. 14-37.

SHENEMAN, N.; COLLINS, P. F. **The Complexities of Interpreting International Conferences: A Case Study**. *International Sign: Linguistic, Usage, and Status Issues*. Gallaudet University Press: Washington, DC, p. 167-191, 2016.

STONE, C. **Toward a Deaf Translation Norm**. Gallaudet University. Washington, D.C. 2009.

STONE, C.; RUSSELL, D. Interpreting in International Sign: Decisions of Deaf and Non-Deaf Interpreters. In: Conference of the World Association of Sign Language Interpreters (WASLI), 2011, Durban, South Africa. **Proceedings...** Durban: WASLI, 2011. p. 100-118.

STONE, C.; RUSSELL, D. Conference Interpreting and Interpreting Teams. In: ADAM, R.; STONE, C; COLLINS, S.D.; METZGER M. **Deaf Interpreters at work**. Gallaudet University: Washington, 2014, p.140-156.

SUPALLA, T.; WEBB, R. The grammar of International Sign: A new look at pidgin languages. In: EMMOREY, K.; REILLY, J.S. **Language, gesture, and space**. Mahwah: Erlbaum, 1995.

WFD-WASLI International Sign Interpreter Accreditation Handbook. [S.l.]: WFD; WASLI, 2016. Disponível em: https://2tdzpf2t7hxmqqhq3njno1y-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2017/02/WFD-WASLI-IS-Interpreter-Accreditation_Handbook-31.8.pdf. Acesso em: 19 fev. 2018

WHYNOT, L. **Telling Showing, and Representing: Conventions of the Lexicon in International Sign Expository Text**. *International Sign: Linguistic, Usage, and Status Issues*. Gallaudet University Press: Washington, DC, p. 35-64, 2016.

WIT, M. de. **Sign Language interpreting in multilingual international settings**. In: MCKEE, R. L.; DAVIS, J. E . Interpreting in multilingual, multicultural contexts. Washington, DC: Gallaudet University Press, p. 226-242, 2010.

WIT, M. de; SLUIS, I. International Sign: An Exploration into Interpreter Preparation. **International Sign: Linguistic, Usage and Status Issues**. Gallaudet University Press. Washington, D.C. 2016, p. 105-135.

WOODS, Xenia. **Sign Language Interpreters: Achieving Authentic Confidence**. Street Leverage, 2014. Disponível em: <https://streetleverage.com/2014/06/sign-language-interpreters-achieving-authentic-confidence/>. Acesso em: 29 maio 2018.

WORLD ASSOCIATION OF SIGN LANGUAGE INTERPRETERS (WASLI). **International Sign Definition**. 2014. Disponível em: <http://wasli.org/international-sign-definition>. Acesso em: 2017.

ZESHAN, U. "Making meaning": Communication between sign language users without a shared language. **Cognitive Linguistics**, v. 26, n. 2, p. 211-260, 2015.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - PGGET

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº _____, cidade _____ - ____.

AUTORIZO o uso de minha imagem na atuação como intérprete de Sinais Internacionais em todo e qualquer material entre fotos e vídeos do evento *COINES (Congresso Internacional e Seminário Nacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos)* entre os dias 6 e 8 de novembro de 2017, realizado no Rio de Janeiro, para ser analisado(a) e utilizado(a) na dissertação de mestrado sobre a pesquisa de interpretação simultânea de Libras e Sinais Internacionais neste congresso, da mestrandia Letícia Fernandes Garcia Wagatsuma Granado, nº de matrícula 201603913, CPF sob nº ***.***.***-43, da Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/UFSC. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do autorizador

Letícia Fernandes Garcia Wagatsuma Granado
leticia.wagatsuma@gmail.com